



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
**COIMBRA**

Luiza Maniassi Ferreira

## **PENSAR E REPENSAR O MANUAL DE HISTÓRIA**

### UM ESTUDO SOBRE AS PERCEPÇÕES E AS UTILIZAÇÕES DOS MANUAIS ESCOLARES NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro e pela Professora Doutora Clara Isabel Calheiros da Silva de Melo Serrano, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## PENSAR E REPENSAR O MANUAL DE HISTÓRIA UM ESTUDO SOBRE AS PERCEPÇÕES E AS UTILIZAÇÕES DOS MANUAIS ESCOLARES NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Pensar e repensar o Manual de História</b>
<b>Subtítulo</b>	<b>Um estudo sobre as percepções e as utilizações dos manuais escolares no ensino e na aprendizagem de História</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Luiza Maniassi Ferreira</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Clara Isabel Calheiros da Silva de Melo Serrano</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutor Luís Carlos Martins d'Almeida Mota</b> <b>2. Doutora Clara Isabel Calheiros da Silva de Melo Serrano</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Ensino de História</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>26-10-2023</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>18 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>17 valores</b>



## **Agradecimentos**

Começo por expressar meu profundo agradecimento à Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro, à Professora Doutora Clara Isabel Serrano e à Professora Fernanda Repas pela disponibilidade e pela orientação, que foram essenciais à realização desse trabalho.

Agradeço à minha família: minha mãe, meu irmão e meu pai, que sempre me acompanham, mesmo de longe. Também sou grata ao Bernardo, à Fernanda e à Rafaela, que me apoiaram em cada passo desse processo.

Por fim, agradeço às professoras e aos professores que conheci ao longo dos anos.

## **RESUMO**

### **Pensar e repensar o Manual Escolar de História**

O presente estudo de caso foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com foco em explorar quais são as formas de apropriação dos manuais escolares no ensino e na aprendizagem de História. O manual é o recurso de apoio à aprendizagem mais acessível aos alunos e que os acompanha durante quase todo o seu percurso pela escolaridade obrigatória. Tendo em conta o peso de sua presença na escola, torna-se essencial investigar como são pensados e apropriados na prática cotidiana. Partindo desta premissa, buscou-se diagnosticar como os manuais escolares de História são percebidos pelos agentes do processo de ensino-aprendizagem, de que forma são utilizados no dia a dia, dentro e fora da sala de aula, e quais são as limitações que podem ser encontradas nas relações com eles estabelecidas, propondo estratégias para colmatá-las. A investigação foi conduzida com uma turma do 8º ano e outra turma do 10º ano, em uma escola pública de Coimbra. A recolha de dados se deu através da observação de dinâmicas de sala de aula e da aplicação de inquéritos por questionário, destinados àqueles que mais interagem com esses materiais no seu cotidiano – alunos, seus encarregados de educação e os professores de História a atuar na escola. O diagnóstico revelou uma realidade possível de identificar em outras escolas portuguesas: que é o recurso de preferência da maioria dos alunos e dos professores, para trabalho dentro e fora da sala de aula. Apontou também a tendência de os estudantes pensarem o manual escolar como autoridade em matéria de História. Muitos não desejavam que algo fosse alterado na composição ou na forma como as matérias são abordadas, talvez por não habitualmente refletirem acerca das narrativas e dos conteúdos do manual, limitando-se a reproduzi-los. Essa forma de relacionarem-se com os livros escolares pode contribuir para cristalizar narrativas históricas e para veicular uma forma de pensar a ciência enquanto fatos fechados e indiscutíveis.

**Palavras-chave:** Manual escolar de História; Percepções dos manuais; Utilizações dos manuais; Conhecimento histórico; Fontes históricas.

## **ABSTRACT**

### **Thinking and rethinking the History Textbook**

This case study was developed within the scope of the Master's degree in Teaching of History in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education, at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra. Its focus was to explore the ways in which textbooks are used in the teaching and learning of History. Textbooks are the most accessible learning resource for students and they accompany them throughout most of their compulsory education. Given the weight of their presence in schools, it is essential to investigate how they are conceived and utilized in everyday practice. Based on this premise, a study was designed to diagnose how textbooks are perceived by the agents of the teaching-learning process, how they are used in day-to-day activities, both inside and outside of history lessons, and what limitations may be encountered, proposing strategies to overcome them. The research was conducted with one class from the 8th grade and another class from the 10th grade, in a public school in Coimbra. Data collection was done through the observation of classroom dynamics and the administration of questionnaires to students, their guardians, and the History teachers working at the school. The diagnosis revealed a reality that is probably identifiable in other Portuguese schools: textbooks are the preferred resource for the majority of students and teachers, for both in-class and out-of-class work. It also pointed out the tendency for students to perceive the textbook as an authority in History. Many did not wish for anything to be changed in the composition or the way the subjects are approached, possibly because they do not habitually reflect on the narratives and contents of their textbook, merely reproducing them. This way of relating to textbooks can contribute to crystallize historical narratives and to perpetuate a view of science as composed of closed and unquestionable facts.

**Keywords:** History textbook; Perceptions of textbooks; Uses of textbooks; Historical knowledge; Historical sources.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – A Prática Pedagógica Supervisionada .....</b>	<b>5</b>
1.1. Caracterização da escola .....	5
1.2. Caracterização das turmas .....	6
1.3. A experiência da Prática Pedagógica Supervisionada.....	8
<b>CAPÍTULO II – Os manuais escolares – enquadramento teórico.....</b>	<b>14</b>
2.1. Enquadramento teórico.....	14
2.2. Os manuais escolares na História da Educação.....	18
2.3. As funções e as potencialidades do manual .....	23
2.4. As limitações e os desafios.....	28
<b>CAPÍTULO III – Caracterização do estudo .....</b>	<b>31</b>
3.1. Participantes .....	31
3.2. Metodologias .....	32
3.3. Intervenções e instrumentos de recolha de dados.....	33
3.3.1 Inquéritos.....	33
3.3.2 Atividades de intervenção pedagógica .....	34
<b>CAPÍTULO IV – Análise e discussão de resultados.....</b>	<b>39</b>
4.1. Inquéritos por questionário.....	39
4.2. Primeiro inquérito aos alunos.....	40
4.3. Inquérito aos encarregados de educação .....	55
4.4. Inquérito aos professores de História .....	59
4.5. Inquérito complementar aos alunos do 10º ano.....	64
<b>CAPÍTULO V – A intervenção pedagógica .....</b>	<b>67</b>
5.1. Interpretação de fontes escritas .....	67
5.2. Páginas do Manual Escolar da Turma.....	70
<b>Conclusões.....</b>	<b>83</b>
<b>Documentos enquadradores .....</b>	<b>93</b>
<b>Legislação .....</b>	<b>93</b>
<b>Manuais Escolares.....</b>	<b>94</b>

<b>Bibliografia .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>102</b>

## Introdução

O livro é um fermento<sup>1</sup>.

Mesmo com o advento das tecnologias digitais, os livros impressos ainda aparecem indissociáveis da escola e da cultura escolar. São os grandes suportes materiais do conhecimento escrito, transportados nas mochilas e lidos por professores e por alunos. Na receita do ensino e da aprendizagem, composta pelos mais variados ingredientes, seriam o “fermento”, como chamou Lucien Febvre. E, dos muitos livros que circulam nos espaços escolares, talvez os mais marcantes seriam os manuais escolares.

“[...] é um facto incontornável que o manual escolar é o detentor de autoridade em áreas tão importantes como a educação, a cultura e a sociedade [...].

A sua relevância reside, entre outros aspectos, na capacidade de transmitir claramente os objectivos do ensino, de organizar os saberes, de enunciar experiências de vida comuns, de exercer uma fiscalização mais efectiva do currículo e de permitir um ensino mais económico à disposição de uma escola massificada. Na óptica do aluno, o manual assume o papel de auxiliar na aquisição de conhecimentos, de estimulador do trabalho autónomo e de incentivador da leitura”<sup>2</sup>.

A afirmação apresentada acima, feita por Ana Bela Pereira há mais de dez anos atrás, evidencia a posição incontornável que se reservava (e continua a reservar) ao manual escolar no universo da educação obrigatória. Este é o recurso de apoio à aprendizagem mais acessível aos alunos, tanto da perspectiva económica quanto cultural. Como a autora aponta, historicamente detém um estatuto de enorme autoridade, especialmente entre os estudantes, mas também junto às famílias, às comunidades e aos professores. Frequentemente o primeiro livro com que os alunos têm contato<sup>3</sup>, o manual os acompanha durante quase todo o seu percurso pela educação obrigatória, funcionando como ponto de referência nos estudos e guia para compreenderem a progressão das suas aprendizagens.

---

<sup>1</sup> Paul Chalus, “Apresentação”, in Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*. (São Paulo: Edusp, 2017), 44.

<sup>2</sup> Ana Bela Pereira, “Manuais Escolares: estatutos e funções”, *Revista Lusófona de Educação* 15, no. 15 (2010): 191-94. <https://revistas.ulsofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1533>.

<sup>3</sup> Lino Moreira da Silva, “Manuais Escolares e frequência de bibliotecas”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 476-7.

Os manuais são objetos bastante complexos<sup>4</sup>. Produzidos por autores e por editores, refletem os desígnios dos documentos curriculares e das políticas educativas, destinam-se a apoiar estudantes e docentes no processo de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, garantem ao Estado e à sociedade a transmissão dos saberes e dos valores que consideram essenciais para a sua perpetuação<sup>5</sup>. Para compreendê-los é preciso entender como organizam os conhecimentos, quais as orientações pedagógicas e didáticas que seguem e quais valores e visões de mundo que veiculam. Mas, como Isabel Afonso identifica, também é essencial olhar para como são pensados e apropriados na prática cotidiana das salas de aula, entender quais os desafios e os potenciais que os seus utilizadores identificam, para poder melhorar as formas como são concebidos e utilizados<sup>6</sup>.

Nesse sentido, vale destacar um questionamento levantado por Xavier Roegiers e François-Marie Gérard:

“Será necessário referir aqui que a formação dos alunos é também essencial para uma boa utilização do manual?”<sup>7</sup>.

A indagação dos autores é pertinente, porque é comum ver educadores assumirem que o livro escolar é demasiado evidente e que a sua utilização não implica uma reflexão especial<sup>8</sup>. Entretanto, os manuais são recursos didáticos e, desta forma, se quisermos que os alunos desenvolvam relações mais frutíferas com os seus materiais, é preciso dar-lhes as ferramentas necessárias para tal.

Estas são as premissas que enquadram a problemática deste relatório, a partir das quais foi colocada a seguinte questão de investigação:

---

<sup>4</sup> Rui Vieira de Castro, “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 189.

<sup>5</sup> Clara Isabel Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, *Estudos do Século XX*, no. 8 (2008): 249.

<sup>6</sup> Maria Isabel Bexiga Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário” (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialização em Educação em História e Ciências Sociais, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013), 20, <https://hdl.handle.net/1822/34606>.

<sup>7</sup> François-Marie Gérard e Xavier Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares* (Porto: Porto Editora, 1998), 33.

<sup>8</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017), 3, <https://hdl.handle.net/10216/105533>.

## **Como são utilizados, pensados e apropriados os manuais escolares da disciplina de História, nas perspectivas dos alunos, dos professores e dos encarregados de educação?**

É relevante averiguar esses aspectos da relação com os manuais escolares, pois permite detectar problemáticas e desenvolver uma prática pedagógica mais embasada.

Para melhor dar resposta à questão de investigação e organizar o processo de pesquisa que dela decorre, foram desenhados os seguintes objetivos específicos:

- Verificar quais são os modos de utilização dos manuais escolares de História por alunos e por professores.
- Verificar quais são os modos de apropriação dos manuais escolares de História por alunos e por professores.
- Compreender quais são as percepções de alunos, de professores e de encarregados de educação sobre os manuais escolares de História.
- Desenvolver e aplicar estratégias para buscar colmatar fragilidades identificadas no uso do manual escolar de História.

O estudo aqui descrito foi desenvolvido no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. A intervenção pedagógica apresentada nesse relatório foi implementada com duas turmas de uma escola secundária no centro de Coimbra: uma turma de 8º ano, composta por 26 alunos, e uma turma de 10º ano, composta por 29 alunos.

O primeiro capítulo deste relatório realiza a caracterização da experiência da Prática Pedagógica Supervisionada, apontando as principais atividades desenvolvidas em contexto de estágio e realizando uma reflexão acerca da evolução enquanto docente em formação. Apresenta, também, uma breve descrição da escola e das turmas com que foram desenvolvidos os trabalhos.

O segundo capítulo, por sua vez, centra-se no enquadramento teórico da problemática que é alvo de investigação. Esta parte do trabalho dá conta dos principais estudos que já foram realizados acerca dos manuais escolares, em Portugal e no mundo. Desenvolve, também, uma contextualização histórica dos manuais, descrevendo a evolução do seu estatuto e funções desde a origem até a atualidade. Por fim, o capítulo apresenta uma discussão acerca das principais

funções e potencialidades desse recurso didático, demonstrando a sua relevância dentro do processo de ensino e aprendizagem, e das principais limitações e desafios que a sua utilização levanta.

O terceiro capítulo foca na investigação desenvolvida ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada. Apresenta uma breve caracterização dos participantes do estudo, a metodologia e os instrumentos de recolha de dados adotados e o desenho das atividades de intervenção pedagógica implementadas.

No quarto e no quinto capítulo realizamos a descrição e a análise dos resultados obtidos no decorrer do estudo. O Capítulo IV centra-se nos dados obtidos através do diagnóstico por inquéritos, enquanto o Capítulo V analisa os resultados das atividades de intervenção pedagógica. Sempre que pertinente, os dados foram cruzados com aqueles obtidos em outros trabalhos semelhantes.

Finalmente, o último capítulo apresenta as conclusões obtidas através do trabalho desenvolvido.

## CAPÍTULO I – A Prática Pedagógica Supervisionada

### 1.1. Caracterização da escola

A prática pedagógica supervisionada desenvolveu-se em uma escola secundária pública no centro de Coimbra, localizada próximo da Universidade de Coimbra e dos centros hospitalares da cidade.

A sua oferta educativa compreende o 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º ano) e o Ensino Secundário, o qual se divide em Cursos Científico-Humanísticos (Artes Visuais, Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades) e em Cursos Profissionais (Técnico de Turismo, Técnico de Multimédia, Técnico Auxiliar de Saúde e Técnico de Gestão e Programação de Sistemas de Informática).

A escola está inserida em diversos projetos, tais como Erasmus+, Clube Europeu, Educação para a Saúde e Educação Social, Eco-escolas, Plano Nacional de Cinema, Projeto Nacional de Certificação em Língua Inglesa, Clube de Ciência Viva, entre outros. A nível de avaliação, adota as diretrizes do Projeto Maia. Quanto a plataformas digitais, para o apoio à lecionação, adota a Google *Classroom*, através da qual professores podem disponibilizar materiais e receber trabalhos e mensagens enviados pelos estudantes.

Os dois níveis de ensino compartilham os espaços escolares. As salas não são atribuídas exclusivamente a nenhuma disciplina ou turma, de maneira que os alunos e professores se deslocam durante os intervalos. Cada sala de aula é equipada com quadro negro ou branco, computador e projetor. Entretanto, o tamanho, o estado de conservação e as condições de visibilidade e de luminosidade variam significativamente conforme a sala.

Por fim, os manuais adotados pela escola para os níveis de 8º e 10º ano, de História e de História A, durante o ano letivo de 2022/2023, foram:

- Maia, Cristina e Ana Margarida Maia e Ana Margarida Caraméz e Jorge Pereira Araújo. *Vamos à História – História – 8º ano*. Porto: Porto Editora, 2022.
- Rosas, Maria Antónia Monterosso e Célia Pinto do Couto e Elisabete Jesus. *Entre Tempos – História A – 10º ano*. Porto: Porto Editora, 2022.

## 1.2. Caracterização das turmas

Durante os dois primeiros meses do estágio pedagógico, ficou acordado com a professora orientadora que os estagiários deveriam acompanhar, na posição de observadores, quatro turmas. Consistiam em duas turmas de 8º ano e duas de 10º ano (História A), identificadas nesse trabalho como 8ºX, 8ºY, 10ºZ e 10ºW, de forma a garantir o seu anonimato. Posteriormente, dividiríamos as turmas entre os dois estagiários, de forma que cada um lecionasse a duas turmas e observasse as aulas lecionadas pelo colega às outras duas.

Entretanto, em novembro, o segundo professor estagiário deixou o estágio. Face a essa mudança, foi decidido que não seria mais necessário acompanhar as turmas onde atuava apenas como observadora, prosseguindo somente com as duas a que já tinha começado a lecionar aulas, o 8ºX e o 10ºZ.

As turmas de 8º ano possuíam dois tempos letivos semanais, de duração de 50 minutos cada, um durante o período matutino e outro durante o período vespertino. Já as turmas de 10º ano, por sua vez, possuíam 6 tempos letivos semanais, também de 50 minutos cada. Duas vezes por semana, duas aulas vinham conjugadas em blocos de 100 minutos, interrompidos por um intervalo de 5 ou 10 minutos.

A caracterização das turmas aqui apresentada baseou-se na observação das aulas e em informações obtidas pelas respectivas diretoras de turma durante o primeiro mês letivo, disponibilizadas aos outros docentes através da plataforma online INOVAR. Estas me foram cedidas pela professora orientadora, que também atuava como diretora de turma do 10ºZ.

No início do ano letivo, a turma do 8ºX era composta por 26 alunos. As idades variavam entre os 12 e os 15 anos, sendo que a média e a moda correspondiam a 13 anos de idade (80,7% dos estudantes). Os restantes, 11,5% tinham 12 anos e 7,6% tinham 14 ou 15 anos.

De maneira geral, a turma apresentava um nível de comportamento suficiente para o desenvolvimento das aprendizagens, com parte dos alunos demonstrando que trabalhavam e estavam interessados em participar nas atividades. Durante as aulas, estes estavam atentos, respondiam às questões da docente e colocavam dúvidas sobre os conteúdos. Já outros frequentemente interrompiam as aulas com conversa paralela e demonstravam desatenção e desinteresse face às atividades propostas.

Os alunos apresentaram, ao longo do ano letivo, heterogeneidade nos ritmos de trabalho. Havia estudantes que enfrentavam dificuldades e precisavam de mais tempo para alcançar os objetivos propostos, enquanto outros progrediam com maior facilidade. Alguns casos mais pontuais demonstravam interesse em aprofundar mais as matérias, desenvolvendo o hábito de colocar perguntas às docentes ao final da aula.

O aproveitamento geral é bom, com muitos alunos com classificações elevadas. As classificações mais baixas devem-se, na maioria dos casos, a dificuldades de aprendizagem, a falta de concentração e de atenção nas aulas e a ausência de hábitos de leitura e de estudo regular.

A turma do 10ºZ, por sua vez, era composta por 29 alunos. As suas idades variavam entre os 14 e os 16 anos, de forma que 13,8% dos estudantes tinham 14 anos, 72,4% tinham 15 anos e 13,8% tinham 16 anos de idade no início do ano letivo.

O comportamento dos alunos em sala de aula era suficiente, de maneira geral, ainda que alguns casos apresentassem muita agitação e conversas paralelas à aula. Parte dos estudantes afirmava ter interesse em seguir para o ensino superior e determinados alunos expressavam interesse em aprender e tirar boas notas, de maneira a ter acesso ao curso de sua escolha no futuro. Outros casos, no entanto, demonstravam com frequência desinteresse nos assuntos da escola e falta de responsabilidade.

O trabalho desenvolvido com o 8ºY e o 10ºW foi breve, de maneira que apenas observei cerca de dois meses de aulas e participei, junto da professora orientadora, em uma saída de estudos do 10ºW para o Museu Nacional Machado de Castro. Apesar do tempo reduzido, considero que seja de interesse incluir uma caracterização breve destas duas turmas a seguir.

O 8ºY era composto por 21 alunos, cujas idades variavam entre os 12 e os 15 anos, com uma média de 13,3 anos. A maioria dos estudantes tinham 13 anos, representando 57,1% da turma, enquanto 23,8% tinham 14 anos, 9,5% tinham 12 anos e 9,5% tinham 15 anos de idade. Enquanto o 10º W era composto por 28 alunos, na faixa de idades entre 14 e 15 anos, dos quais 71,4% dos estudantes tinham 15 anos e 28,6% tinham 14 anos.

### **1.3. A experiência da Prática Pedagógica Supervisionada**

A Prática Pedagógica Supervisionada revelou-se uma oportunidade essencial de contato direto e prático com as realidades da docência. Os meus conhecimentos acerca do ensino, até dar início ao estágio pedagógico, eram essencialmente teóricos ou fruto de experiências na posição de aluna. Logo, a prática em sala de aula foi muito enriquecedora, pois permitiu que adentrasse o outro lado da escola, encarnando o papel de docente. Durante um ano letivo, pude contactar com alunos, funcionários, professores e estagiários de diferentes disciplinas, experienciando as vivências da escola.

O estágio significou a adaptação à significativa carga de trabalho associada à profissão docente. O rigor de horários e de prazos imposto pelos afazeres escolares e a necessidade de equilibrar todas as tarefas demandaram esforço, assim como a consolidação de um sentido de organização, de responsabilidade e de profissionalismo.

Criou a oportunidade, também, de confrontar com as minhas dificuldades e de tentar encontrar maneiras para superá-las. Nesse sentido, as apreciações colocadas pela professora orientadora do estágio durante as sessões de trabalho semanais foram de grande ajuda, pois permitiam ter acesso a um olhar mais experiente sobre a minha prática letiva. As reuniões do núcleo de estágio ocorriam regularmente às terças-feiras, mas também em outros dias, quando necessário, e foram importantes espaços de aprendizado. Para além da discussão e da planificação das aulas a serem lecionadas, as sessões eram aproveitadas pela professora orientadora de estágio para fornecer indicações sobre o trabalho com os estudantes, para explicar o trabalho de direção de turma, para discutir as planificações a médio e a longo prazo, para preparar e discutir a avaliação dos alunos, entre outros.

O estágio pedagógico teve início com a apresentação à escola no dia 27 de setembro de 2022 e com a apresentação às turmas no dia seguinte, 28 de setembro. O ambiente em que decorreu foi positivo e fui acolhida pela comunidade escolar sem dificuldades. Durante toda a prática letiva prezei por tentar conhecer e entender os alunos, suas características e dificuldades, algo que considero de grande importância para a construção de uma relação positiva. Também tive a oportunidade de desenvolver relações cordiais com os funcionários da escola, com os núcleos de estágio de outras disciplinas e com alguns dos professores. Sempre fui bem recebida em todos os espaços e pude participar em diferentes reuniões e eventos.

O único desafio de adaptação encontrado deveu-se às condições físicas e tecnológicas das salas de aula. Estas, por vezes, apresentavam cadeiras danificadas, luminosidade excessiva, baixa visibilidade das projeções e má conexão à internet. Isso afetou a elaboração de recursos e a planificação de atividades letivas, sobretudo com dificuldades impostas ao uso efetivo de recursos digitais e audiovisuais. Os problemas foram parcialmente resolvidos a partir de fevereiro/março de 2023, quando foram instalados novos projetores em algumas salas. Entretanto, também cabe apontar que estes desafios refletem a realidade do sistema de ensino e um professor deve buscar as melhores formas de atuar dentro das condições disponíveis.

Durante setembro e a primeira metade de outubro de 2022, observei as aulas lecionadas pela professora orientadora a quatro das suas turmas, como descrito no subcapítulo anterior. Na altura da realização dos testes e das questões-aula do primeiro período letivo, foi-me solicitado que acompanhasse alguns alunos das turmas de 8º ano, com direito a medida de leitura de prova, para realizá-la em uma sala separada na biblioteca.

Em meados de novembro de 2022, com a saída do colega de estágio, prossegui o restante do ano letivo como a única professora estagiária de História na escola. Infelizmente, esta situação privou-me de poder assistir às aulas de outro estagiário, de trocar ideias e impressões acerca dos trabalhos desenvolvidos ou de elaborar atividades em conjunto. Nesse contexto, o contato com os restantes colegas do Mestrado em Ensino de História e o acompanhamento da professora orientadora provaram-se extremamente importantes.

Antes de começar a assegurar aulas, tive de desenvolver as minhas competências de planificação. As planificações a longo prazo estavam prontas quando começou a Prática Pedagógica Supervisionada mas, no início de outubro, a professora orientadora solicitou que elaborasse uma planificação a médio prazo para o 10ºZ, focada nos conteúdos relacionados à Roma Antiga. Isto exigiu pensar a distribuição das aprendizagens numa sequência de aulas, encaixando as tarefas a serem realizadas dentro do conjunto, algo que continuei a fazer nos períodos seguintes ao delinear a abordagem das temáticas que lecionei.

As planificações de curto prazo exigiram que aperfeiçoasse as capacidades de selecionar a quantidade adequada de conteúdo, de estabelecer objetivos de aprendizagem e de selecionar/elaborar recursos didáticos pertinentes. Outro desafio era colocado pela heterogeneidade de ritmos de aprendizagem entre os alunos, algo que teve de ser considerado no planeamento das lições.

A minha primeira experiência à frente de uma aula ocorreu, por fim, no dia 25 de outubro de 2022, quando lecionei duas aulas, num bloco de 100 minutos, ao 10º ano. Na altura, o desconforto e nervosismo fizeram com que subaproveitasse o uso de materiais didáticos e do registro no quadro, resultando em uma aula acentuadamente expositiva.

As primeiras oportunidades para lecionar permitiram perceber que sentia dificuldades, especialmente, em gerir o tempo e o nível de complexidade das discussões, para não me alargar demasiado em um assunto ou documento e depois não ter tempo suficiente para outras atividades. Senti dificuldades, também, ao nível da comunicação, de manter um bom tom de voz e dar as ênfases necessárias ao discurso. Além disto, tive de dar a volta a alguns problemas gerados pela desatualização dos equipamentos de som e de projeção nas salas, algo que procurei fazer através da distribuição de fichas de trabalho impressas e da simplificação das apresentações em Powerpoint utilizadas, no sentido de aumentar a dimensão das imagens e retirar os textos, tornando-as mais visíveis.

No decorrer de todo o estágio, lecionei um total de 40 aulas de 50 minutos (no caso do 10º ano, algumas destas estavam coladas em blocos de 100 minutos). Durante o primeiro período letivo (de setembro a dezembro), passei a maior parte do tempo a observar aulas, tendo ministrado apenas 8 aulas. Já no segundo período (janeiro a março), ficou acordado com a professora orientadora que eu lecionaria a unidade sobre o Renascimento e as Reformas religiosas ao 8ºX, ao longo de uma sequência de 12 aulas. No terceiro período (abril a junho), por fim, peguei na unidade acerca da abertura europeia ao mundo e do Renascimento com a turma do 10ºZ, num total de 20 aulas. Essa forma de trabalhar, lecionando as unidades na sua totalidade, permitiu que planejasse/aplicasse as aulas em continuidade. Podia lançar ideias que eram retomadas em lições seguintes e preparar diferentes momentos de motivação, desenvolvimento, revisão e consolidação ao longo dos períodos. Isto ajudou-me, também, a desenvolver as capacidades de gestão do tempo letivo.

A continuidade da prática permitiu ganhar mais conforto com a posição de docente e com a interação com as turmas, aumentando a confiança com que coloco perguntas, conduzo o debate e respondo a dúvidas levantadas pelos alunos. Trabalhei extensivamente no sentido de desenvolver a minha comunicação, a dinâmica das aulas e o ritmo de trabalho, sempre com o objetivo de melhorar constantemente a minha prática letiva. No decorrer do ano houve uma importante evolução e, mais próximo do fim da Prática Pedagógica Supervisionada, consegui dar aulas com maior vivacidade do discurso e com bom envolvimento dos estudantes.

Ao final do estágio, muitas destas dificuldades tinham sido superadas, ainda que reste espaço para continuar a desenvolver a lecionação. Tornei-me capaz de planejar e executar conjuntos alargados de aulas, com rigor científico, com uma linha coesa de raciocínio e com momentos claros de motivação, revisão e consolidação das aprendizagens. Posso desenvolver e aplicar atividades de pesquisa e trabalho em grupos, orientando e dando *feedback* aos alunos, que podem alargar-se no espaço de várias lições. Consigo projetar e corrigir momentos de avaliação diagnóstica, formativa e sumativa e desenvolvi a minha capacidade de gerir as relações em sala de aula, de forma a criar um ambiente propício à aprendizagem.

Entretanto, mesmo que a Prática Pedagógica Supervisionada seja uma etapa essencial na formação docente, esta estende-se para muito além desse momento inicial. Tenho aspectos na minha prática profissional que tenho de continuar a desenvolver, no sentido de me aproximar ao tipo de professora que quero vir a ser.

Porque levei algum tempo dentro do estágio para adquirir conforto e confiança suficientes em sala de aula, apenas comecei a me sentir pronta para experimentar com os recursos e práticas pedagógicas num ponto mais avançado do ano letivo, quando as limitações de tempo tornam essa experimentação mais difícil. Por conta disto, sinto que ainda tenho espaço para trazer mais criatividade e inovação à prática pedagógica, no sentido de desenvolver aulas mais dinâmicas e de fomentar a participação ativa e o interesse em aprender dos alunos.

Para além da experiência dentro da sala de aula, também tive a oportunidade de participar em outros tipos de atividades. Nos dias 22 e 23 de novembro, pude auxiliar a professora orientadora na realização de uma saída da escola com as duas turmas de 10º ano de História A. Juntos, deixamos o edifício escolar e caminhamos até o Museu Nacional Machado de Castro, onde os estudantes realizaram uma visita guiada ao Criptopórtico romano de *Aeminium*. Apesar do tempo ter sido limitado, devido à saída ter se realizado no espaço de dois tempos letivos, foi bastante rica e criou a oportunidade para os alunos observarem presencialmente algumas das características da construção e do urbanismo romanos que eu tinha lecionado nas semanas anteriores. Além disso, permitiu ancorar os conteúdos mais amplos sobre o Império Romano na História Local da cidade de Coimbra. Já no dia 16 de novembro, pude acompanhar a professora orientadora e a aluna delegada do 10ºZ em um evento intitulado “Conversas na Escola”, dinamizado no âmbito do projeto “Dia Mundial das Cidades – Direito de Cidadania e Cultura”. O objetivo era discutir a “escola enquanto cidade” e consistiu em uma caminhada guiada pelo edifício da escola orientada por professores do Departamento de

Arquitetura da Universidade de Coimbra. Foi promovido um debate com os alunos e com os docentes presentes acerca de diversos aspectos dos espaços escolares: da sua história, dos seus usos, da sua manutenção e de como poderiam ser melhorados.

Ao final do primeiro período, pude auxiliar na correção de parte dos testes realizados pelos estudantes do 8ºX. No segundo período, elaborei a Questão-Aula desta turma, selecionando as questões e os documentos que considerasse necessários. Fiquei responsável pela criação dos critérios de avaliação e pela correção das provas, sempre com auxílio e acompanhamento da professora orientadora. No decorrer de todo o estágio, também continuei a aplicar as avaliações a alunos com direito a leitura de prova e a realização de testes em sala separada.

Fui convidada a participar, enquanto ouvinte, de um conjunto de reuniões: duas reuniões dos Conselhos de Turma do 8ºX e do 10ºZ, uma reunião com os encarregados de educação do 10ºZ, duas reuniões do Departamento de Línguas e Humanidades, três reuniões do Grupo Disciplinar, uma reunião de Diretores de Turma, três reuniões de avaliação do 8ºX e do 10ºZ e uma reunião de seleção dos manuais escolares de História para o 9º e o 12º. Essa oportunidade me permitiu conhecer um outro lado da docência, de planificação, de organização e de trabalho colaborativo, que fica para além da sala de aula.

Particpei também de uma reunião de planificação do projeto DAC (Domínio de Autonomia Curricular) do 10ºZ, a qual gerou uma série de atividades curriculares das diversas disciplinas que se relacionavam à temática do património religioso. Para o caso da disciplina de História, isto se consolidou em um trabalho de pesquisa e recolha de informação realizado em grupos de 4 integrantes. Estes foram enviados pelos alunos e transformados num *e-book*. Contribuí para a orientação desses trabalhos e realizei a transposição dos resultados para o livro online, algo que exigiu também identificar as imagens selecionadas pelos estudantes e explicitar a proveniência da informação dos grupos que não forneceram bibliografia.

Em outubro, logo ao início do estágio, foi elaborado um Plano Individual de Formação (PIF). Este enumerava minhas expectativas para a Prática Pedagógica Supervisionada, assim como as atividades letivas e extraletivas que me propunha a realizar durante o decorrer do estágio (ver **Anexo 1**). Chegado o final desse processo, é possível afirmar que o plano foi devidamente concretizado em essencialmente todos os seus pontos.

Com a observação das turmas durante o período inicial do estágio, logo me saltou à atenção a importância do manual escolar na dinâmica em sala de aula. Pude perceber que este recurso estava quase sempre presente na lecionação das matérias, de forma que os alunos pareciam esperar que ditasse os ritmos de aprendizagem. Registrei em diário de observação situações em que estudantes demonstravam insatisfação quando a professora abordava assuntos não presentes no livro ou quando não seguia a sequência do manual, saltando páginas e utilizando-o de forma não cronológica. Por vezes, alguns alunos questionavam a informação apresentada pela docente, caso sentissem que não estava completamente de acordo com o livro. Registrei, também, reclamações dos professores e dos estudantes relacionadas aos manuais escolares de História e à sua utilização.

Fora do contexto de sala de aula, presenciei situações em que encarregados de educação questionaram a escolha de um professor não utilizar o manual nas suas aulas, argumentando que gerava confusão para os alunos.

Foram estas dinâmicas que despertaram o meu interesse por compreender de que forma alunos, docentes e encarregados de educação pensam os manuais escolares de História. Quis averiguar qual o papel que ocupam no cotidiano escolar e de que formas estas percepções impactam, positiva ou negativamente, os usos que lhe são dados pelos diferentes agentes do processo de ensino e de aprendizagem.

A investigação que será descrita nos capítulos a seguir foi desenvolvida em decorrência de alguns desses questionamentos, fruto da observação direta das dinâmicas de algumas salas de aula de História.

Antes de adentrar no diagnóstico realizado, o capítulo 2 deste trabalho realizará a contextualização histórica do surgimento e da evolução dos manuais escolares em Portugal, o enquadramento teórico da investigação atualmente disponível sobre esta temática e a discussão das potencialidades e das limitações do manual enquanto recurso didático.

## CAPÍTULO II – Os manuais escolares – enquadramento teórico

### 2.1. Enquadramento teórico

De acordo com Falk Pingel, considera-se que a investigação sobre o objeto dos manuais escolares teve início durante o período de entreguerras na Europa, dinamizada por incentivo da Sociedade das Nações. O objetivo desses estudos era, sobretudo, revisar a forma como os manuais de diferentes países representavam a sua história, de forma a tentar eliminar sentimentos nacionalistas e hostis à figura do “Outro”. Havia já naquela época uma percepção de que os livros didáticos, especialmente os de História, tinham poder de moldar visões de mundo e identidades. As revisões de materiais didáticos buscavam, assim, fomentar um clima de compreensão e cooperação entre nações, em uma tentativa de evitar a criação de uma atmosfera de ódios semelhante à que tinha levado ao início da Primeira Grande Guerra<sup>9</sup>.

As tentativas da Liga das Nações conseguiram gerar algum desenvolvimento na crítica aos manuais escolares durante as décadas de 1920-30. Entretanto, animosidades faziam com que a maioria dos governos não estivessem abertos à colaboração e à interferência de agentes externos nos seus sistemas de ensino. A maioria dos materiais didáticos mantiveram seus conteúdos estereotipados e nacionalistas, uma vez que as tentativas de cooperação na sua revisão somente conseguiram sucesso entre países que já possuíam uma sólida tradição de boas relações. Após a interrupção causada pela II Guerra Mundial, esse esforço de cooperação e revisão de manuais escolares foi retomado pela UNESCO<sup>10</sup>.

Em 1946, as Nações Unidas incentivaram a publicação de uma série de princípios orientadores para a cooperação entre Estados membro na revisão de livros didáticos. No entanto, poucos avanços foram obtidos durante as três décadas seguintes. Surgiu a percepção de que, para ultrapassar os impasses, seria necessária uma nova abordagem global, fruto de novas temáticas e novas metodologias de trabalho<sup>11</sup>.

Em 1974, a UNESCO confirmou a importância do desenvolvimento de estudos comparativos entre manuais e da disseminação de valores universais, que orientariam a

---

<sup>9</sup> Falk Pingel, *UNESCO guidebook on textbook research and textbook revision* (Paris e Braunschweig: Georg Eckert Institute for International Textbook Research, 2010), 9, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000117188>.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 9-11.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 11.

produção de materiais escolares voltados para o desenvolvimento de atitudes tolerantes. Nesse mesmo ano, foi desenvolvida uma série de trabalhos comparativos de manuais escolares à escala internacional. Na sequência desses acontecimentos, em 1988, foi realizada uma conferência no *Georg Eckert Institute* que abriu uma nova perspectiva neste ramo de estudos: estudá-los no contexto da sala de aula, para além do conteúdo e das intenções dos autores e dos currículos<sup>12</sup>. A partir da década de 1990, muito da investigação e da revisão de manuais escolares à escala internacional têm se voltado para os objetivos de construir materiais que promovam valores ligados à multiculturalidade e ao respeito pelas diferenças<sup>13</sup>.

Apesar das iniciativas das instituições internacionais, até as décadas de 1970-80, a maioria dos investigadores e historiadores prestaram pouca atenção aos manuais escolares, uma vez que, devido às grandes quantidades em que eram impressos e sua reduzida longevidade, eram fontes pouco valorizadas. A incompletude e dispersão das coleções também dissuadiam muitos pesquisadores de explorá-los<sup>14</sup>.

Desde então, as linhas de investigação de manuais ganharam atenção e diversificaram-se, incentivadas pela criação de diversos projetos e centros de investigação, congregando equipas de investigadores de áreas diversas. Estes centros desenvolveram trabalhos de inventariação e seriação de livros escolares, algo essencial para o desenvolvimento de estudos.

Alguns exemplos são: a Rede EMMANUELLE, sob direção de Alain Choppin, centrada no estudo de livros franceses; o *Centro de Investigación MANES*<sup>15</sup>, na Espanha, que estuda sobretudo manuais escolares de Espanha, de Portugal e da América Latina; a *Int. Association for Research on Textbooks and Educational Media* (IARTEM)<sup>16</sup>, sediada nos Países Baixos, focada no estudo de manuais e mídias educacionais; o *Georg Eckert Institute* (GEI)<sup>17</sup>, uma associação internacional, com sede na Alemanha, que promove o estudo acerca dos conteúdos, da produção e da apropriação de mídias educacionais nos seus contextos sócio-

---

<sup>12</sup> Pingel, *UNESCO guidebook on textbook research and textbook revision*, 11-4.

<sup>13</sup> *Ibid.*, 16-8.

<sup>14</sup> Alain Choppin, “O historiador e o livro escolar”, *História da Educação* 6, no. 11, (abr. 2002): 6-8, <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30596>.

<sup>15</sup> *Centro de Investigación Manuales Escolares MANES*, disponível em: <https://www.centroman.es/>. Último acesso em: 15/01/2023.

<sup>16</sup> *Int. Association for Research on Textbooks and Educational Media – IARTEM*, disponível em: <https://iartem.org/>. Último acesso em: 15/01/2023.

<sup>17</sup> *Georg Eckert Institute – GEI*, disponível em: <https://www.gei.de/en/>. Último acesso em: 15/01/2023.

históricos, políticos e econômicos; o Projeto LIVRES<sup>18</sup>, que foca a construção de uma base de dados para o estudo de livros escolares brasileiros, entre outros.

Os manuais escolares são objetos polifônicos e polivalentes, logo, seu estudo pode adotar muitas perspectivas de análise. Pode ser feita uma análise quantitativa e serial dos livros escolares, por segmento de ensino ou por área disciplinar. Também pode ser realizada uma análise qualitativa e comparativa do seu conteúdo, dos seus documentos escritos e iconográficos, assim como das suas orientações didáticas e metodológicas, com muitos trabalhos realizados sob essa perspectiva. Alguns exemplos em Portugal são a tese de doutoramento de Cristina Maia (2010)<sup>19</sup>, alguns dos trabalhos na obra *O manual escolar no ensino da História* (2018)<sup>20</sup>, coordenada por Glória Solé e Isabel Barca, e o artigo de Clara Isabel Serrano e Sérgio Neto (2022)<sup>21</sup>. Foram feitos, também, muitos estudos centrados no processo de concepção dos manuais escolares, tais como a obra de François-Marie Gérard e Xavier Roegiers<sup>22</sup> e o trabalho desenvolvido por Falk Pingel em colaboração com a UNESCO<sup>23</sup>.

A partir da década de 1970, historiadores começaram a estudar a evolução histórica dos manuais escolares e a adotá-los enquanto fontes para o estudo da história da educação e da história das ideias. Nessas linhas, os estudos de Alain Choppin, centrados na realidade francesa, tornaram-se referência para a historiografia do manual. Para o caso português, os trabalhos de Justino Magalhães são os de maior relevo na História do Manual Escolar<sup>24</sup>.

---

<sup>18</sup> Projeto LIVRES – Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros, disponível em: <http://www2.fe.usp.br:8080/livres/>. Último acesso em: 25/08/2023.

<sup>19</sup> Cristina Maria Ferreira da Costa Ribeiro Maia, “Guerra Fria e manuais escolares – Distanciamentos e Aproximações. Um retrato em duas décadas de Manuais escolares europeus (1980-2000)” (Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010), <https://hdl.handle.net/10216/53894>.

<sup>20</sup> Glória Solé e Isabel Barca, coord., *O Manual Escolar no Ensino da História: Visões Historiográficas e Didáticas* (Lisboa: Associação de Professores de História APH, 2018), <https://aph.pt/o-manual-escolar-no-ensino-da-historia-visoes-historiograficas-e-didaticas/>.

<sup>21</sup> Clara Isabel Serrano e Sérgio Neto, “De Clio a Cassandra. Perceções da União Europeia nos manuais de História portugueses”, *Revista de História das Ideias* 40 (2022): 327-47, <https://impactum-journals.uc.pt/rhi/article/view/9875>.

<sup>22</sup> François-Marie Gérard e Xavier Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares* (Porto: Porto Editora, 1998).

<sup>23</sup> Pingel, *UNESCO guidebook on textbook research and textbook revision*, 83 p.

<sup>24</sup> Justino Magalhães, *O mural do tempo: manuais escolares em Portugal* (Lisboa: Colibri, 2011). Ver também: Justino Magalhães, “O Manual Escolar no Quadro da História Cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal”, *Revista de Ciências da Educação*, no. 1 (2006): 1-20, <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/35>; Justino Magalhães, “Os manuais escolares na história da educação”, in *A Investigação em História da Educação: novos olhares sobre as fontes na era digital*, coordenado por Cláudia Pinto Ribeiro et. al. (Porto: CITCEM, 2021), 181-92. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19060.pdf>.

Outra possível linha de análise, que mais dialoga com a temática deste trabalho, é a de investigar os manuais escolares no âmbito da relação com os seus destinatários, aqueles que utilizam o livro didático no dia a dia. O foco recai principalmente em compreender as suas modalidades de apropriação e de uso enquanto materiais didáticos. Dentro desse enquadramento, alguns trabalhos buscam entender quais são as percepções dos alunos e professores acerca dos manuais escolares, a fim de compreender as relações mais íntimas estabelecidas entre estes agentes e um recurso didático muito importante para o ensino. Procuram saber como os livros escolares são selecionados, como são utilizados na prática e quais são os conhecimentos sobre as suas potencialidades e limitações que professores e alunos acumularam através do uso cotidiano.

Não são muitos os trabalhos produzidos em Portugal que se centram no estudo dos usos e dos papéis dos manuais nas dinâmicas de ensino e aprendizagem. Dentre eles, podem ser destacados: os estudos de Isabel Afonso (2013)<sup>25</sup>, centrados nas perspectivas de alunos e professores do ensino secundário acerca do manual escolar de História, a dissertação de mestrado de António Manuel Cerqueira Rego (2014)<sup>26</sup>, que foca nas percepções de alunos do 3º ciclo do Ensino Básico sobre os manuais de História e Geografia, assim como o relatório de estágio de Nelson Jorge de Castro Araújo (2017)<sup>27</sup>, o mais recente nessa linha, que investiga as preferências e as percepções dos professores de História acerca do manual da disciplina. Outro exemplo de interesse é o relatório de estágio pedagógico de Carlos Fernando Machado Costa (2015)<sup>28</sup>, o único neste conjunto a incluir o estudo das opiniões dos encarregados de educação acerca do manual escolar de História, para além das opiniões de alunos e de professores.

---

<sup>25</sup> Maria Isabel Bexiga Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário” (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialização em Educação em História e Ciências Sociais, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013), <https://hdl.handle.net/1822/34606>; Ver também: Isabel Afonso, “O manual escolar em educação histórica: perspectivas de alunos e professores portugueses do ensino secundário”, *Diálogos* 19, no. 1 (jan.-abr. 2015): 261-74, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305538472013>; Isabel Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, *Revista de Teoria da História* 12, no. 2 (dez. 2014): 140-78, <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/33423>.

<sup>26</sup> António Manuel Cerqueira Rego, ““Vamos aprender com o Manual?” Percepções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia” (Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014), <https://hdl.handle.net/10216/74627>.

<sup>27</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017), <https://hdl.handle.net/10216/105533>.

<sup>28</sup> Carlos Fernando Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de

## 2.2. Os manuais escolares na História da Educação

A origem do conceito de “manual escolar” é relativamente recente. Até o século XVIII, na maioria dos países ocidentais, não existia um termo único e compreensivo que designasse um conjunto coerente de livros destinados para o uso escolar. Diversos termos foram e são utilizados para indicar essas obras, tais como: compêndio, cartilha, antologia, livro de leitura, livro didático etc. Para Alain Choppin, a multiplicidade de denominações demonstra o estatuto complexo historicamente ocupado por esses livros, cujas fronteiras sempre foram um tanto difusas<sup>29</sup>.

Os primeiros livros sistematicamente utilizados em contexto educativo surgiram em meados do século XVIII, quando as sociedades científicas, interessadas em incentivar a divulgação das ciências, começaram a apoiar a publicação de versões simplificadas dos tratados científicos. Essas obras ficaram conhecidas como compêndios e não eram exclusivamente destinadas ao público escolar, ainda que tenham sido utilizadas dessa maneira<sup>30</sup>.

Os manuais escolares, enquanto livros especificamente produzidos com o intuito de apoiar o ensino de uma determinada matéria no âmbito da educação escolar<sup>31</sup>, surgiram no fim do Antigo Regime. As revoluções liberais, que se alastraram pela Europa durante o século XIX, carregaram consigo uma nova noção de educação, vista como essencial para a formação do indivíduo. Passava às entidades estatais a responsabilidade de garantir acesso à educação a todos os cidadãos<sup>32</sup>.

A expansão do ensino público obrigatório, impulsionada pelos Estados liberais, impôs transformações nas metodologias de ensino. Afirmou-se o ensino simultâneo em classe, apoiado por um livro de uso individual dos alunos e estruturado em disciplinas autônomas, com saberes e valores organizados por nível de escolaridade. Como afirma Augusto Monteiro, o manual escolar “foi mais um instrumento na organização do sistema de instrução pública”<sup>33</sup>, afirmando-se como o principal suporte para o texto escrito e para a prática da leitura individual.

---

História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015), <http://hdl.handle.net/10400.3/3766>.

<sup>29</sup> Alain Choppin, “O manual escolar: uma falsa evidência histórica”, *História da Educação* 13, no. 27 (jan./abr. 2009): 15-26, <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29026>.

<sup>30</sup> *Ibid.*, 32.

<sup>31</sup> Alain Choppin, *Les manuels scolaires: histoire et actualité* (Paris: Hachette, 1992), 6-12.

<sup>32</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo – Manuais Escolares em Portugal*, 47-8.

<sup>33</sup> Augusto José Monteiro, “A (re)valorização de outras fontes históricas: a problemática dos manuais escolares”, in *Outros Combates pela História*, coordenado por Maria Manuela Tavares Ribeiro (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010), 345, [10.14195/978-989-26-0199-1\\_25](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_25).

É por essa razão que as instituições políticas lhe delegaram o papel de guiar o ensino e definir o currículo durante quase um século<sup>34</sup>.

Segundo Justino Magalhães, do século XVIII até o terceiro quartel do século XIX, o manual escolar e a escola sobrepunham-se, com este funcionando como um determinador do currículo, das aprendizagens e das metodologias de trabalho. Estudos das regulamentações estatais e das listas de obras aprovadas também demonstram que outros livros, não necessariamente pensados para o contexto escolar, eram mais frequentemente usados do que os manuais. Esse período na história do livro didático caracterizou-se pela grande diversidade de obras adotadas, algo que tendeu a reduzir com a progressiva unificação do sistema escolar e, conseqüentemente, do manual<sup>35</sup>.

Em Portugal, após a vitória liberal e a pacificação do país, houve uma série de tentativas de implementar reformas estruturais no ensino. Entretanto, estas falharam em consolidar o ensino obrigatório, deixando fortes lacunas na educação do povo. Em meados do século XIX, estima-se que cerca de 85% da população estava em algum nível de analfabetismo. Apesar das reformas continuarem, no início do século XX a situação não tinha se alterado significativamente<sup>36</sup>.

O estatuto do manual começou a consolidar-se no decorrer dos oitocentos, conforme o sistema de ensino se estruturava, unificando as pedagogias e organizando os currículos para os diferentes ciclos de escolaridade. O acesso à escola cresceu, levando a que a política do governo face ao livro escolar se inclinasse no sentido de maior rigor no controle dos conteúdos e dos textos, com a criação de instituições responsáveis por avaliar e aprovar os livros de escola<sup>37</sup>. O manual passou a atuar como repositório dos conhecimentos escolares e como instrumento de consulta para os estudantes, parte do processo de autonomização da prática da leitura. Apresentavam, especialmente no caso da disciplina de História, um caráter enciclopédico<sup>38</sup>. Nesse contexto, as bibliotecas das escolas ganharam importância, armazenando os vários compêndios e livros<sup>39</sup>. Como coloca Justino Magalhães:

---

<sup>34</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo – Manuais Escolares em Portugal*, 123-5.

<sup>35</sup> Justino Pereira de Magalhães, “Um apontamento para a História do Manual Escolar: entre a produção e a representação”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 285.

<sup>36</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 8-10.

<sup>37</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo – Manuais Escolares em Portugal*, 48-65.

<sup>38</sup> *Ibid.*, 121.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 32-3.

“A superação da alfabetização em sede escolar, conducente e associada a uma primeira experiência leitora, estruturadora da aprendizagem, tornou necessário multiplicar e diversificar a oferta livreira, dentro de um quadro normalizado, e fazê-la acompanhar de catálogos e guias que assegurassem a orientação do leitor criança e do leitor adulto. [...] Autores e editores incidiam na busca de conteúdos de natureza histórica e moralista; na conversão em texto [...] de informações de natureza e técnica, consuetudinárias e úteis para a vida e para a economia privadas; na socialização do conhecimento, reificando o colectivo escolar. Pode verificar-se a existência de conteúdos recolhidos na tradição popular, sob a forma de contos, adágios, sentenças, adivinhas; conteúdos oriundos da história pátria, modelados por heróis e mártires; conteúdos retirados da história religiosa [...]”<sup>40</sup>

Com a viragem para o século XX, os livros escolares continuaram a ser alvo de rigoroso controle estatal e tenderam a acompanhar os desígnios ideológicos dos diferentes regimes que se seguiram. Durante a Primeira República, os manuais passaram a ser encarados como essenciais no apoio à iniciação à leitura e ao combate ao analfabetismo, algo visto como vital para formar os novos cidadãos, que deveriam ser portadores dos ideais cívicos republicanos.<sup>41</sup> Mais tarde, com a Ditadura Militar e o Estado Novo, houve a viragem para uma lógica minimalista do ensino básico, que levou à redução do tempo de ensino obrigatório para três anos<sup>42</sup>. Como explica Nelson Araújo, através da política do “livro único”, o manual escolar de História no Estado Novo tornou-se o transmissor da identidade nacional e da visão de mundo totalizantes impostas pelo regime:

“[...] Na Reforma do Ensino Liceal de 1936, estabelecia-se que a História tem função importantíssima na formação cívica dos cidadãos (Carvalho, 2005, p. 97), ao mesmo tempo que se instituiu uma orientação única e definida para o ensino desta disciplina em todo o Ensino Liceal (Carvalho, 2005, pp. 98-99) tendo-se, deste modo, procedido à “imposição coerciva da hegemonia do «historicismo neo-metódico»”, que decorreu entre os anos de 1930 e 1974, e que assentava no reconto de episódios e feitos grandiosos das etapas mais significativas da História de Portugal (Nunes, 2013, p. 59). [...]

As várias perspetivas dos principais responsáveis estão contidas nos programas e nos manuais escolares. Observando-se, na sua globalidade, os programas de ensino de História e das suas várias integrações disciplinares [...], é evidente a seleção de matérias: para o caso português, a grande ausência do programa de 1936 é a Revolução Russa e a referência ao socialismo (Decreto n.º 27085, 1936, p. 1265) dando-se, no caso do 6.º ano de escolaridade, pouca relevância ao

---

<sup>40</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo – Manuais Escolares em Portugal*, 33-4.

<sup>41</sup> *Ibid.*, 65-70.

<sup>42</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Reformas do ensino não superior durante as Ditaduras Ibéricas (1936-1973): Ensino da História, controlo da Memória Histórica e da Identidade Histórico-Cultural” (Tese de Doutoramento em História, História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022), 47.

regime republicano – de que se acentua a anarquia reinante, que apenas terá resolução com o golpe do 28 de maio de 1926 (Decreto n.º 27085, 1936, p. 1266).”<sup>43</sup>

Após a redemocratização, os currículos e o papel da escola são repensados, com o objetivo de democratizar a educação. Houve a diversificação do campo editorial, com a multiplicação de opções de manuais escolares. A partir das décadas de 1980-90, os livros passaram a compartilhar um espaço cada vez maior com outros recursos didáticos e mídias educacionais, tais como cadernos de exercícios, quadros de leitura, plataformas digitais etc., com a afirmação da lógica de que o livro tem também de ser apelativo para os alunos. Com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, editoras começaram a criar manuais escolares virtuais, com recursos variados, como complementos aos manuais impressos, algo que tirou um pouco da “autoridade” de que se recobriam<sup>44</sup>. No entanto, os manuais “tradicionais” tendem a manter a predominância nas salas de aula, devido à sua maior acessibilidade, ao fato de não serem afetados pelos mesmos condicionalismos que os recursos digitais e ao desconforto de muitos docentes com novas metodologias<sup>45</sup>.

Da segunda metade do século XX em diante surgiram também os manuais do professor. Desde o fim do século XIX, existiam materiais destinados aos docentes, geralmente na forma de anexos aos manuais dos alunos ou de publicações periódicas, com orientações para a condução das aulas e estruturação dos conteúdos. Entretanto, foi um século mais tarde que se consolidou a prática das editoras produzirem livros exclusivos para os professores, com correções das atividades propostas aos alunos, indicações para a exploração dos materiais dos estudantes e sugestões pedagógicas e didáticas<sup>46</sup>.

A partir de 2016, mudanças foram implementadas no sentido de democratizar o acesso aos livros escolares para os alunos da rede pública de ensino em Portugal. No Orçamento de Estado para esse ano, aprovado em 30 de março de 2016<sup>47</sup>, foi determinado que os manuais

---

<sup>43</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Reformas do ensino não superior durante as Ditaduras Ibéricas (1936-1973): Ensino da História, controlo da Memória Histórica e da Identidade Histórico-Cultural” (Tese de Doutoramento em História, História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022), 386-7.

<sup>44</sup> Rego, ““Vamos aprender com o Manual?” Perceções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia”, 27-9.

<sup>45</sup> Maria Glória Solé, “A história nos manuais escolares do ensino primário em Portugal: representações sociais e a construção de identidade(s)”, *Historia y Memoria de la Educación*, no. 6 (2017): 91, <https://hdl.handle.net/1822/47748>; Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 13-4.

<sup>46</sup> Choppin, “O manual escolar: uma falsa evidência histórica”, 54-6.

<sup>47</sup> “Lei nº 7-A/2016 de 30 de Março”, *Diário da República*, 1ª Série (30 de Março de 2016): 1096, <https://files.dre.pt/1s/2016/03/06201/0000200244.pdf>.

escolares passariam a ser distribuídos gratuitamente para as crianças que ingressassem no 1º ano do 1º ciclo do ensino básico. Nos Orçamentos para os anos seguintes, de 2017 e 2018, essa medida foi alargada, progressivamente, para todos os alunos do 1º ciclo<sup>48</sup> e todos os alunos do 2º ciclo do ensino básico da rede pública portuguesa<sup>49</sup>. Por fim, em 2019 foi estabelecida a gratuidade dos manuais escolares para toda a escolaridade obrigatória a partir do início do ano letivo de 2019/2020<sup>50</sup>.

O regime de gratuidade foi estabelecido sob uma política de reutilização dos manuais distribuídos. Dessa forma, todos os livros obtidos sem custos devem ser devolvidos à escola em boas condições ao final do ano letivo, ou após a realização dos exames, no caso das disciplinas sujeitas. No ano seguinte, a plataforma MEGA, responsável pelo controle e (re)distribuição dos manuais, disponibiliza aos estudantes vales para que levarem os livros daquele ano letivo junto a uma livraria ou uma escola. Entretanto, os alunos que não devolverem o manual dentro dos critérios de boa conservação determinados pelo estabelecimento de ensino podem ter de devolver o valor do manual ou ficarem impedidos de obter materiais gratuitos no ano seguinte<sup>51</sup>.

A medida de gratuidade e reutilização dos manuais tinha como principal objetivo reduzir as desigualdades no ensino público e contribuir para a democratização do acesso a um recurso de grande importância para o processo de aprendizagem, assim como promover o uso mais ecologicamente sustentável dos materiais escolares<sup>52</sup>. Entretanto, é também necessário averiguar se teve outros impactos na forma como os estudantes podem utilizar e se apropriar dos seus livros.

Ao fim deste breve percurso pela História do manual escolar, vale destacar uma afirmação de Glória Solé, no artigo intitulado “A história nos manuais escolares do ensino primário em Portugal...”:

“Ao longo de várias décadas os MEs sofreram grandes mudanças, devido a opções políticas, exigências da sociedade, políticas educativas e da própria função da escola. No entanto, continua

---

<sup>48</sup> “Lei nº 42/2016 de 28 de Dezembro”, *Diário da República*, 1ª Série (28 de Dezembro de 2016): 4908, <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/42-2016-105637672>.

<sup>49</sup> “Lei nº 114/2017 de 29 de Dezembro”, *Diário da República*, 1ª Série (29 de Dezembro de 2017): 6807, <https://dre.pt/application/conteudo/114425586>.

<sup>50</sup> “Lei nº 96/2019 de 4 de Setembro”, *Diário da República*, 1ª Série (4 de Setembro de 2019): 67-68, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/lei\\_96\\_2019\\_gratuidade\\_manuais\\_escolares.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/lei_96_2019_gratuidade_manuais_escolares.pdf).

<sup>51</sup> “Despacho nº 921/2019 de 24 de Janeiro”, *Diário da República*, 2ª Série (24 de Janeiro de 2019): 3543-8, <https://files.dre.pt/2s/2019/01/017000000/0354303548.pdf>.

<sup>52</sup> Lusa. 2019. “Parlamento aprova inscrição na lei da gratuidade de manuais escolares até ao 12.º ano”. *Público*, 14 de junho de 2019. <https://www.publico.pt/2019/06/14/sociedade/noticia/parlamento-aprova-inscricao-lei-gratuidade-manuais-escolares-ate-12-ano-1876424>. Último acesso em: 26/08/2023.

a ser o recurso mais utilizado por estudantes e professores, considerado por muitos como um organizador das atividades e conteúdos que o professor deve lecionar. Apesar de poder ser pensada esta função como prescritiva, ele pode funcionar como meio de formação pelas inovações pedagógicas, científicas e historiográficas ao serviço do professorado, e como um recurso didático que ajuda a resolver a diversidade cultural e os desequilíbrios formativos de muitos jovens”<sup>53</sup>.

De fato, os manuais escolares sofreram grandes alterações e assumiram novas funções no decorrer dos dois últimos séculos, mas não deixaram de ocupar um espaço de destaque dentro das escolas. São materiais complexos e diversos, cujo uso apresenta tanto potencialidades quanto limitações. Estas serão abordadas nos próximos subcapítulos.

### 2.3. As funções e as potencialidades do manual

A definição de manual escolar é objeto de alguma discussão entre investigadores. Alguns autores, tal como Justino Magalhães<sup>54</sup>, Alain Choppin<sup>55</sup> e Kazumi Munakata<sup>56</sup>, consideram que não é possível haver um consenso, devido à grande diversidade de contextos culturais, educacionais, políticos, sociais etc. em que se inserem estes objetos. Outros, com o intuito de delimitar seus objetos de estudo, tentam apresentar a suas conceptualizações do manual.

Xavier Roegiers e François-Marie Gérard o definem como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”<sup>57</sup>. Marcelo Cigales e Amurabi Oliveira, adotam a definição de que “os livros escolares são os livros que são utilizados na escola, mas com motivações e fins que transcendem a instituição escolar”<sup>58</sup>. Rui Vieira de Castro, por sua vez, afirma que “sendo os manuais escolares um repositório dos conteúdos legitimados *na* escola e *para* a escola são, em simultâneo, uma tecnologia para a transmissão daqueles, integrando aspectos relativos à

---

<sup>53</sup> Solé, “A história nos manuais escolares do ensino primário em Portugal: representações sociais e a construção de identidade(s)”, 92.

<sup>54</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo: manuais escolares em Portugal*, 15-24.

<sup>55</sup> Choppin, “O manual escolar: uma falsa evidência histórica”, 74-5.

<sup>56</sup> Kazumi Munakata, “Livro didático como indício da cultura escolar”, *Hist. Educ.* 20, no. 50 (set./dez. 2016): 121, <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>.

<sup>57</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 47.

<sup>58</sup> Gabriela Ossenbach e Miguel Somoza, “*Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*” (Madri: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2009). Tradução apresentada em: Marcelo Cigales e Amurabi Oliveira, “Aspectos metodológicos na análise de manuais escolares: uma perspectiva relacional”, *Revista Brasileira de História da Educação* 20 (2020): 4, <https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e099>.

sequência e ao ritmo da sua transmissão [...]”<sup>59</sup>. Já Nelson Araújo o define como “o livro aglutinador dos recursos e textos de apoio necessários a dada disciplina, com adequação ao ano de escolaridade a que se destina, possuindo uma estrutura didática para melhor interiorização das matérias por parte do aluno”<sup>60</sup>.

A legislação portuguesa, através da Lei nº 47/2006, de 28 de agosto de 2006, define o manual como:

“o recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de actividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor”<sup>61</sup>.

Observando as diversas conceptualizações de manual escolar existentes, é possível notar que a maioria das definições compartilham algumas ideias. Os manuais tendem a ser descritos como instrumentos didáticos, materializados em livros e impressos em papel, que reúnem um conjunto de conhecimentos provenientes de uma dada área do saber. A seleção destes conhecimentos é feita por agentes externos, que detém uma certa visão sobre como deve se dar a educação dos jovens, obedecendo a influências políticas, culturais e socioeconômicas. Mais importante, são produzidos com a intenção de que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem de uma disciplina escolar.

No contexto dos países ocidentais, os manuais podem ser entendidos como recursos pedagógico-didáticos, que, pautando-se por uma série de objetivos definidos pelos autores e por documentos curriculares, buscam promover um determinado conjunto de aprendizagens. Para tal, podem propor atividades variadas e abordar diferentes conteúdos. Seu estatuto se define através tanto das intenções da sua produção, quanto da utilização que lhes é dada dentro do contexto escolar<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> Castro, “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”, 189-90.

<sup>60</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 21.

<sup>61</sup> “Lei nº 47/2006 de 28 de Agosto”, *Diário da República*, 1ª Série (28 de Agosto de 2006): 6213. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/47-2006-540784>.

<sup>62</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 19.

Tal como apontado por Gérard e Roegiers, uma das características mais importantes dos manuais é a sua capacidade de desempenharem diferentes funções, dentro e fora da sala de aula. Quais funções exercem em um dado momento varia de acordo com o seu utilizador, a disciplina em que se insere e quais são os objetivos daqueles que o elaboraram<sup>63</sup>. Esse caráter polivalente é mesmo reconhecido no seu enquadramento legal, como é visível na definição apresentada pela Assembleia da República, acima transcrita.

Nas mãos do aluno, o manual escolar pode preencher diferentes funções ligadas às aprendizagens das disciplinas, um papel que mais tradicionalmente se associa a este recurso. Estas podem ser:

- Transmitir conhecimentos;
- Desenvolver capacidades e competências;
- Consolidar as aquisições;
- Avaliar as aquisições<sup>64</sup>;
- Organizar e orientar a aprendizagem<sup>65</sup>;
- Promover a autonomização da aprendizagem do aluno;
- Promover a diferenciação pedagógica<sup>66</sup>;
- Cumprir os objetivos dos programas curriculares<sup>67</sup>.

Além das utilizações ligadas ao processo de ensino de conteúdos disciplinares, os manuais podem exercer funções de interligação das aprendizagens escolares com a vida cotidiana e a futura vida profissional dos alunos. Estas incluem: a função de ajuda na integração das aquisições, que se refere a proposição de atividades para que os alunos aprendam a utilizar os saberes escolares em situações externas à escola; a função de referência, ligada a quando o manual atua como instrumento de pesquisa do estudante que busca uma informação precisa sobre dado assunto; e, por fim, a função de educação social e cultural, que diz respeito à transmissão de atitudes e de saberes sobre como comportar-se em sociedade, sobre saúde e

---

<sup>63</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 74.

<sup>64</sup> *Ibid.*, 75-81.

<sup>65</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 15.

<sup>66</sup> *Ibid.*, 22.

<sup>67</sup> Isabel Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, *Revista de Teoria da História* 12, no. 2 (dez. 2014): 148-9, <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/33423>.

higiene, sobre sexualidade etc., geralmente de uma forma secundária e integrada aos conhecimentos disciplinares<sup>68</sup>.

Os manuais escolares também são destinados aos docentes, que recebem das editoras os manuais do professor, junto de acesso a recursos digitais e a extensos dossiês de apoio à lecionação. Logo, podem exercer funções relativas a esses profissionais. Estas são:

- Fornecer informação científica e de conhecimento geral (que se pressupõe que os professores não têm imediatamente disponível)<sup>69</sup>;
- Fornecer formação pedagógica ligada à disciplina;
- Fornecer soluções de atividades dirigidas aos alunos;
- Fornecer indicações para a análise e interpretação dos materiais disponíveis;
- Ajudar nas aprendizagens e na gestão das aulas;
- Ajudar na avaliação das aquisições<sup>70</sup>;
- Apoiar na promoção de competências, atitudes e valores;
- Guiar a seleção e hierarquização dos saberes a ensinar<sup>71</sup>;
- Guiar a planificação.

Alguns autores apontam que os manuais também podem cumprir papéis ligados aos encarregados de educação. Como indica Isabel Afonso, muitas vezes é através dos livros que estes se inteiram do currículo, acompanham e auxiliam a aprendizagem dos seus educandos<sup>72</sup>.

Vale ressaltar que nem todos os manuais exercem todas essas funções e que a importância que lhes é dada nas aprendizagens também varia com frequência. Além disso, as finalidades nem sempre são explicitamente apresentadas no texto, por vezes, podem aparecer apenas implicitamente.

A investigação indica, portanto, que o manual escolar ainda ocupa uma posição de grande destaque dentro da educação em Portugal. Diversos autores afirmam que, como qualquer outro recurso, os manuais trazem potencialidades para enriquecer o ensino e a aprendizagem.

---

<sup>68</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 81-3.

<sup>69</sup> Castro, “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”, 192.

<sup>70</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 89-91.

<sup>71</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 22.

<sup>72</sup> Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, 149.

Gérard e Roegiers defendem que devem ser concebidos de uma maneira aberta, que não feche em si mesmo o processo de ensino e aprendizagem, mas sim aja como um “suporte que deve ser completado ou utilizado de maneira diferente consoante determinado contexto específico”<sup>73</sup>. Para os autores, o manual do professor deve apenas lhe dar ferramentas diversas e suscitar a reflexão, não fornecer instruções excessivamente limitantes para a gestão das aulas.

Pensando a dimensão da utilização e da apropriação, Ana Parracho Brito aponta que os docentes devem entender os manuais como um auxiliar do seu trabalho e orientar os estudantes a consumi-los de uma maneira crítica. Desta forma, o livro se torna um importante instrumento na comunicação educacional, capaz de registrar as mensagens e torná-las mais acessíveis aos alunos<sup>74</sup>. Isabel Afonso toma uma posição bastante semelhante, afirmando que “haverá [...] professores que entendem o manual como uma primeira abordagem dos programas e um material exclusivamente auxiliar do seu processo de ensino, assumindo uma posição crítica face aos conteúdos ali expostos”<sup>75</sup>.

Para esta autora, um manual escolar de História será bom se for estruturado tendo em conta três dimensões: o desenvolvimento da percepção e da significância histórica; o cuidado com a atualização das interpretações e o rigor metodológico e narrativo dos seus textos; e a orientação dos alunos para que se tornem capazes de relacionar os conhecimentos do passado com as suas experiências do presente, no sentido de formarem uma opinião histórica<sup>76</sup>.

Quando cuidadosamente pensados, concebidos e apropriados, os manuais escolares ainda podem ser instrumentos poderosos a serviço do processo de ensino e aprendizagem. Por esta razão, torna-se relevante pensar os discursos que veiculam, as formas que são utilizados na prática e os papéis que ocupam dentro e fora da escola. Além disso, é importante ter em consideração que os manuais, quando mal concebidos e/ou utilizados, podem operar em detrimento do ensino da História. Estes livros podem apresentar certas problemáticas, algumas das quais serão discutidas neste trabalho.

---

<sup>73</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 89.

<sup>74</sup> Ana Parracho Brito, “A problemática da adoção dos manuais escolares: critérios e reflexões”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 147-8.

<sup>75</sup> Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, 149.

<sup>76</sup> *Ibid.*, 150.

## 2.4. As limitações e os desafios

Como exposto até aqui, os manuais escolares exercem uma grande autoridade sobre os processos de ensino e aprendizagem. Segundo Ana Parracho Brito, essa influência não é inerentemente positiva ou negativa:

“O manual escolar é transmissor de valores afectivos, estéticos, sociais, intelectuais e espirituais. Por isso, o livro escolar é incentivador do desenvolvimento ou do desinteresse da criança, ou do jovem, pela actividade escolar. Qualquer obra transmite algo ao leitor e os alunos não são alheios a esta influência, quer esta seja positiva ou negativa”<sup>77</sup>.

Entretanto, os manuais apresentam uma série de desafios quando utilizados. Os investigadores que quiserem pensar esses materiais, têm que ter em consideração as suas limitações. Estas tanto podem ser inerentes a como os manuais são concebidos e produzidos, quanto provenientes da forma como são entendidos e como os seus utilizadores engajam com eles.

Como aponta Rui Vieira de Castro, a forma como alguns manuais escolares e manuais do professor são construídos e organizados incentiva uma preocupante desprofissionalização da classe docente. Os “guias” destinados aos professores frequentemente contém informação científica básica, orientações pormenorizadas para a interpretação de documentos e textos, soluções de questões elementares e bibliografia de apoio. A forma como são elaborados implica o desconhecimento da disciplina pelo docente e o encerramento deste nas informações contidas no livro didático. Apresentam, também, sugestões pormenorizadas de atividades e de metodologias a aplicar, fichas prontas de trabalho e de avaliação, indicações pedagógicas e didáticas e, até mesmo, transcrições de extratos dos documentos curriculares, dando a entender que os professores também pouco sabem sobre pedagogia ou sobre a didática específica da sua disciplina<sup>78</sup>.

Falando ainda ao nível da sua elaboração, os manuais escolares podem apresentar outras falhas. Por vezes, seus produtores não fazem boas escolhas de imagens e de documentos, não organizam bem as aprendizagens e a mancha de texto, ou não elaboram índices organizados e cuidados. Alguns manuais podem apresentar problemas de rigor científico e metodológico, assim como de adequação ao nível dos seus utilizadores, que ficam visíveis nos textos e nas propostas de atividades. Além disso, podem não estar bem preparados para exercer a função de

---

<sup>77</sup> Brito, “A problemática da adopção dos manuais escolares: critérios e reflexões”, 145.

<sup>78</sup> Castro, “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”, 191-5.

referencial para o estudo e para a pesquisa individual do aluno, por não tomar a devida atenção às regras da citação ou não indicar fontes para a continuidade da aprendizagem<sup>79</sup>.

Este último elemento formal, implicitamente motiva um entendimento do manual enquanto “livro único” pelos alunos, que raramente buscam conhecimento em outras fontes e tomam o que está neles contido como verdade única, fechada e dogmática<sup>80</sup>. É uma visão que toma o manual como completo em si mesmo, de forma que seria desnecessário integrar outros recursos e fontes às aprendizagens<sup>81</sup>.

Por consequência, os manuais escolares frequentemente veiculam uma imagem da ciência enquanto fato já fechado e dado, parte de um todo harmonioso, indiscutível e autossuficiente, que esconde a natureza aberta e em constante transformação do método científico<sup>82</sup>. Isto é verdade para os manuais de História, os quais tendem a apresentar uma narrativa histórica pronta e a esconder as formas como o conhecimento histórico se constrói<sup>83</sup>.

A seleção dos seus conteúdos também não é neutra. O manual funciona como um instrumento do Estado para controlar o ensino e fazer cumprir os programas. De forma mais ou menos explícita, ele transmite valores, legitima instituições e visões de mundo, internaliza narrativas sobre o passado<sup>84</sup>. Como coloca Justino Magalhães, o “manual favorece, mas também silencia objectos do saber – saberes e pontos de vista”<sup>85</sup>. Os currículos de História e, conseqüentemente, os seus livros didáticos tendem a privilegiar uma história política, eurocêntrica, factual, centrada nas grandes estruturas socioeconômicas, nos grandes homens e nos grandes feitos nacionais<sup>86</sup>, colocada como mais verdadeira que outras formas de olhar para o passado.

O fato da utilização do manual ser obrigatória, contrariando a lógica de prazer e de descoberta que marca a maioria dos livros, tende a afastar os estudantes do gosto pelo estudo e

---

<sup>79</sup> Silva, “Manuais Escolares e frequência de bibliotecas”, 47.

<sup>80</sup> *Ibid.*, 479-81.

<sup>81</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 88-9.

<sup>82</sup> Jorge Valadares, “A Ideologia nos Manuais Escolares”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 515-6.

<sup>83</sup> Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, 250.

<sup>84</sup> *Ibid.*, 250-6.

<sup>85</sup> Magalhães, “Um apontamento para a História do Manual Escolar: entre a produção e a representação”, 287.

<sup>86</sup> Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, 257.

pela leitura<sup>87</sup>. A sua apropriação pelos alunos não é completamente livre, porque obedece à mediação do docente<sup>88</sup>.

Como coloca Clara Serrano na conclusão do artigo “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”,

“é necessária uma reflexão, uma problematização e uma avaliação das suas funções, do seu estatuto, do seu poder, dos seus efeitos, dos seus processos de concepção, de difusão e de apropriação. É importante que esse estudo se cumpra, para que mudanças reais, efectivas e prementes se possam introduzir na sua elaboração. Para que cesse o tão temido poder dos manuais escolares, [...]. Para que deixe de ser um produto acabado e se constitua como o resultado de uma história em movimento, relativa, aproximada, provisória. Para que deixe de conter e ser ele mesmo representado e interpretado como sendo a verdade. E se constitua, à semelhança da História, como de resto referiu o historiador Lucien Febvre, "como uma verdade de ensaio, destinada a ser posta em prova, em confronto com outras verdades".”<sup>89</sup>

Dado o exposto, é possível afirmar que o manual escolar é uma ferramenta relevante na sala de aula, com potencial democratizador do acesso ao conhecimento e à leitura, na medida em que é o único livro distribuído gratuitamente aos estudantes e que os acompanha durante todo o percurso escolar. É de interesse fazer o melhor uso possível das suas potencialidades, sempre numa lógica de complementariedade com outras estratégias e recursos de ensino-aprendizagem, tendo consciência das limitações que apresenta. Esses foram os princípios que orientaram a elaboração do presente estudo, o qual será descrito em mais detalhes nos próximos capítulos.

---

<sup>87</sup> Silva, “Manuais Escolares e frequência de bibliotecas”, 477.

<sup>88</sup> Magalhães, “Um apontamento para a História do Manual Escolar: entre a produção e a representação”, 284.

<sup>89</sup> Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, 258-9.

## **CAPÍTULO III – Caracterização do estudo**

### **3.1. Participantes**

Esta investigação estrutura-se em torno de duas vertentes principais. A primeira centra-se na realização de um diagnóstico das formas como os manuais escolares de História são utilizados, apropriados e pensados por diferentes agentes dos processos educativos, os estudantes, os professores de História e os encarregados de educação. Já a segunda vertente, diretamente decorrente da anterior, busca desenvolver e aplicar estratégias para tentar corrigir alguns dos problemas identificados a partir dos resultados obtidos.

O primeiro momento do estudo, que procura dar resposta aos três primeiros objetivos específicos estabelecidos, foi desenvolvido com duas turmas: uma turma de História do 8º ano do Ensino Básico (8ºX) e uma turma de História A do 10º ano do Ensino Secundário (10ºZ). O segundo momento, por sua vez, foi desenvolvido apenas com os alunos do 10ºZ.

O comportamento dos alunos em sala de aula é suficiente, de maneira geral, ainda que alguns casos apresentem muita agitação e conversas paralelas à aula. Determinados alunos expressam interesse em aprender e tirar boas notas, enquanto outros demonstram desinteresse nos assuntos da escola e falta de responsabilidade. Muitos estudantes apresentam falta de hábitos de estudo regular, de leitura e de trabalho autônomo. Há alunos que não realizam as tarefas que são solicitadas, participam pouco nas aulas e demonstram dificuldades de atenção. Isto acarreta uma forte heterogeneidade no aproveitamento das turmas e afetou alguns dos resultados das intervenções pedagógicas aplicadas.

Os encarregados de educação do 8ºX e do 10ºZ também foram convidados a participar no primeiro momento, de realização de inquéritos. Entretanto, apesar de ter sido encaminhada uma mensagem com a descrição do estudo a realizar e um pedido de colaboração, a sua adesão foi reduzida. No total, 23 encarregados de educação responderam, 12 do 10ºZ e 11 do 8ºX. A maioria dos participantes identificaram-se como mães dos educandos, com apenas 3 que se identificaram como pais e um como representante legal do estudante. As idades desses encarregados variam entre os 38 e os 61 anos e a maior parte indicou possuir ensino superior completo (11 encarregados), com grau de licenciatura ou de mestrado. De resto, seis encarregados afirmaram possuir o ensino secundário completo, dois afirmaram possuir o ensino básico completo e quatro não indicaram grau de formação académica.

Por fim, os professores de História da escola também foram inquiridos. Contribuíram todos os cinco docentes, dos quais, quatro lecionam há mais de 30 anos e um leciona há 5 anos.

### 3.2. Metodologias

A investigação desenvolvida ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada, tendo em vista dar resposta à questão de investigação e aos objetivos específicos propostos, pode ser enquadrada como uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo.

De acordo com Antonio Carlos Gil, uma pesquisa exploratória tem como objetivo explicitar uma questão ou um fenômeno, de forma a aprimorar a sua compreensão em múltiplas facetas, estando frequentemente associada a metodologias de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso<sup>90</sup>. O seu planeamento é flexível, de forma a permitir averiguar aspectos do problema conforme vão sendo levantados pelo investigador. Já uma pesquisa descritiva, como o nome indica, descreve as características de uma população ou fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis, e é muitas vezes empregada na averiguação de atitudes e de opiniões de um grupo através de levantamentos padronizados com questionário e observação sistemática<sup>91</sup>.

Dentro desses objetivos enquadramentos, foram adotados os procedimentos da metodologia de estudo de caso. Esta abordagem foi selecionada, porque é a que melhor se adequa às condições de realização do presente trabalho, dado a pequena escala da amostra, o tempo reduzido e o fato de se tratar de um estudo situacional, onde o fenômeno a ser estudado não pode ser distinguido do seu contexto de enquadramento<sup>92</sup>.

As metodologias de estudo de caso permitem ponderar evidências recolhidas de origens diversas<sup>93</sup>. Os dados foram obtidos através de instrumentos variados e serão analisados através de métodos qualitativos e quantitativos, com maior destaque para os primeiros. Isto porque são os mais adequados para estudar fenômenos que não são facilmente medidos, tal qual as percepções, e para captar a perspectiva dos participantes acerca do objeto de estudo<sup>94</sup>.

---

<sup>90</sup> Antonio Carlos Gil, *Como elaborar projetos de pesquisa* (São Paulo: Atlas S/A, 2002), 41, [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf).

<sup>91</sup> Gil, *Como elaborar projetos de pesquisa*, 42.

<sup>92</sup> Robert K. Yin, *Applications of case study research* (Thousand Oaks: Sage Publications, 2003), 4.

<sup>93</sup> *Ibid.*, 4-5.

<sup>94</sup> Ana Paula Cardoso e Belmiro Rego, “Metodologias de investigação na formação de professores: a investigação-ação e o estudo de caso”, in *Olhares sobre a Educação: em torno da formação de professores*, editado por Luís

O estudo de caso permite olhar para um fenômeno dentro de um contexto específico e buscar compreender toda a complexidade dos fatores que nele concorrem. Isto é especialmente útil no contexto da formação de professores, pois permite ao futuro docente entender melhor os fenômenos que concorrem dentro da sala de aula e organizar estratégias de ação mais bem embasadas.

### **3.3. Intervenções e instrumentos de recolha de dados**

#### **3.3.1 Inquéritos**

Como referido anteriormente, esta investigação estrutura-se em torno de duas vertentes.

A primeira iniciou-se com a observação direta e o registro das dinâmicas de sala de aula, e se estendeu durante todo o estágio supervisionado, mas especialmente de setembro a dezembro de 2022. Os registros realizados nesta fase permitiram conhecer os alunos, os seus modos de estudo e anotação em sala de aula, como tratavam os seus livros, a que tipo de trabalho com os manuais escolares estavam habituados etc., antes mesmo de iniciar a lecionação. Possibilitaram, também, que estivesse mais próxima e registrasse falas, observações e interações específicas dos estudantes e da professora que parecessem pertinentes. De uma forma diferente, a observação dos métodos de trabalho continuou depois de começar a assegurar aulas, mas partindo de um ponto de vista distinto, da docente à frente da turma.

Um total de 151 aulas foram registradas no diário de observação, das quais, 40 foram para o 8ºX e 111 para o 10ºZ. A esses apontamentos, também foram adicionados outros, acerca dos resultados obtidos nos testes e nas apresentações de trabalhos realizadas pelos estudantes das duas turmas. Estas últimas, em especial, permitiram obter uma percepção melhor de quais são as referências dos estudantes para obtenção de conhecimento fora da sala de aula, de como pesquisam e como reúnem informações que consideram corretas.

A partir dos objetivos delimitados para o trabalho e das observações realizadas, foram elaborados questionários aos professores de História que lecionam atualmente na escola, aos alunos das turmas 8ºX e 10ºZ e aos encarregados de educação das mesmas. Seu objetivo era aprofundar e formalizar a recolha de dados para a primeira fase de diagnóstico. As questões

---

Menezes et. al. (Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu ESEV, 2017), 29-30, <http://hdl.handle.net/10400.19/4631>.

foram pensadas de forma a melhor obter essas informações e a permitir uma análise comparativa com resultados de trabalhos semelhantes<sup>95</sup> sempre que relevante.

Os inquéritos por questionário aplicados no âmbito desta investigação encontram-se disponíveis no **Anexo 2**, no **Anexo 3** e no **Anexo 4** deste trabalho. Por sugestão da professora orientadora, decidiu-se que os questionários destinados aos estudantes e aos encarregados de educação seriam aplicados e preenchidos no formato em papel, de forma a aumentar as chances de adesão. Apesar do questionário a aplicar aos professores de História ter sido concebido de forma semelhante aos demais, foi convertido a um formato digital através da ferramenta *Google Forms* e encaminhado via e-mail, pois facilitaria o preenchimento e a recolha das respostas.

Em decorrência da maior parte das respostas dos alunos às questões abertas terem se centrado em aspectos organizacionais, de composição e de exposição dos conteúdos ou das atividades dos livros, foi decidido complementar o inquérito com um segundo questionário, disponível no **Anexo 5**. Este foi menor que o anterior e aplicado apenas ao 10ºZ, apresentado como um diagnóstico ao futuro trabalho de pesquisa que realizariam. O segundo inquérito colocou questões mais diretas acerca da abordagem dos conteúdos, de forma a averiguar se tinham reflexões prévias acerca da forma como temáticas específicas da disciplina de História eram tratadas pelos autores dos livros.

Os dados obtidos nos inquéritos serão analisados no Capítulo IV deste trabalho.

### **3.3.2 Atividades de intervenção pedagógica**

Com base nos resultados recolhidos e nos problemas identificados na forma como os estudantes interagem com os seus manuais, foram desenvolvidas estratégias para tentar corrigi-

---

<sup>95</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017); Carlos Fernando Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015); João Carlos Silva Felgueiras de Lima, “Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2010); António Manuel Cerqueira Rego, ““Vamos aprender com o Manual?” Perceções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia” (Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014); Isabel Afonso, “O manual escolar em educação histórica: perspetivas de alunos e professores portugueses do ensino secundário”, *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História* 19, no. 1 (jan.-abr. 2015): 261-74.

los. Através da análise dos processos de aplicação e dos produtos decorrentes destas, pretende-se responder o quarto objetivo específico da investigação.

As atividades foram aplicadas apenas aos alunos da turma 10ºZ, algo que foi decidido por necessidades de planificação e de tempo para a sua implementação. Ainda que pudesse ser de interesse aplicá-las também ao 8ºX, o pouco tempo de aulas semanais que esta turma possuía, somado à necessidade de transmitir grandes quantidades de conteúdo, inviabilizou a aplicação dos exercícios aqui projetados com o cuidado necessário para a realização da investigação.

Nos inquéritos realizados foram identificadas falhas na relação com os documentos escritos do manual por parte dos alunos do 10ºZ, que demonstravam desconforto com o trabalho das fontes disponibilizadas no livro e falta de compreensão da relação destas com o estudo da História<sup>96</sup>. Foi então elaborada uma intervenção visando a desenvolver a capacidade dos estudantes de interpretação de fontes escritas.

Em dois momentos distintos, foram passados exercícios cuja resposta dependia da leitura e interpretação de dois documentos disponibilizados pelo manual escolar. Cada atividade foi depois corrigida, com a apresentação de exemplos de boas respostas e indicações dos procedimentos para um efetivo trabalho com as fontes escritas. Buscou-se ensinar os alunos a identificar as ideias principais do documento, correlacioná-las corretamente com as matérias estudadas e mobilizá-las na construção de respostas.

A primeira destas atividades foi aplicada no dia 26 de abril e a segunda no dia 29 de maio. A análise das respostas será realizada no capítulo a seguir, como forma de compreender a evolução da sua capacidade de responder questões de interpretação de fontes escritas.

Outro desafio identificado no diagnóstico foi que a maioria dos alunos utilizam o manual escolar de História em um modelo de ensino-aprendizagem expositivo, de História “acabada”. O livro didático é visto, portanto, como uma autoridade raramente questionada e portadora de fatos cristalizados, que apenas devem ser decorados e repetidos em atividades de avaliação sumativa.

Para tratar desse problema, decidiu-se criar uma atividade de pesquisa e elaboração de um manual escolar da turma. Objetivava levar os estudantes a pensar acerca da natureza do

---

<sup>96</sup> Discussão aprofundada desses resultados disponível no subcapítulo “4.2. Primeiro inquérito aos alunos” deste relatório.

conhecimento plasmado no manual escolar de História. Buscou-se desenvolver a reflexão em torno de como o conhecimento histórico é construído e como é apresentado no manual, de como as narrativas históricas que se apresentam selecionam algumas perspectivas e “silenciam” outras ao mesmo tempo, tal como a História das mulheres, a História dos povos não europeus ou a História Local. A ideia não era gerar desconfiança ou a percepção de que o manual escolar é “fraudulento”, mas sim conscientizar de que é preciso considerá-lo de forma crítica e não o aceitar como a versão completa do passado.

Utilizando de uma aula para discussão, foi lançado o trabalho de pesquisa, o qual pedia que desenvolvessem, em duplas, um dossiê de duas páginas de manual escolar que tratasse dessas “outras” perspectivas sobre a História que os documentos de orientação curricular e os materiais didáticos não abordam. Para que conseguissem realizar o trabalho, também lhes foram dadas: orientações de como pesquisar e onde reunir informação, documentos e ilustrações de boa qualidade; uma estrutura a seguir, com a listagem de elementos que deveriam constar no trabalho final; sugestões de elementos a incluir nas páginas produzidas; orientações de como aceder e utilizar a ferramenta de edição do *Canva*<sup>97</sup>, que usariam para produzir os trabalhos; os critérios de avaliação do trabalho final. Todo isto ficou plasmado num Guião de Trabalho (disponível no **Anexo 6** deste trabalho), disponibilizado aos alunos.

Nele se pedia que os estudantes, divididos em duplas, selecionassem uma temática dentre um conjunto de opções. A partir do seu tema, as duplas deveriam desenvolver um trabalho de pesquisa e seleção de informação, que verteria na produção de um dossiê de duas páginas de um “manual escolar”. Como pré-requisitos, essas páginas deveriam conter um título legível e identificável, uma sessão de texto informativo ou resumo e um mínimo de dois documentos (poderiam ser escritos, iconográficos, audiovisuais, cartográficos etc.) referentes ao assunto descrito. Era exigido dos alunos que identificassem corretamente os documentos selecionados com legendas e que acrescentassem uma pequena sessão de bibliografia, com as fontes da informação e dos documentos pesquisados. Também tinham a liberdade de acrescentar outros elementos às páginas, caso quisessem ou considerassem pertinente.

---

<sup>97</sup> O *Canva* é uma plataforma de design gráfico online, que pode ser utilizada gratuitamente para criar e editar diferentes tipos de documentos. Possui uma versão educacional, que permite a interação com uma turma do *Google Classroom* e a produção de trabalhos por alunos e professores. Acedido a 03 de junho de 2023: [https://www.canva.com/pt\\_pt/](https://www.canva.com/pt_pt/).

O Guião deixava explícito que os estudantes seriam avaliados em termos da seleção/organização das informações, da efetividade da comunicação, da atratividade gráfica das páginas produzidas e da capacidade de colaborar em equipe, para além dos aspectos ligados à correção da pesquisa e da informação apresentada. Informava que deveriam tomar cuidado para garantir que uma pessoa a observar o seu trabalho fosse capaz de compreender a sua temática.

O trabalho foi lançado junto à turma no dia 09 de maio, em que tinham dois tempos letivos de 50 minutos. Os alunos também foram informados que as notas dadas aos resultados obtidos contariam para a sua avaliação do 3º período. A temática selecionada para centrar a realização da atividade foi a “Abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI”<sup>98</sup>, que estavam a estudar durante aquele período. Os temas de pesquisa foram selecionados levando em conta os interesses expressos por alguns alunos e os conteúdos das Aprendizagens Essenciais, mas centrando perspectivas diferentes das abordadas no manual escolar utilizado pela turma. Algumas temáticas buscaram afastar o olhar do espaço europeu, outras focaram a análise na História Local da cidade de Coimbra e uma, por sua vez, buscou permitir aos alunos pesquisarem aspectos ligados à História das Mulheres na arte do Renascimento. Os temas trabalhados pelas duplas foram:

- A civilização Asteca.
- O império Inca.
- O reino do Congo.
- Os primeiros contatos entre portugueses e indígenas brasileiros.
- A porcelana chinesa no século XVI.
- As especiarias asiáticas no século XVI.
- O tráfico negreiro e a escravidão no Brasil durante o século XVI.
- Fernão Magalhães e a viagem de circum-navegação.
- As mulheres na arte do Renascimento.
- A arte manuelina em Coimbra.
- A arquitetura do Renascimento em Coimbra.
- João de Ruão e a escultura do Renascimento em Coimbra.
- O Colégio das Artes e o Humanismo em Coimbra.
- A Companhia de Jesus e os jesuítas em Coimbra.
- O tribunal da Inquisição de Coimbra.

---

<sup>98</sup> “Aprendizagens Essenciais do 10º ano do Ensino Secundário – História A” (Lisboa: Direção-Geral da Educação (DGE) do Ministério da Educação e Ciência da República Portuguesa, 2018), 9-11, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/10\\_historia\\_a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_historia_a.pdf).

Foram dadas três semanas para que desenvolvessem os trabalhos, sempre com orientações e com acesso a tirar dúvidas com as professoras em sala de aula ou através de mensagens na *Google Classroom*. No dia 02 de junho realizou-se a primeira entrega, depois da qual foi dado *feedback* e os alunos tiveram mais alguns dias para correções. Os dias 07, 09 e 12 ficaram estabelecidos para as duplas apresentarem a pesquisa realizada ao restante da turma. No dia 13, cada aluno teve de responder um conjunto de questões de autoavaliação do trabalho, onde relatava o trabalho que realizou, as dificuldades que encontrou na pesquisa e formulação do dossiê e avaliava a sua prestação em diferentes domínios. Era-lhes pedido que justificassem as escolhas que realizaram na seleção dos documentos, assim como respondessem a algumas questões de reflexão acerca do trabalho realizado. Estas questões de autoavaliação estão disponíveis no **Anexo 7** deste trabalho.

## CAPÍTULO IV – Análise e discussão de resultados

### 4.1. Inquéritos por questionário

Os primeiros meses da Prática Pedagógica Supervisionada foram utilizados como um período de observação inicial das práticas e costumes de sala de aula, registrados em um diário de observação. Foram logo identificadas algumas tendências nas formas como os diferentes atores pensam e utilizam o manual escolar de História.

No caso dos estudantes, durante a averiguação informal foi detectado que: o manual, junto dos registros realizados no quadro pelas docentes, é dos principais recursos utilizados pelos estudantes para estruturar e realizar o seu estudo da História; estão muito acostumados com um trabalho bastante próximo com o manual e raras vezes estudam alguma temática que não esteja incluída nesse material; tendem a tomar o que está no livro como verdade “única”, poucas vezes questionada ou complementada com outras fontes de conhecimento; não pensam que a seleção dos conteúdos e informações contidas nos manuais pode atender a certas visões do mundo e da História; consideram que os manuais de História mostram todas as formas como se pode engajar com o passado.

Estes últimos elementos podem ser indicativos de uma percepção do livro como contendo o “todo” acabado da História de determinado assunto, entendida de uma forma factual e fechada e não como um contínuo em constante produção.

Através da observação dos trabalhos de pesquisa apresentados pelas duas turmas durante o primeiro período de aulas, também foi detectado que os estudantes do 8ºX utilizam o manual como o principal recurso de referência quando lhes é pedido que pesquisem mais conhecimentos acerca de um dado assunto, complementado com informação proveniente de sites da internet (como a Wikipédia). Dos 20 trabalhos submetidos na altura pelos alunos do 8º ano, 12 indicavam as fontes das informações. Dentre estes, 11 apontavam o manual escolar de História adotado pela escola e 11 indicavam enciclopédias online na bibliografia. Apenas dois estudantes indicaram recursos diferentes: um apontou o caderno diário da disciplina e outro indicou utilizar “Outros livros de história”, afirmação que pode referir outros livros escolares de História disponíveis na biblioteca.

Uma análise desse tipo fica mais difícil com os trabalhos realizados pelo 10ºZ no 1º período, pois a maioria (10 em 18 trabalhos submetidos) não faz qualquer indicação das fontes

de pesquisa. Ainda assim, a tendência parece se alterar um pouco. Dos 8 que indicaram bibliografia, todos afirmaram tirar informação de blogs, artigos e enciclopédias online e apenas um citou o manual escolar da disciplina. Isto indicaria um menor peso da função de referencial na forma como estes estudantes se relacionam com o livro.

Tendo em consideração essa coleta inicial, foram elaborados inquéritos por questionário, com o objetivo de aprofundar e formalizar a recolha de dados.

#### **4.2. Primeiro inquérito aos alunos**

Os inquéritos aos alunos foram aplicados no dia 5 de fevereiro de 2023 à turma 10ºZ e no dia 6 de fevereiro à turma 8ºX, após uma mensagem informativa da sua realização ter sido encaminhada pelas diretoras de turma aos encarregados de educação via e-mail. Explicou-se qual era o foco da investigação a ser realizada e foram lidas as instruções para resposta colocadas no seu cabeçalho (ver **Anexo 2**). Os questionários foram distribuídos em papel e recolhidos conforme os estudantes terminavam de responder, algo que ocupou os primeiros 10-15 minutos de cada aula.

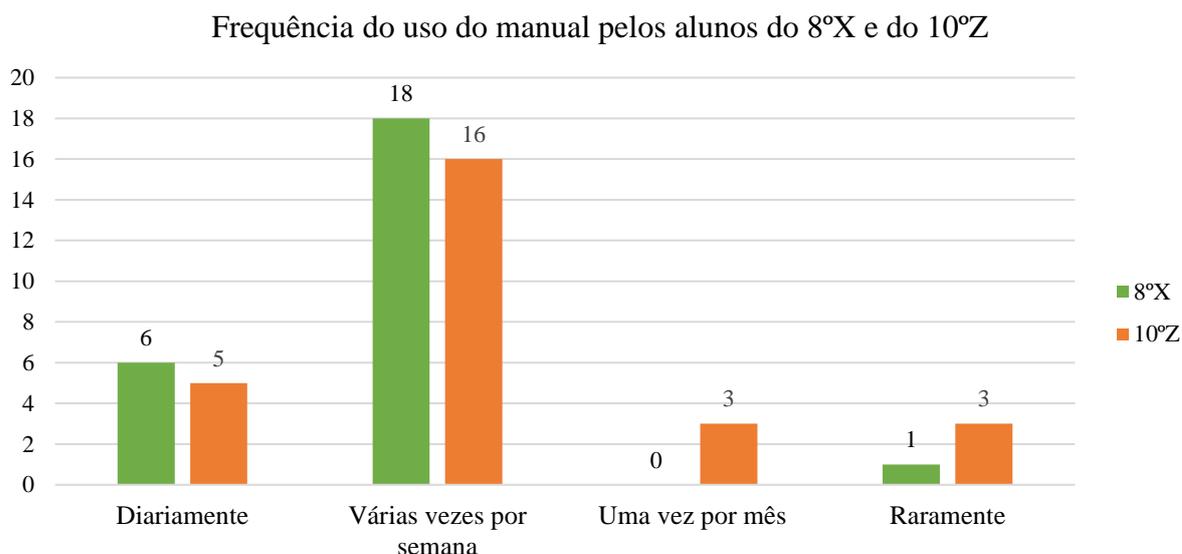
No total, 52 respostas válidas foram recolhidas, de 25 estudantes do 8ºX e 27 estudantes do 10ºZ. Um dos questionários do 8ºX teve de ser descartado para efeito desta investigação, por não ter sido devidamente respondido.

Os questionários aplicados consistiam em 11 questões, das quais oito eram de escolha múltipla e três eram de resposta aberta. As 7 primeiras perguntas buscavam recolher dados acerca das formas de utilização dos manuais de História pelos estudantes, enquanto as 4 últimas focavam em compreender as percepções e apropriações desse recurso didático.

Todos os alunos questionados afirmaram que o manual escolar é frequentemente utilizado nas aulas de História (Questão 1). Essa percepção coaduna com a observação das práticas letivas realizada ao longo do ano, dado que à altura em que os inquéritos foram respondidos, a maioria das aulas registradas no diário de observação fizeram uso do manual de alguma maneira.

É também congruente com o resultado obtido por Nelson Araújo, em inquérito que colocou a duas turmas do 11º ano de História A, onde todos os 42 estudantes afirmaram

frequentemente utilizar o manual em sala<sup>99</sup>. Também Maria Isabel Afonso, ao entrevistar 22 estudantes do 10º ano, constatou que 17 afirmavam habitualmente utilizar o livro escolar durante as aulas<sup>100</sup>. O mesmo foi identificado por João Carlos Lima, que inquiriu 24 alunos do 8º ano, dos quais 22 afirmaram explorar o manual durante as aulas e 20 afirmaram que usam preferencialmente o livro no seu estudo<sup>101</sup>. Esta coincidência dos resultados permite supor que o uso frequente do manual escolar durante as aulas de História seja realidade na maior parte do país<sup>102</sup>.



**Gráfico 1** Questão 4 do primeiro inquérito aos alunos

Na Questão 2, (ver **Anexo 8**), 34 dos 52 estudantes (65,38%) indicaram utilizá-lo com uma frequência de “várias vezes por semana” e 11 (21,15%) o consultam “diariamente”, como fica visível no Gráfico 1. Um total de 4 alunos (7,69%) afirmaram “raramente” utilizar o manual de História e somente 3 alunos do 10º X indicaram usá-lo “uma vez por mês”. Esses resultados estão em linha com os obtidos por Carlos Costa num inquérito a uma turma de 8º ano, da qual

<sup>99</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017), 39, <https://hdl.handle.net/10216/105533>.

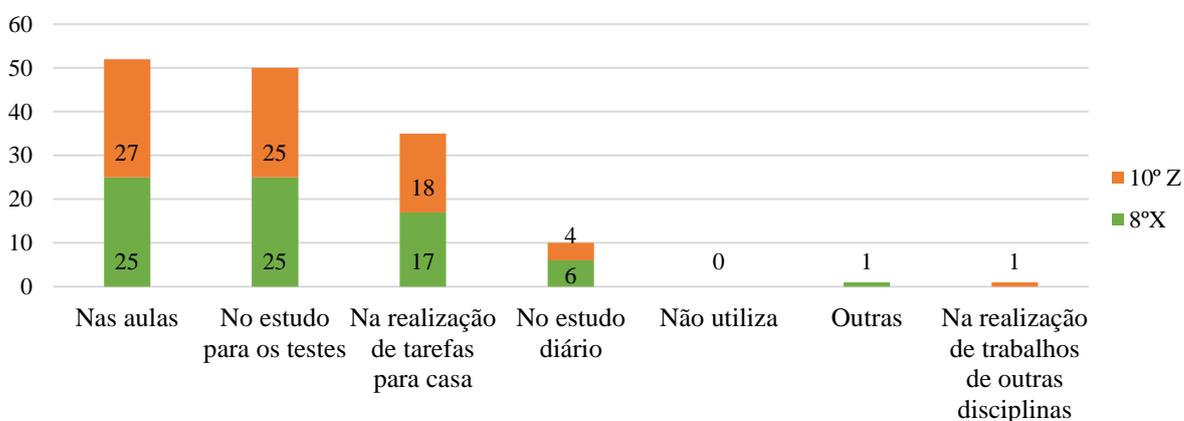
<sup>100</sup> Maria Isabel Bexiga Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário” (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialização em Educação em História e Ciências Sociais, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013), 148-51, <https://hdl.handle.net/1822/34606>.

<sup>101</sup> João Carlos Silva Felgueiras de Lima, “Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2010), 37-8.

<sup>102</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 39.

52,2% dos alunos afirmaram utilizar o manual de História “várias vezes por semana” e 39% indicaram usar “diariamente”, enquanto uma minoria (2 estudantes de um total de 23 inquiridos) assinalou as opções “uma vez por mês” e “nunca”<sup>103</sup>. Araújo também identificou que os seus alunos estudavam com o manual, em média, cerca de 3 vezes por semana<sup>104</sup>. Já Maria Isabel Afonso apontou que, de 22 alunos entrevistados, 10 afirmaram “às vezes” utilizar o manual fora da sala de aula (para estudar para os testes e para realizar tarefas para casa) e 7 responderam usá-lo “habitualmente” em casa<sup>105</sup>.

Situações em que os alunos costumam usar/consultar o manual de História



**Gráfico 2** Questão 3 do primeiro inquérito aos alunos

Todos os 52 alunos assinalaram que usam o livro escolar durante as aulas, assim como 100% dos alunos do 8ºX e 93% do 10ºZ indicaram consultá-lo “em casa, para estudar para os testes” (ver Gráfico 2 e **Anexo 9**). Mais de metade das duas turmas (17 estudantes do 8ºX e 18 do 10ºZ) também indicou utilizar o manual na realização de tarefas para casa. Um aluno do 10º ano, utilizando da opção “Outras”, indicou usar do manual de História “Para trabalhos de outras disciplinas às vezes”.

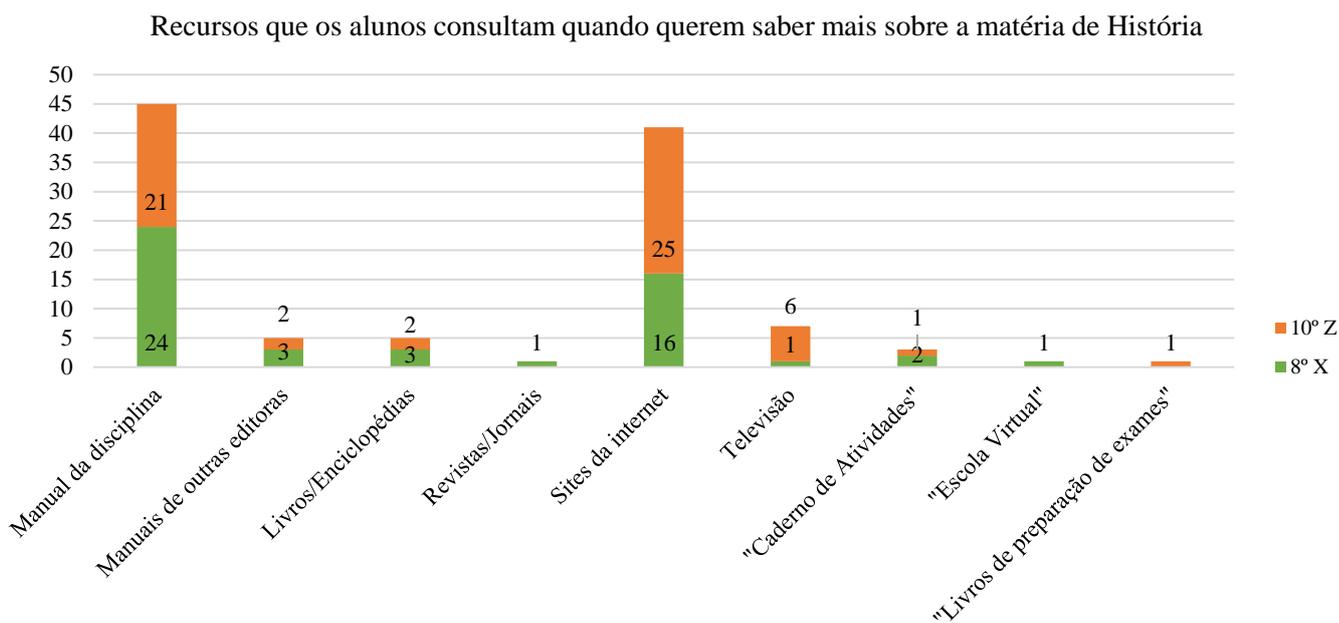
<sup>103</sup> Carlos Fernando Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015), 96, <http://hdl.handle.net/10400.3/3766>.

<sup>104</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 39.

<sup>105</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 152.

Carlos Costa e Nelson Araújo encontraram tendências semelhantes. De 23 alunos que Costa inquiriu, 20 assinalaram que consultam o manual escolar nas aulas, 18 assinalaram que o utilizam para estudar para os testes e 14 indicaram utilizar para fazer os trabalhos de casa<sup>106</sup>. Já dos 42 estudantes inquiridos por Araújo, 95,2% afirmaram utilizar o livro no seu estudo<sup>107</sup>.

A grande maioria das turmas (43 dos 52 alunos) respondeu que gosta da frequência com que é utilizado em sala de aula (Questão 4, ver **Anexo 10**). Isto provavelmente se deve ao fato de que, uma vez que os alunos já estão habituados ao trabalho com o manual escolar, passam a sentir a necessidade de que este esteja frequentemente envolvido no decorrer das lições. Um resultado semelhante foi obtido por António Rego, que registrou que 94% dos estudantes que inquiriu consideram a utilização do manual em sala de aula essencial. Entretanto, quando perguntados por este autor se consideravam que essa utilização deveria ser mais frequente, a resposta foi maioritariamente negativa, dado que este já era o recurso priorizado pelo docente<sup>108</sup>.



**Gráfico 3** Questão 5 do primeiro inquérito aos alunos

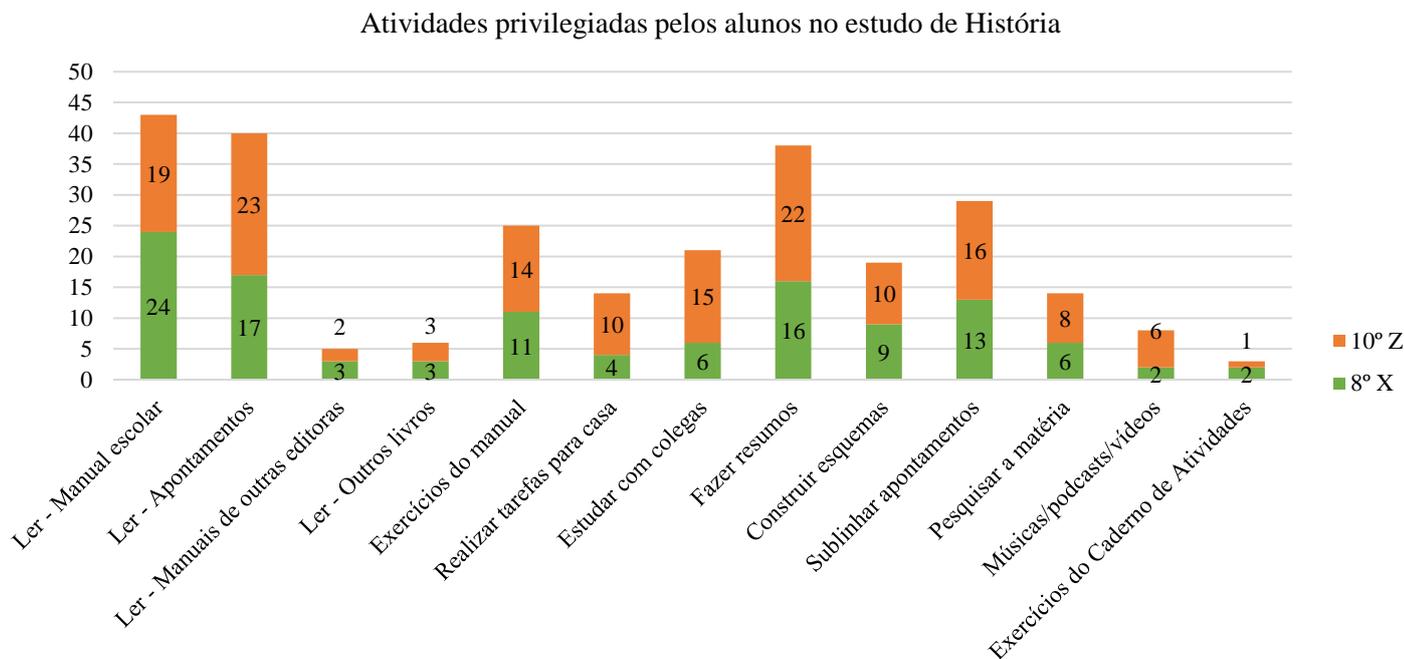
<sup>106</sup> Costa, "A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais", 96-7.

<sup>107</sup> Araújo, "Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras", 39.

<sup>108</sup> Rego, "“Vamos aprender com o Manual?” Perceções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia", 105-6.

Quando questionados acerca de que materiais utilizam quando desejam saber mais sobre alguma matéria (Questão 5, ver **Anexo 11**), a maioria dos alunos respondeu que prefere buscar informação no manual escolar de História (24 alunos do 8ºX e 21 do 10ºZ) e em sites da internet (16 alunos do 8ºX e 25 do 10ºZ), como é possível observar no Gráfico 3. Aqueles que assinalaram outros materiais foram minoritários, algo que demonstra que o livro didático e a internet são as fontes de informação privilegiadas pelos estudantes quando precisam tirar uma dúvida ou fazer uma pesquisa. Isso está em linha com as impressões obtidas durante a observação inicial das turmas.

Vai ao encontro também dos resultados obtidos por João Carlos Lima, cujos alunos listaram o manual escolar de História, o caderno diário, a explicação do professor e a pesquisa na internet como as suas principais fontes de conhecimento em História<sup>109</sup>.

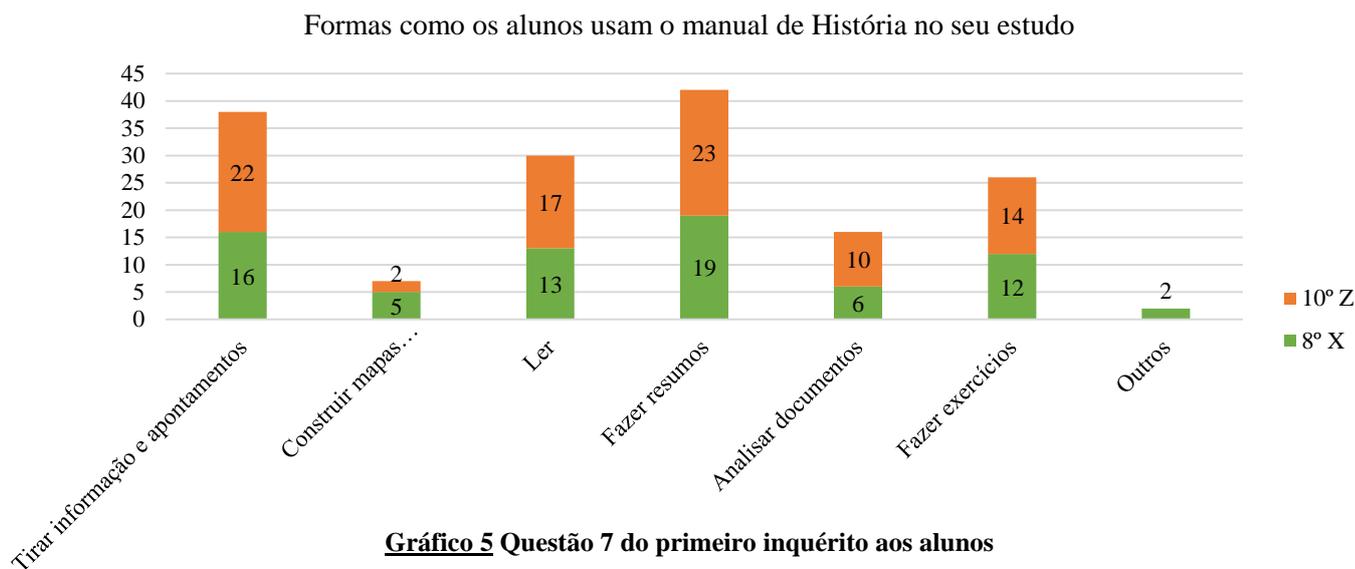


**Gráfico 4** Questão 6 do primeiro inquérito aos alunos

Já as questões 6 (**Anexo 12**) e 7 (**Anexo 13**) buscavam averiguar o papel exercido pelos manuais escolares no estudo de História dos alunos, como pode ser observado no Gráfico 4 e no Gráfico 5. A maioria respondeu que prefere ler a matéria no seu manual (83% do total de 52 alunos), ler os apontamentos das aulas (77%) e fazer resumos (73%). Gostam, também, de

<sup>109</sup> Lima, “Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso”, 42.

sublinhar os apontamentos no caderno diário (56%) e de resolver os exercícios do seu manual (48%). Isto demonstra que o livro escolar é um material utilizado no estudo de quase todos os participantes. E, quando questionados acerca das formas como utilizam o manual escolar durante o seu estudo, a maior parte das respostas assinalou fazer resumos (80,76% do total de estudantes), tirar informação e apontamentos (73,07%), ler a matéria (57,69%) e resolver exercícios (50%).



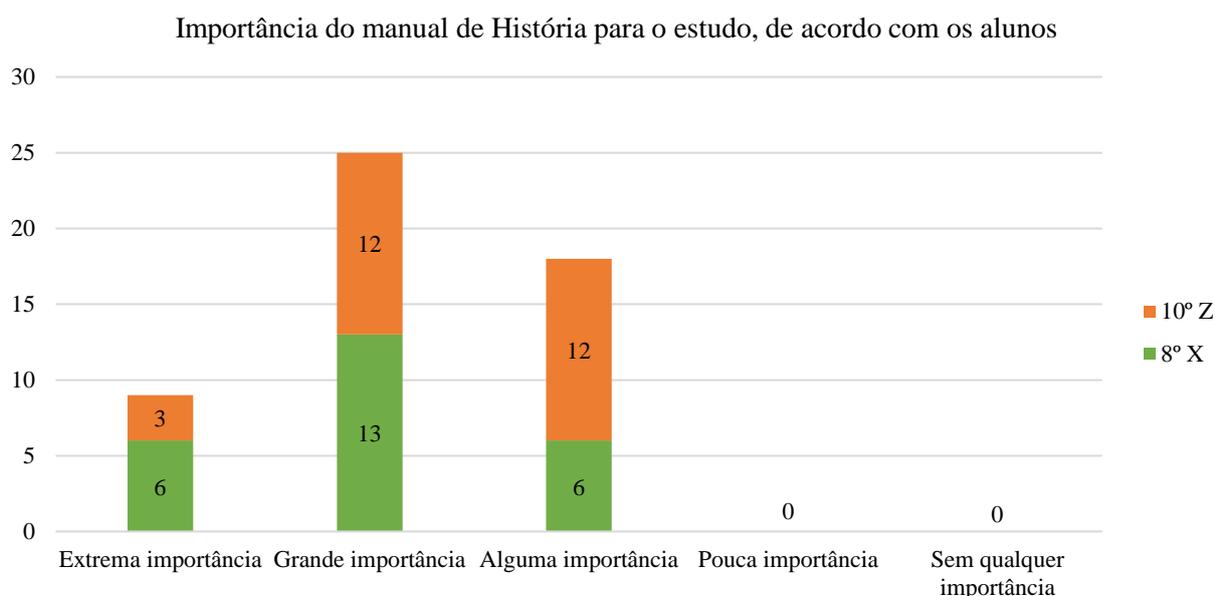
Remetendo às possíveis funções de um manual escolar, destrinchadas no segundo capítulo deste trabalho, aquelas que se relacionam aos usos feitos pelos estudantes aqui inquiridos são as de transmissão de conhecimentos da disciplina, de consolidação e avaliação das aquisições, de organização e orientação da aprendizagem e de referencial de pesquisa.

Carlos Nunes encontrou tendências semelhantes ao inquirir alunos de uma turma de 10º e de uma turma de 11º ano, que apontaram estudar principalmente através do trabalho com o manual escolar (40 respostas em 72 alunos questionados), da elaboração de resumos (35 respostas), da leitura dos apontamentos das aulas (32 respostas) e da pesquisa de resumos da internet (12 respostas)<sup>110</sup>. Carlos Costa, por sua vez, obteve resultados um pouco distintos no diagnóstico dos hábitos de estudo dos seus alunos: a maioria indicou preferir ler os

<sup>110</sup> Carlos Américo Ramos Nunes, “Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação” (Relatório de Iniciação à prática do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013), 81-2.

apontamentos das aulas (19 respostas em 23 alunos), realizar os trabalhos de casa (13 respostas) e resolver exercícios no manual ou no caderno (12 respostas). Do total de 23 estudantes inquiridos, 11 indicaram trabalhar com o manual de História no seu estudo e mais alunos assinalaram que constroem esquemas a partir dos apontamentos no caderno (7 respostas) do que a partir do livro da disciplina (5 respostas). Estes dados parecem indicar uma maior tendência a privilegiar os apontamentos no caderno diário, ainda que seja justo afirmar que o manual escolar continua a ocupar um papel de destaque. Os principais usos do manual escolar assinalados por estes estudantes foram: realizar trabalhos de casa (21 respostas), tirar apontamentos (17 respostas), ler (17 respostas) e resolver exercícios (17 respostas)<sup>111</sup>.

Em termos de utilização do manual escolar, as respostas dos alunos do 10ºZ e do 8ºX seguiram tendências semelhantes. Nas questões que buscavam averiguar as suas percepções, entretanto, as turmas divergiram em alguns pontos.



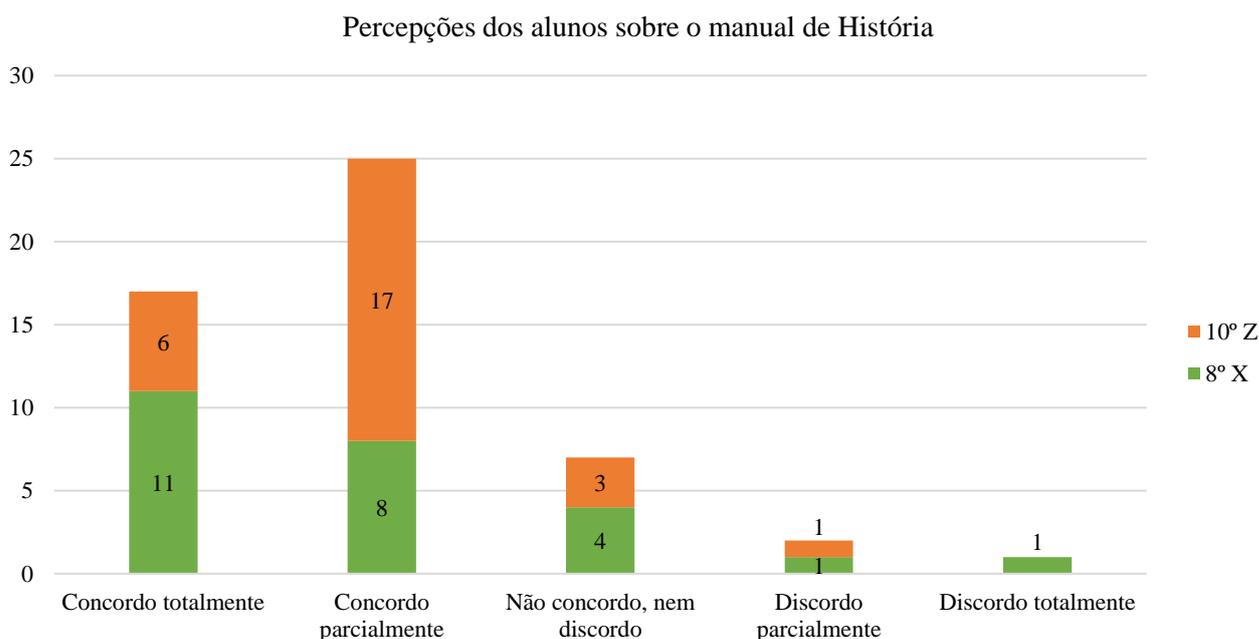
**Gráfico 6** Questão 8 do primeiro inquérito aos alunos

Observando o Gráfico 6, é possível observar que cerca de metade da turma do 8ºX (13 alunos) considera que o manual escolar tem grande importância para o seu estudo de História, enquanto os outros 12 dividiram-se entre afirmar que tem extrema importância ou alguma importância (Questão 8, ver **Anexo 14**). Já os estudantes do 10ºZ dividiram-se entre afirmar

<sup>111</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 98-100.

que o livro escolar tem grande ou alguma importância (c. 44,5% para cada opção) no seu estudo, sendo que apenas 3 alunos o avaliaram de extrema importância. É relevante apontar que nenhum aluno avaliou o seu manual de História como tendo pouca ou nenhuma importância para o estudo, algo que demonstra que os estudantes tendem a valorizar o seu manual escolar e o consideram necessário para o estudo de História.

Na aplicação de uma questão semelhante à Questão 8 a uma turma de 9º ano, António Rego registrou resultados levemente diferentes. De 18 alunos inquiridos, 78% assinalaram que o manual tem “extrema importância” no seu estudo da disciplina, 17% assinalaram que é “com importância” e 5% assinalaram que possui “alguma importância”, demonstrando uma visão ainda mais positiva do livro. Novamente, nenhum aluno assinalou que o seu manual possuía pouca ou nenhuma importância no estudo<sup>112</sup>. Por sua vez, Carlos Costa também destacou que 87% dos alunos participantes na sua investigação indicaram considerar o manual escolar útil para a aprendizagem de História<sup>113</sup>.



**Gráfico 7** Questão 9 do primeiro inquérito aos alunos

<sup>112</sup> António Manuel Cerqueira Rego, ““Vamos aprender com o Manual?” Percepções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia” (Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014), 96, <https://hdl.handle.net/10216/74627>.

<sup>113</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 102.

Quando tiveram de avaliar a veracidade da afirmação “*O meu manual escolar de História sempre descreve os fatos passados de forma precisa, objetiva e tal qual aconteceram.*” (Questão 9, ver **Anexo 15**), a maioria dos alunos do 8ºX afirmou que concorda total (11 estudantes) ou parcialmente (8 estudantes) com o afirmado. Já o 10ºZ apresentou resultados mais comedidos, dado que a maioria dos alunos indicou concordar parcialmente (17 alunos) com a afirmação.

As questões 10, 11 e 12 do inquérito eram de resposta aberta e investigavam quais eram os aspectos que mais ou menos agradavam os alunos no seu manual de História, assim como o que desejariam que fosse diferente. Para análise das respostas, foi adotada uma metodologia de categorização semelhante a utilizada por Nelson Araújo, de forma a facilitar a comparação com os resultados obtidos por esse autor nos inquéritos que realizou<sup>114</sup>. Foram estabelecidos códigos identificando cada inquérito, somando um número atribuído aleatoriamente e a letra X ou Z, de forma a identificar se pertencia à turma do 8ºX ou do 10ºZ. Após uma “leitura flutuante”<sup>115</sup> dos questionários, elaboraram-se categorias de associação de acordo com as ideias e as correlações que surgiram entre as respostas. Estas, por fim, foram classificadas de acordo com as categorias e as subcategorias decorrentes, de forma a tornar mais fácil analisar as tendências.

Muitos dos alunos responderam com verdadeiras “listas” de aspectos que gostavam/desgostavam do manual escolar, de forma que as suas respostas foram divididas de acordo com as várias categorias em que se enquadravam. Exceto isto, nada foi alterado na transcrição das respostas, sendo deixados inalterados os erros ortográficos e gramaticais cometidos pelos alunos. Como estes foram muito frequentes, não foram individualmente assinaladas todas as ocorrências.

A partir da análise das respostas à questão 10, na qual os estudantes tinham de indicar o que mais lhes agradava no seu manual escolar de História, foram estabelecidas 11 categorias de resposta (ver tabela do **Anexo 16**):

- Documentos;
- Ilustrações [categoria que se refere exclusivamente aos manuais escolares do 8º ano, uma vez que apresentam ilustrações encomendadas pela editora];

---

<sup>114</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 40-1.

<sup>115</sup> Laurence Bardin, *Análise de conteúdo* (Lisboa: Edições 70, 2004), 59-63.

- Texto informativo (ou texto de autor);
- Exercícios e propostas de atividades;
- Esquemas, resumos e sínteses;
- Mapas e barras cronológicas;
- Organização;
- Conteúdos;
- Funções de apoio ao estudo e à consolidação;
- Capa do livro;
- Agrado ou desagrado geral.

**Tabela 1** Respostas à Questão 10 do primeiro inquérito aos alunos – Aspectos que mais agradam os alunos no manual escolar de História

<b>Categorias</b>	<b>8º ano</b>	<b>10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Documentos	7	10	17
Ilustrações	3	-	3
Organização	2	10	12
Conteúdos	3	2	5
Texto informativo	11	7	18
Exercícios e propostas de atividades	2	5	7
Esquemas, resumos e sínteses	1	5	6
Funções de apoio ao estudo e à consolidação	2	2	4
Capa do livro	2	1	3
Mapas e barras cronológicas	0	2	2
Agrado ou desagrado geral	1	2	3
Não respondeu	0	1	1
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>48</b>	<b>82</b>

Um aluno não respondeu à questão 10, de forma que se registraram 51 respostas. Distribuindo-as pelas categorias (Tabela 1), a maioria das respostas se concentram nas categorias “texto informativo” (18 respostas), “documentos” (17), “organização” (12) e “exercícios e propostas de atividades” (7).

Observando mais de perto a distribuição das subcategorias e das respostas, percebe-se que os alunos valorizam no seu livro didático a presença de textos informativos claros e com a matéria simplificada, de alguns documentos (especialmente iconográficos), de exercícios de consolidação, de boa organização/estruturação das aprendizagens e de explicação sintética dos conteúdos. Os estudantes do 10º ano expressaram mais contentamento com os exercícios e atividades do que os do 8º ano.

Tudo isto está em linha com as formas como os estudantes afirmam estudar com o manual de História, privilegiando os resumos e sínteses e a leitura da matéria simplificada no texto informativo, aspectos diretamente relacionados com o seu estudo para os testes.

Nelson Araújo constatou que seus alunos do 11º ano valorizam os documentos, argumentando que são importantes para a aprendizagem de História, e os textos informativos, por apresentarem a matéria de maneira clara e simplificada. Também responderam que lhes agrada a boa organização do manual e dos conteúdos<sup>116</sup>. Enquanto Maria Isabel Afonso identificou que os alunos que entrevistou tenderam a realçar como qualidades do seu manual escolar de História uma estrutura organizativa inteligível, textos informativos com linguagem acessível e clara e apoio à interpretação de fontes, com a presença de notas de rodapé explicativas<sup>117</sup>. Carlos Nunes, por sua vez, identificou que os seus alunos favoreciam manuais com uma explicação explícita e organizada dos conteúdos e com documentos que consideram relevantes<sup>118</sup>. Por fim, Maria Gorete Moreira constatou que a maioria dos estudantes do 8º ano que entrevistou tenderam a valorizar o texto informativo e as fontes iconográficas, afirmando sentirem dificuldades na compreensão de fontes escritas<sup>119</sup>.

Já para a análise das respostas à questão 11, foram estabelecidas as seguintes categorias (ver **Anexo 17**):

- Exercícios e propostas de atividades;
- Texto informativo;
- Documentos;
- Esquemas, resumos e sínteses;
- Conteúdos;
- Organização;
- Manual Digital;
- Nada desagrada

---

<sup>116</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 45-6.

<sup>117</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 204.

<sup>118</sup> Nunes, “Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação”, 85-6.

<sup>119</sup> Moreira, “As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula”, 145.

**Tabela 2** Respostas à Questão 11 do primeiro inquérito aos alunos – Aspectos que menos agradam aos alunos no manual escolar de História

<b>Categorias</b>	<b>8º ano</b>	<b>10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Exercícios e propostas de atividades	10	4	14
Texto informativo	4	4	8
Documentos	0	7	7
Esquemas, resumos e sínteses	4	2	6
Conteúdos	1	7	8
Organização	2	4	6
Manual Digital	1	0	1
Nada desagrada	7	3	10
Não respondeu	0	1	1
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>32</b>	<b>61</b>

Novamente, um aluno não respondeu à questão 11. Da distribuição das 51 respostas obtidas, a maioria dos estudantes do 8ºX referiu desagrado com os exercícios e as propostas de atividades (10 respostas), enquanto a maioria do 10ºZ colocaram sua insatisfação nos documentos (7 respostas) e nos conteúdos (7 respostas) (Tabela 2).

Esmiuçando as subcategorias, é relevante apontar que os alunos do 8ºX tendem a considerar os exercícios do seu manual mal elaborados e insuficientes, como é visível nas respostas transcritas abaixo:

“[...] devia ter mais exercícios sobre as matérias, por exemplo um página que fale sobre 3 ou 4 coisas e nesses exercícios só se refere a 1 dessas coisas.” – 5X

“O que menos me agrada e que nas páginas da materia [sic] a 1 a 4 exs [sic] e depois no final, acho que deveria haver mais.” – 11X

“Falta de exercicios [sic] e os que tem são muito repetitivos, nos conjuntos de 4 perguntas que às vezes aparecem fazem perguntas com linguagem diferente mas com o mesmo objetivo.” – 13X

“Ter poucos exercicios [sic]” – 18X

Os alunos do 10ºZ tendem a reclamar da irrelevância ou do excesso de documentos no livro escolar. Também mais frequentemente apontaram a presença de incorreções ou falhas na abordagem de certos conteúdos no seu manual. De forma mais geral, as duas turmas demonstraram desagrado com a quantidade e/ou tamanho dos textos informativos e dos esquemas, resumos e sínteses.

Os alunos entrevistados por Maria Isabel Afonso também tenderam a avaliar os textos informativos do seu manual como excessivamente longos e a considerar a linguagem das questões e do texto como muito complexa, dificultando a compreensão<sup>120</sup>. Já os alunos inquiridos por Carlos Nunes expressaram descontentamento com manuais escolares de História que consideram mal organizados, pouco explícitos nas explicações, com textos excessivamente extensos ou com textos incompletos, e pouco apelativos<sup>121</sup>.

Por fim, para a questão 12, foram estabelecidas as categorias a seguir (**Anexo 18**):

- Não mudaria nada;
- Exercícios e propostas de atividades;
- Documentos;
- Ilustrações [categoria que se refere exclusivamente aos manuais escolares do 8º ano, uma vez que apresentam ilustrações encomendadas pela editora];
- Esquemas, resumos e sínteses;
- Texto informativo;
- Conteúdo;
- Organização;
- *Design*;
- Manual Digital.

**Tabela 3** Respostas à Questão 12 do primeiro inquérito aos alunos – Aspectos que os alunos mudariam no seu manual escolar de História

<b>Categorias</b>	<b>8º ano</b>	<b>10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Não mudaria nada	8	10	18
Exercícios e propostas de atividades	7	7	14
Documentos	1	6	7
Ilustrações	1	-	1
Esquemas, resumos e sínteses	3	3	6
Texto informativo	2	4	6
Conteúdos	2	1	3
Organização	2	1	3
<i>Design</i>	1	0	1
Manual Digital	0	1	1
Não respondeu	0	2	2
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>62</b>

<sup>120</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 204.

<sup>121</sup> Nunes, “Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação”, 86.

Nesta questão, dois alunos do 10ºZ não responderam, de maneira que foram obtidas 50 respostas. Ao classificá-las pelas categorias estabelecidas (Tabela 3), ficou claro que a maioria dos estudantes afirmou que não mudaria nada no seu manual escolar de História (18 alunos). No entanto, essas respostas têm de ser tomadas com algum cuidado, pois podem englobar um conjunto de alunos que são indiferentes ou que não possuem uma opinião formada acerca do que fora questionado.

Das 32 respostas que propunham alterações ao manual escolar de História, a maioria desejava aumentar o número de exercícios de consolidação, reduzir a quantidade de documentos (especialmente no caso dos alunos do 10ºZ), simplificar a linguagem dos textos informativos e aumentar a quantidade de esquemas e sínteses:

“Mudaria os exercicios [sic] por serem extremamente repetitivos e escassos [...]” – 13X

“Colocava menos documentos, porque acho que alguns estão em excesso.” – 21Z

“Eu mudaria em vez de por matéria faria alguns esquemas, mas de resto gosto!” – 11X

“Ter a materia [sic] mais por topicos [sic] e não tantos textos.” – 5Z

“Menos texto e mais imagens.” – 10X

A investigação de Nelson Araújo novamente obteve resultados semelhantes aos encontrados neste trabalho. A grande maioria dos alunos inquiridos respondeu que não mudaria nada no livro, enquanto aqueles que propuseram alterações disseram que mudariam principalmente a forma como os conteúdos são abordados, os resumos e sínteses e os exercícios de aplicação<sup>122</sup>. Já os alunos entrevistados por Maria Isabel Afonso propuseram como alterações ao seu manual escolar de História a simplificação da linguagem dos textos e das fontes, o aumento do número de questões, a melhoria da formulação das atividades e a introdução de um glossário e de sínteses ao final de cada unidade didática ou temática<sup>123</sup>.

Tendo em consideração os dados apresentados, é possível afirmar que o manual escolar é um instrumento privilegiado pelos alunos para o trabalho dentro e fora da sala de aula de História. No contexto da aula, utilizam o livro para acompanhar a explicação do professor e para analisar documentos quando o docente solicitar. Nas suas casas, os estudantes costumam

<sup>122</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 47-8.

<sup>123</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 204.

consultar o manual para tirar dúvidas que tenham sobre a matéria ou para apoiar o seu estudo, através da leitura dos textos informativos, da elaboração de apontamentos e de resumos e da resolução de exercícios de consolidação.

As formas de utilização do manual escolar de História e as percepções apresentadas pela maioria dos alunos enquadram-se em um modelo de ensino-aprendizagem expositivo e de História “acabada”. Nesta lógica, o livro raramente é pensado como um recurso a ser analisado e criticado, que pode apresentar distorções ou desatualizações em relação a uma História ciência que está em constante renovação. É visto enquanto um instrumento de aprendizagem de uma História estática, composta por fatos e acontecimentos cristalizados que apenas devem ser decorados e repetidos nos momentos de avaliação sumativa. Apenas alguns alunos demonstram uma postura de preocupação com a análise das fontes e a contextualização histórica, de maior autonomia e de alguma reflexão crítica acerca da maneira como os conteúdos são abordados. Isto é visível nas seguintes respostas, dadas à questão 11 do inquérito por estudantes do 10ºZ:

“O que menos me agrada é que quando dão sobre a época dos Descobrimentos falam muito pouco das pessoas que sofreram, acho que deviam falar mais sobre essas pessoas que foram escravizadas, podiam passar um filme para mostrar a história dessas pessoas.” – 24Z

“O que menos agrada é que pode também haver falhas no livro, apesarem [sic] de serem mínimas, e dão muita importância ao nosso lado deixando outras culturas de parte.” – 16Z

Além disso, as respostas dadas pelos alunos, especialmente pela turma do 10ºZ, deixam transparecer um certo desconforto com o trabalho com as fontes disponibilizadas pelo manual escolar. Este problema, que pode ser fruto de dificuldades na interpretação de fontes escritas, fica evidente em afirmações que demonstram pouca compreensão da importância dos documentos escritos e da sua análise para a aprendizagem da História, ou até mesmo dificuldade em entender a sua conexão com os conteúdos abordados no texto informativo. O problema fica visível em respostas como as transcritas abaixo, retiradas de inquéritos de alunos do 10º ano:

“[...] tem poucos exercícios, por exemplo a maioria se não todos os exercícios são das paginas [sic] dos documentos em vez de ter exercícios separados.” – 27Z, Questão 11

“Excesso de documentos desnecessários.” – 21Z, Questão 11

“Mudaria a organização com menos documentos [...]” – 25Z, Questão 12

“[...] mais exercícios sem ser só dos documentos pois às vezes os documentos podem ser confusos.” – 27Z, Questão 12

### 4.3. Inquérito aos encarregados de educação

Depois de recolhidos os inquéritos respondidos pelos alunos, foram distribuídos os questionários destinados aos encarregados de educação (ver Questionário aos Encarregados de Educação, disponível no **Anexo 3** deste trabalho). Os estudantes foram orientados a levar as questões para casa e trazê-las preenchidas na primeira aula da semana seguinte. Como referido, a adesão dos encarregados de educação foi baixa, mas os resultados dos inquéritos preenchidos serão discutidos a seguir.

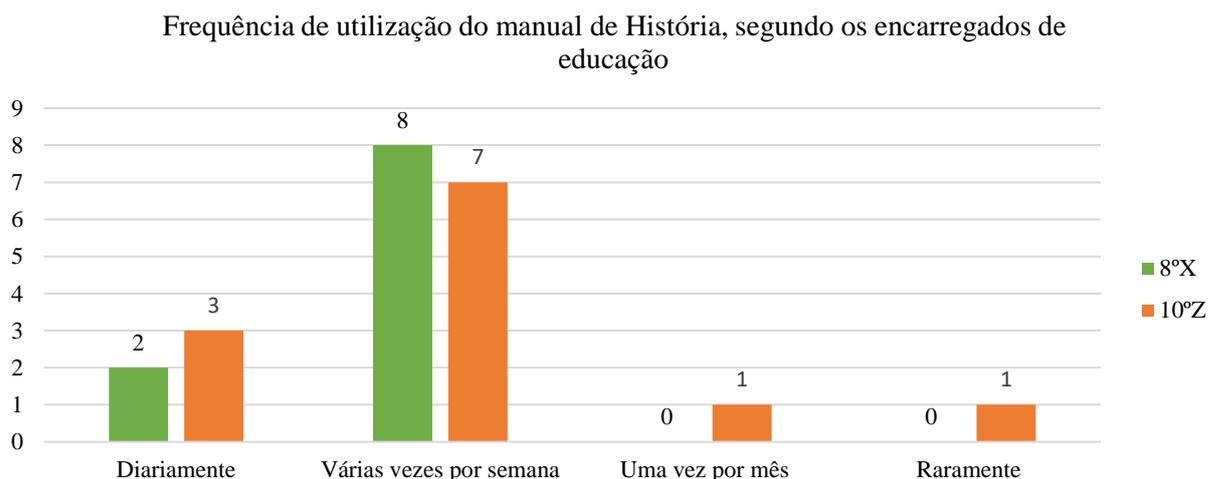
Uma vez que a dissertação de Carlos Fernando Machado Costa<sup>124</sup> foi o único trabalho nesta linha de investigação que também realizou inquéritos aos encarregados de educação, os resultados serão apenas comparados com aqueles obtidos por este autor.

A maioria dos encarregados participantes afirma acompanhar o estudo do seu educando 1-2 vezes por semana (12 respostas de um total de 23 encarregados, ver **Anexo 19**), enquanto os restantes indicaram acompanhar o estudo diariamente (6 respostas) ou quando o educando solicitava (5 respostas). Na sua percepção, esse estudo é realizado com recurso ao manual escolar adotado pela escola e ao caderno diário. Cerca de metade das respostas também indicaram que utilizam sites da internet e o Caderno de Atividades (**Anexo 20**). Essa percepção está alinhada às respostas dadas pelos alunos acerca dos seus hábitos de estudo, em que mostravam priorizar o manual escolar, o caderno diário e a internet como instrumentos para tirar dúvidas e estudar História (ver subcapítulo anterior). A única divergência de destaque é que um número maior de encarregados de educação (12) apontou o Caderno de Atividades como recurso adotado no estudo de História do que o número de estudantes (3).

É possível que essa diferença decorra de uma percepção dos encarregados de que o Caderno de Atividades tem de ser utilizado no estudo, uma vez que o adquiriram para o seu educando. Entretanto, o fato de a aquisição destes materiais ser opcional e não gratuita tende a inibir os professores de empregá-los em sala ou em tarefas para casa, algo que pode explicar a menor percepção de uso registrada pelos estudantes.

---

<sup>124</sup> Carlos Fernando Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015).



**Gráfico 8** Questão 3 do inquérito aos encarregados de educação

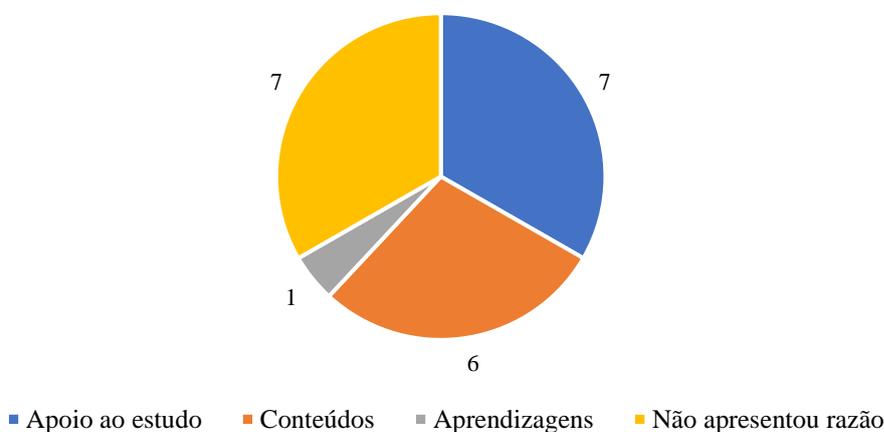
Em seguida, foi pedido àqueles cujo educando utiliza o manual no estudo que indicassem a frequência desse uso. Dois encarregados do 10ºZ não assinalaram o uso do manual na questão 2 e, portanto, não deveriam responder à questão seguinte. Entretanto, somente um encarregado do 8ºX não respondeu à questão 3 (**Anexo 21**). Dentre as respostas obtidas, a maioria indicou que os alunos o utilizam várias vezes por semana (15 respostas) ou diariamente (5 respostas) no seu estudo, como pode ser observado no Gráfico 8. Essa proporção das respostas foi bastante semelhante à obtida nas respostas dadas pelos alunos quando lhes foi perguntado com que frequência utilizam o manual escolar (ver **Anexo 8**).

Estes resultados são semelhantes aos obtidos por Carlos Costa. A maioria dos encarregados que inquiriu também assinalaram acompanhar o estudo do seu educando diariamente (8 em 20 respostas), uma a duas vezes por semana (6 respostas) ou quando solicitam (5 respostas). Apenas dois encarregados afirmaram não acompanhar o estudo. Além disso, segundo os familiares, os recursos privilegiados pelos alunos para estudar História são o caderno diário (16 respostas), o manual escolar adotado pela escola (16 respostas), o Caderno de Atividades (12 respostas) e pesquisas em sites da internet (12 respostas). Já dos 16 que afirmaram que utilizam o livro, 11 acreditam que os educandos o utilizam diariamente e 5 afirmam que utilizam várias vezes por semana<sup>125</sup>.

<sup>125</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 123-6.

Quase todos os encarregados de educação participantes (21 em 23 inquéritos) afirmaram que consideram importante a utilização do manual escolar na disciplina de História (**Anexo 22**). Foi-lhes pedido que justificassem essa afirmação e as respostas daqueles que assinalaram “Sim” foram categorizadas e classificadas (**Anexo 23**), como fica visível no Gráfico 9 abaixo. Do total de inquéritos, 7 participantes não deram razão para sua resposta afirmativa e 7 indicaram que consideram o manual escolar importante porque serve de apoio ao estudo dos alunos. Outros 6 referiram o papel do livro como sistematizador das matérias e repositório dos conteúdos da disciplina.

Razões apresentadas pelos encarregados que responderam "Sim" à Questão 4



**Gráfico 9** Categorização das respostas à Questão 4 do inquérito aos encarregados de educação

Um encarregado de educação assinalou “Não”, mas não justificou a sua escolha. Por fim, um assinalou “Indiferente”, afirmando que:

“É importante, sim mas talvez se usássemos mais, a tecnologia talvez seria mais interessante para os alunos.” – E-3Z

A justificação apresentada demonstra que esse familiar não considera que o uso do manual escolar não seja importante na aula de História, mas que pensa que a sua substituição por recursos e tecnologias digitais seria mais vantajosa para os alunos.

Novamente os dados estão em linha com o trabalho de Costa: quando questionados, todos os 20 encarregados assinalaram que consideram importante a utilização dos manuais de História e de Geografia. Destes, 18 justificaram a resposta afirmando que os manuais escolares

são relevantes por auxiliarem os alunos no estudo, na pesquisa de informação e na realização de trabalhos, por trazerem esquemas e documentos que facilitam a aprendizagem do educando e por proporcionarem o sucesso escolar<sup>126</sup>.

Foram também questionados sobre quais as componentes mais importantes de um manual escolar de História. A maioria dos encarregados assinalou como importante a presença de exercícios e atividades (16 respostas), de textos sintéticos e objetivos (15), de imagens e figuras (15) e de resumos e sínteses (15). Cerca de metade das respostas também assinalaram as definições de conceitos e os esquemas explicativos (**Anexo 24**).

As duas últimas perguntas eram de resposta aberta, logo, para a sua análise seguiram-se os mesmos métodos de categorização anteriormente descritos. A única diferença foi o acrescento de um “E” à frente dos códigos de identificação atribuídos aos questionários, de maneira a distingui-los daqueles atribuídos aos alunos.

A questão 6 (**Anexo 25**) insidia sobre as percepções acerca da medida de gratuidade e reutilização dos manuais escolares, assim como dos seus impactos na educação dos alunos. Observa-se que a maioria dos encarregados considerou a medida positiva, devido aos seus impactos a nível económico e ambiental (9 respostas). Quanto ao impacto na formação do educando, a maioria considerou que não teve efeitos neste âmbito (6 respostas).

Por fim, na questão 7 (**Anexo 26**), apenas 17 encarregados responderam. Dentre as respostas obtidas, 9 inquéritos apresentaram respostas relacionadas à Medida de Reutilização dos manuais escolares. Estes encarregados consideraram que o sistema de verificação do estado de conservação dos manuais reutilizados poderia melhorar e que o não poder sublinhar nos livros atrapalha a aprendizagem dos alunos. Entre aqueles que falaram dos manuais em si, a maioria deseja melhorias na abordagem dos conteúdos e mais exercícios.

“Creio que deveria haver um maior controlo no final de cada ano para que os livros a reutilizar estejam em bom estado para os seguintes.” – E-8X

“Em termos de reutilização às vezes é um pouco difícil pois gostavam de poder sublinhar e não se pode fazê-lo devido a essa mesma reutilização. [...]” – E-8Z

“[...] No que respeita à composição dos manuais acho que deveriam ter mais exercícios.” – E-9Z

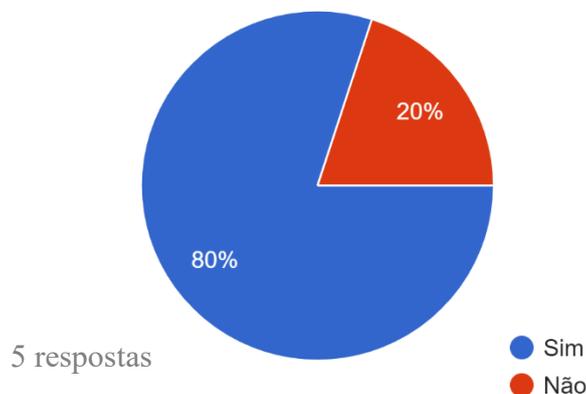
---

<sup>126</sup> Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 127-8.

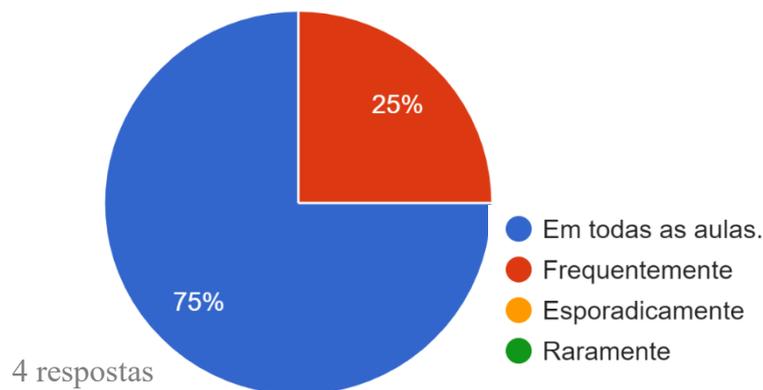
A análise dos resultados dos inquéritos, ainda que comprometida pela pequena amostragem, demonstra uma tendência de os encarregados de educação igualarem as opiniões dos alunos acerca dos elementos que compõem um “bom” manual de História e da forma como este deve ser utilizado. Sua visão acerca dos manuais escolares de História está em linha com a apresentada pela maioria dos estudantes, enquadrando-se no modelo de ensino e de aprendizagem de uma História expositiva, na qual o livro escolar ocupa um papel de autoridade. As funções que lhe atribuem também são de transmissão de conteúdos, de consolidação de aquisições e de orientação da aprendizagem.

#### 4.4. Inquérito aos professores de História

Após uma reunião de grupo disciplinar, onde foi informada a realização da investigação e os seus objetivos, os inquéritos aos professores de História atuantes na escola foram enviados em formato *Google Forms* (ver perguntas aplicadas no **Anexo 4** deste trabalho). Estes eram compostos por 9 questões, 6 de múltipla escolha e 3 de resposta aberta. A resposta às perguntas 2, 3 e 4 estavam condicionadas a uma resposta afirmativa à primeira questão, logo, um dos docentes inquiridos não as obteve.



**Gráfico 10** Questão 1 do inquérito aos professores – Utiliza ou não utiliza o manual escolar de História nas aulas



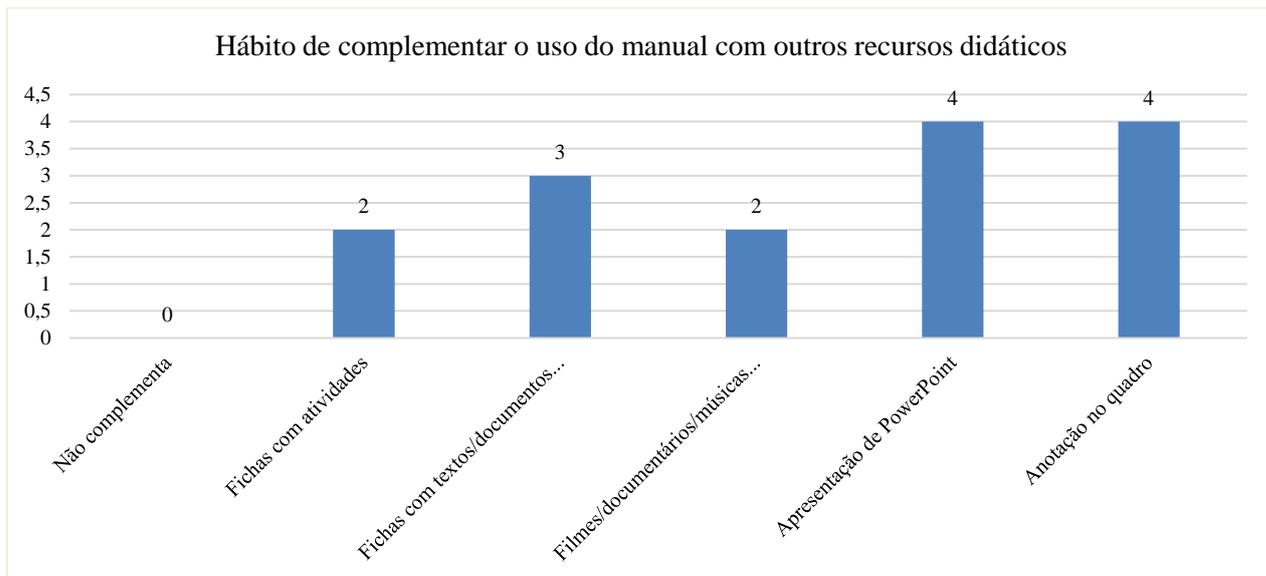
**Gráfico 11** Questão 2 do inquérito aos professores – Frequência de utilização do manual escolar de História nas aulas

Dos 5 professores que responderam, apenas um afirmou não utilizar o manual escolar como recurso nas suas aulas (Gráfico 10). Já dos restantes, 3 professores afirmam usar em todas as aulas e 1 afirma usar frequentemente (Gráfico 11). Assinalaram que mobilizam esse recurso para analisar e interpretar documentos, gráficos, imagens e tabelas, assim como para resolver exercícios (**Anexo 27**). Os quatro professores também indicaram complementar essa utilização do manual escolar com outros recursos didáticos, especialmente apresentações *PowerPoint* e registros no quadro (Gráfico 12 abaixo).

Estes dados assemelham-se aos recolhidos em outras investigações. No trabalho de Carlos Costa, todos os 11 professores inquiridos afirmaram utilizar o manual como recurso nas aulas. Destes, 5 indicaram usá-lo em todas as aulas, 5 assinalaram usar muitas vezes e apenas 1 indicou usar o livro apenas esporadicamente. O empregam principalmente para análise e interpretação de documentos, gráficos e tabelas, para exploração de imagens e para resolução de exercícios em sala de aula, sempre aliado à exploração de outros recursos didáticos (*PowerPoint*, programas de georreferenciação, mapas, filmes e documentários etc.)<sup>127</sup>. Também vão ao encontro dos resultados obtidos por Maria Isabel Afonso, dado que todos os cinco professores que entrevistou afirmaram utilizar o manual escolar habitualmente, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Dentro da sala de aula, indicaram fazer uso o livro para análise dos documentos e fontes com os alunos, para leitura do texto informativo, para realização de atividades de interpretação de fontes (individualmente e a pares) e para a elaboração de sínteses da matéria com os alunos. Já fora da sala, os professores entrevistados

<sup>127</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 105-10.

utilizam o manual para planificação e para inteirarem-se dos conteúdos programáticos e dos materiais disponíveis ao estudo, de forma que, mesmo quando utilizam outros recursos, são capazes de indicar aos estudantes onde encontrar os conteúdos no livro<sup>128</sup>. A professora de História entrevistada por João Carlos Lima expressou que considera o manual escolar uma fonte crucial de informação na sala de aula, mas também afirmou que complementa a sua exploração com o uso de apresentações *PowerPoint*, vídeos, páginas da internet e visitas de estudo, sempre que possível<sup>129</sup>.



**Gráfico 12** Questão 4 do inquérito aos professores

Os quatro docentes que utilizam o livro escolar indicaram que o fazem porque os documentos, ilustrações etc. são úteis à lecionação (**Anexo 28**). Além disso, 3 indicaram que o manual os auxilia a organizar os conteúdos e as aprendizagens, uma função externa à sala de aula. Vale destacar que apenas um destes professores assinalou gostar do manual escolar de História. Já o professor que não utiliza o manual escolar indicou que não o faz porque prefere ter maior flexibilidade na planificação e porque considera que o livro não respeita a organização dos conteúdos proposta pelas Aprendizagens Essenciais.

Essa investigação das formas de utilização dos manuais escolares pelos professores de História indica que também é um instrumento de trabalho privilegiado, dentro e fora da sala de

<sup>128</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 145-63.

<sup>129</sup> Lima, “Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso”, 55.

aula, pelos docentes. Para os professores inquiridos, o manual assume principalmente funções de auxílio nas aprendizagens, de apoio na promoção de competências históricas e de guia na planificação e na seleção dos conteúdos a serem ensinados.

A questão 7 investigava as percepções dos professores de História acerca da medida de gratuidade e reutilização dos manuais escolares (ver transcrição das respostas no **Anexo 30**). Dois professores afirmaram que a medida não teve impacto na forma como utilizam esse recurso didático ou no trabalho em sala de aula. Os outros dois afirmaram que concordam com a importância da medida em termos sociais, mas têm preocupações com os constrangimentos ao estudo dos alunos e ao trabalho dos professores (ter de adaptar atividades para que não seja necessário escrever no livro) que a reutilização pode causar.

Em seguida, quando questionados acerca da sua visão sobre a evolução dos manuais escolares nos últimos anos (ver transcrição das respostas no **Anexo 31**), dois docentes apontaram mudanças positivas ao nível da interatividade, especialmente no caso dos manuais online. Dois apontaram alterações negativas nos manuais escolares do Ensino Básico, afirmando que se tornaram mais “infantilizados” e perderam rigor na abordagem dos conteúdos. No caso do professor que escolhe não o utilizar, afirma que as transformações mais recentes se limitaram a reduzir o volume dos livros.

Por fim, a última pergunta inquiria sobre o que os docentes consideravam que deveria ser melhorado nos manuais escolares de História (ver transcrição completa das respostas no **Anexo 32**). As respostas apontaram no sentido da sua atualização com as orientações das Aprendizagens Essenciais, do estímulo à interatividade, da simplificação visual e do aumento da sobriedade dos textos e documentos nos manuais do Ensino Básico. Um professor respondeu que não considera que o problema maior está nos manuais, mas sim nas Aprendizagens Essenciais, que preveem uma quantidade excessiva de conteúdos para a carga horária diminuta do Ensino Básico.

“Considero que, mais do que os manuais em si, devem ser atualizados os seus conteúdos, assim como as aprendizagens essenciais. Por exemplo, no 7º ano, não parece lógico que alunos tão jovens devam aprender um processo evolutivo que vai desde os primeiros hominídeos até à crise no século XIV num só ano letivo, isto tendo em consideração a carga horária semanal, que varia entre as 2 e as 2,5 horas.” – Professor 4

“Considero que os manuais do ensino secundário têm qualidade e devem mantê-la; devem privilegiar a clareza e organização do texto informativo, bem como a qualidade dos documentos escritos e iconográfico, tabelas, ...

No caso dos manuais do ensino básico, devem melhorar a organização dos assuntos a abordar e adquirir mais sobriedade, privilegiando um bom texto informativo, incluir mais documentos, manter alguns exercícios e eliminar todo os excessos de informação visual que neste momento contêm.” – Professor 5

É interessante destacar que professores inquiridos por Nelson Araújo também expressaram o desejo por mudanças no programa para a disciplina, que consideram que deveria ser reduzido, assim como a necessidade de diversificar e cuidar da qualidade das fontes apresentadas pelos manuais<sup>130</sup>. Já os docentes entrevistados por Maria Isabel Afonso sugeriram diversificar e aumentar o número de fontes para trabalho da multiperspectiva ou da arte, incluir mais atividades de articulação curricular, incluir mais atividades com uso das tecnologias de informação e comunicação e dilatar o texto de autor<sup>131</sup>.

Através desse inquérito, é possível afirmar que os professores da escola valorizam nos manuais a presença de boa organização dos conteúdos, de correta seleção de documentos e recursos de apoio à aprendizagem, de textos de autor com rigor científico e de adequação ao nível das turmas e de exercícios e atividades de qualidade. Um dos professores inquiridos também indicou valorizar a integração de recursos interativos.

Ainda que a amostra deste questionário seja bastante reduzida, os resultados vão de encontro com aqueles obtidos por outros autores. Nelson Araújo identificou que os quatro professores que entrevistou também valorizam aspectos como o texto informativo e os documentos, assim como os recursos digitais e o grafismo das páginas<sup>132</sup>. Carlos Costa, por sua vez, aponta que os professores consideram um “bom manual” aquele que traz diversos recursos de apoio ao ensino e aprendizagem, que é acessível e atraente para os alunos, que é claro e bem organizado na articulação de conteúdos, que traz exercícios diversificados, que está de acordo com os programas e que promove o estudo e a construção orientada do conhecimento pelos estudantes<sup>133</sup>. Maria Isabel Afonso também registrou que os docentes entrevistados tendem a valorizar as fontes, o texto de autor, as atividades de interpretação de fontes e as páginas de

---

<sup>130</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 59.

<sup>131</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 203-6.

<sup>132</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 56.

<sup>133</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 107-8.

abertura de unidade e de temática<sup>134</sup>. Por fim, Carlos Nunes indicou que as professoras que inquiriu valorizam principalmente adequação ao nível dos alunos, clareza, objetividade, organização, coerência nos manuais adotados e conformidade com as orientações do Ministério da Educação<sup>135</sup>.

#### 4.5. Inquérito complementar aos alunos do 10º ano

A partir dos resultados obtidos, foi decidido complementar os inquéritos iniciais colocados aos alunos com mais algumas questões. O objetivo era de averiguar mais diretamente a sua percepção acerca da forma como o manual escolar de História desenvolve a abordagem dos conteúdos. Este inquérito foi aplicado a 27 alunos do 10ºZ, também como forma de diagnóstico para a atividade de intervenção que seria aplicada.

**Tabela 4** Questão 1 do segundo inquérito aos estudantes - Funções do manual escolar de História

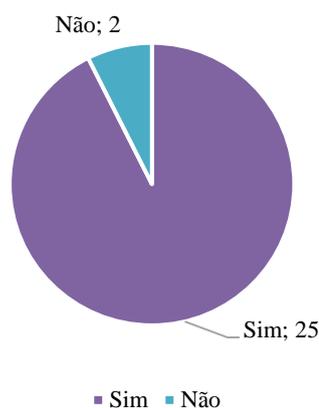
<b>Categorias de resposta</b>	<b>Frequência</b>
Auxílio no estudo	8
Transmissão de conhecimentos / informações	9
Explicação das matérias	8
Consolidação de aprendizagens (exercícios)	2
Instrumento de pesquisa	2
Instrumento de consulta	2
Guia / Orientação	2
Integração de conteúdos	1
<b>Total</b>	<b>34</b>

A primeira questão era de resposta aberta e averiguava a percepção dos estudantes acerca da função dos manuais escolares. As respostas, assim como nos questionários anteriores, foram categorizadas (ver **Anexo 33** e Tabela 4). A maioria afirmou que têm a função de transmitir conhecimentos e informações relativos à disciplina, de auxiliar no estudo e de explicar as matérias. Além disso, 25 dos 27 alunos consideram que essas funções são cumpridas de maneira satisfatória pelo seu livro (Questão 2, ver Gráfico 13).

<sup>134</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 166-8.

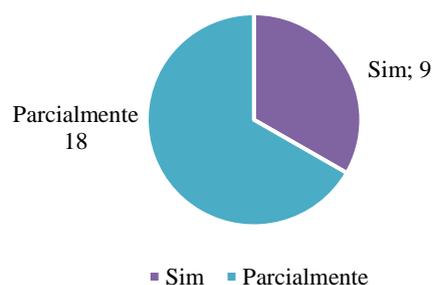
<sup>135</sup> Nunes, “Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação”, 71-2.

Capacidade do manual de cumprir suas funções, segundo os alunos



**Gráfico 13** Questão 2 do segundo inquérito aos alunos

Percepção acerca da abordagem das temáticas pelo manual escolar de História



**Gráfico 14** Questão 3 do segundo inquérito aos alunos

Em seguida, foi perguntado se os estudantes consideravam que o manual escolar de História abordava todas as temáticas de forma satisfatória, para o qual 9 concordaram plenamente e 18 responderam que apenas parte das matérias são abordadas satisfatoriamente (Questão 3, ver Gráfico 14). No entanto, quando foi pedido que especificassem quais temáticas gostariam de ver abordadas de forma diferente e justificassem (Questão 4, ver **Anexo 34**), mais da metade afirmou não achar que há temáticas que precisam ser trabalhadas de outra maneira e apenas 2 alunos falaram sobre a abordagem de temáticas específicas, como se vê nas respostas a seguir:

“Um exemplo é [sic] as bruxas da noite, que matavam nazis, foram muito importantes mas nunca falamos das histórias. Apresentar histórias, grupos ou pessoas, vai cativar a atenção mais fácil [sic].” – 25Z, Questão 4

“Acho que as matérias ligadas à arte devia [sic] ser melhor abordada [sic] em relação aos artistas.” – 6Z, Questão 4

Entre estas duas respostas, a primeira não parece apresentar uma reflexão acerca das matérias que a aluna estuda, mas sim a repetição de ideias de senso comum com que tenha contactado fora da escola. Isto, porque, o nazifascismo ou a Segunda Grande Guerra não são temáticas trabalhadas durante o 10º ano. Também é de interesse notar que a aluna parece querer trabalhar mais a História em pequenas escalas, falando sobre indivíduos ou pequenos grupos. A segunda resposta, por sua vez, parece se referir ao trabalho da arte do Renascimento, bastante discutida durante o terceiro período do 10º ano. Sua reclamação é de que os movimentos artísticos tendem a ser mais trabalhados nas suas características gerais, deixando de lado a discussão aprofundada das vidas de artistas e das suas obras.

O fato da maioria dos alunos não saber indicar temáticas específicas que gostaria de ver abordadas diferentemente reforça o diagnóstico realizado. Muitos alunos não refletem acerca do conteúdo do seu manual escolar de História, apenas tomam o livro como autoridade e como portador de um conhecimento estático, que não se transforma e não precisa ser questionado. O manual assume, na sua visão, uma função eminentemente transmissiva e expositiva.

## CAPÍTULO V – A intervenção pedagógica

A seguir, serão descritos os processos de aplicação e os dados coletados através das atividades de intervenção pedagógica desenhadas.

### 5.1. Interpretação de fontes escritas

Esta atividade foi desenhada com intuito de tentar levar os alunos do 10ºZ a ultrapassarem as dificuldades que demonstraram no trabalho com documentos escritos.

No dia 26 de abril de 2023, foi lhes pedido que lessem dois documentos disponibilizados no seu manual escolar<sup>136</sup> e, a partir deles, respondessem a três questões de interpretação da sua mensagem:

1. Explique porque o conhecimento evidenciado por Garcia de Orta “destruía” os escritores antigos e modernos.
2. Apresente os “erros” que Duarte Pacheco Pereira encontrou nos cosmógrafos antigos.
3. Explícite duas razões para Garcia de Orta e Duarte Pacheco serem considerados exemplos de transição para uma nova forma de conhecimento.

Fundamente seus argumentos com excertos relevantes dos docs. 33 e 34.

As duas primeiras perguntas foram retiradas do próprio livro, enquanto a última foi passada no quadro para que copiassem. Ao final, 24 alunos devolveram as respostas em folha avulsa.

As respostas foram tratadas e classificadas de acordo com o nível de análise de fontes escritas que revelam. Para tal, foram utilizadas as escalas adotadas e descritas em dois trabalhos: de Maria Gorete Moreira, que classifica as respostas dos estudantes em 4 níveis (“Cópia”;

---

<sup>136</sup> Maria Antónia Monterosso Rosas e Célia Pinto do Couto e Elisabete Jesus, *Entre Tempos – História A – 10º ano*, Parte 3 (Porto: Porto Editora, 2022), 42. Uma cópia dos documentos selecionados se encontra disponível no **Anexo 35** deste trabalho.

“Reformulação da mensagem”; “Opinião emergente”; “Opinião fundamentada”<sup>137</sup>), e de Maria Isabel Bexiga Afonso, que as classifica em 3 níveis (“Incoerência ou fragmentos”; “Interpretação genérica da fonte”; “Interpretação objetiva da fonte”<sup>138</sup>). Foram apontados, também, os casos de alunos que não fizeram uma questão ou que ignoraram as fontes disponibilizadas na sua resolução.

Como é possível observar nos quadros no **Anexo 36** e no **Anexo 37**, a maioria das respostas a essa primeira aplicação enquadraram-se nos níveis intermediários de elaboração. Do total de 60 respostas registradas, a maioria enquadra-se na categoria de “Opinião emergente” (22 respostas) ou de “Reformulação da mensagem” (21 respostas) na classificação da primeira autora. Nas outras duas categorias, 9 respostas foram classificadas ao nível “Opinião fundamentada” e 5 ao nível “Cópia”. Já de acordo com a classificação da segunda autora, a maioria enquadra-se no nível “Interpretação genérica da fonte” (26 respostas) e “Interpretação incoerente ou fragmentada” (20 respostas), com apenas 4 respostas ao nível “Interpretação objetiva da fonte”.

Essa tendência foi a mesma que foi identificada por Maria Isabel Afonso ao observar o nível de análise de fontes escritas de uma amostra de 112 alunos do 10º ano em História A, de diferentes escolas. Dentre estes, 50 respostas classificaram-se ao nível “Interpretação genérica da fonte”, 22 ao nível “Incoerência e fragmentos” e 18 ao nível “Interpretação objetiva da fonte”<sup>139</sup>.

Os resultados também se assemelham aos obtidos por Maria Gorete Moreira, ainda que esta tenha aplicado as questões a um conjunto de 11 alunos de uma turma de 8º ano. De um total de 40 respostas analisadas, 22 foram classificadas ao nível “Reformulação da mensagem”, 14 ao nível “Opinião emergente”, 3 ao nível “Cópia” e apenas 1 ao nível “Opinião fundamentada”<sup>140</sup>. Houve um número ligeiramente maior de respostas classificadas nas

---

<sup>137</sup> Para explicação aprofundada dos níveis de categorização, vide: Maria Gorete Moreira, “As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula” (Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004), 114-5, <https://hdl.handle.net/1822/2631>.

<sup>138</sup> Para explicação aprofundada dos níveis de categorização, vide: Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 221-3.

<sup>139</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 224-5.

<sup>140</sup> Moreira, “As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula”, 116.

categorias mais elevadas pelo 10ºZ, mas é preciso ter em consideração que estão num nível de escolaridade mais avançado que os alunos questionados por Maria Gorete Moreira.

A atividade foi devolvida e corrigida com a turma, com a apresentação de exemplos de respostas selecionadas por estarem bem construídas. Colocou-se uma discussão acerca de que aspectos deveriam aparecer na resposta, de como interpretar as ideias principais das fontes e de como mobilizá-las, em associação com os conhecimentos obtidos nas aulas e na leitura do texto informativo do manual, para construir uma resposta.

A intenção inicial era de realizar a dinâmica três vezes, porém imprevistos na calendarização fizeram com que só fosse possível duas. No dia 29 de maio foram aplicadas mais 4 questões (duas retiradas do livro didático e duas passadas no quadro) acerca de outras duas fontes escritas disponíveis no manual<sup>141</sup>. As seguintes questões acompanharam:

1. Aponte três desregramentos dos membros do clero.
2. Que respostas podiam ser dadas às questões do humanista John Colet?
3. Aponte qual foi a posição adotada pelos autores dos docs. 5 e 7 (página 114 do manual escolar) face aos “males da Igreja” do seu tempo.
4. Explique porque as ideias de Lutero representaram uma ruptura com a Igreja Católica. Fundamente sua resposta com excertos relevantes do doc. 7.

Idealmente, teria sido registrada uma melhoria nos níveis de resposta entre a correção da primeira atividade e a realização da segunda. Entretanto, esta última foi administrada com um mês de separação da primeira e já muito próximo do final do ano letivo, quando o interesse e a atenção dos alunos estavam a declinar. Assim, a evolução registrada foi inconstante (comparar os quadros nos Anexos 36 e 37 aos quadros no **Anexo 39** e no **Anexo 40**).

O número de estudantes que ignoraram as fontes, especialmente nas questões 2 e 3, aumentou significativamente (17 respostas, de um total de 84), assim como o número de questões não respondidas (12, destacando também que menos 3 alunos participaram na atividade). A prestação da turma também variou de uma pergunta para outra, dado que os alunos

---

<sup>141</sup> Rosas e Couto e Jesus, *Entre Tempos – História A – 10º ano*, 114. Uma cópia dos documentos selecionados se encontra disponível no **Anexo 38**.

apresentaram mais respostas classificadas em níveis mais baixos de interpretação nas questões 1 e 3 do que nas questões 2 e 4.

Analisando as respostas com a escala de Maria Gorete Moreira, a prestação geral da turma caiu, dado que a maioria foi classificada ao nível “Cópia” (18 respostas), enquanto o número registrado ao nível “Opinião emergente” diminuiu (12). Entretanto, uma quantidade maior de respostas alcançou o último nível, “Opinião fundamentada” (13), do que na primeira atividade. De acordo com escala usada por Maria Isabel Afonso os resultados da turma também pioraram, sendo registrado um número igual de respostas (24 de um total de 84) aos níveis “Interpretação incoerente ou fragmentada” e “Interpretação genérica da fonte”.

## 5.2. Páginas do Manual Escolar da Turma

O desenvolvimento do trabalho de elaboração de um “manual escolar” da turma do 10ºZ, em complemento ao manual escolar que utilizavam, deu-se ao longo de seis semanas.

Como dito anteriormente, a atividade foi lançada com uma aula no dia 9 de maio de 2023. Para além desse momento inicial, foi disponibilizado o espaço de mais uma aula para que as duplas se reunissem e trabalhassem em sala de aula, com apoio da professora, no dia 15 de maio. Em seguida, os alunos tiveram cerca de duas semanas para concluir os trabalhos de pesquisa, seleção de documentos e materiais e elaboração dos dossiês de manual escolar (duas páginas em tamanho A4), até a data de entrega no dia 2 de junho. Durante esse tempo, os alunos tiveram apoio das docentes de História para tirar dúvidas e pedir auxílio na seleção de bibliografia e de documentos, algo que algumas duplas fizeram ao final das aulas ou via mensagem privada na *Google Classroom*.

Antes e depois das entregas, buscou-se dar *feedback* acerca dos trabalhos elaborados, apontando erros e pontos a desenvolver. Parte da turma se mostrou aberta aos comentários, enquanto algumas duplas escolheram não realizar as alterações recomendadas.

Depois do período para alterações, o produto das várias páginas produzidas pela turma foi reunido em um livro virtual, através da ferramenta *Book Creator*<sup>142</sup>. Exceto uma capa e um

---

<sup>142</sup> O *Book Creator* é uma plataforma online de produção de e-books destinada ao uso escolar. Pode ser acessada através do link: <https://bookcreator.com/>. Acedido em: 30/08/2023.

índice acrescentados ao final, todas as restantes páginas do livro foram produzidas pelos estudantes. O livro virtual pode ser acesso através de link anexo abaixo<sup>143</sup>.

Entre os dias 7 e 12 de junho, os alunos apresentaram as páginas que produziram ao restante da turma. Nessas apresentações, tiveram de explicitar as informações recolhidas acerca da temática, explicar os documentos e componentes que selecionaram e a organização do seu dossiê, justificando as suas escolhas face ao tema que estiveram a trabalhar. Além disso, tiveram de responder a algumas questões de autoavaliação até o dia 13 de junho<sup>144</sup>. Nessa autoavaliação pedia-se que relatassem o trabalho que desenvolveram, as dificuldades que encontraram, como dividiram as tarefas com a sua dupla, como selecionaram as informações e documentos e a justificação das escolhas que fizeram na elaboração das páginas. Tiveram, também, que avaliar a sua prestação em diferentes domínios e responder a algumas questões de reflexão acerca da atividade.

A avaliação dos resultados produzidos pelas duplas seguiu os critérios disponibilizados aos alunos no final do guião da atividade (**Anexo 6**), os quais são explicitados no referencial de avaliação a seguir:

Objeto de Avaliação	Crítérios	Indicadores
Trabalho em duplas, desenvolvido pelos alunos de uma turma de 10º ano do Ensino Secundário, no qual tiveram de produzir um manual escolar da turma, fruto de trabalhos de pesquisa e recolha de informação.	Investigação	Pesquisa, planeia, seleciona e organiza informação, recorrendo a métodos de validação da informação.
		Pesquisa e seleciona imagens, documentos, mapas e/ou esquemas relevantes à temática.
		Apresenta as fontes das informações coletadas.
		Diversifica os instrumentos de pesquisa.
	Comunicação	Domina a informação coletada.
		Exprime-se com correção, clareza, organização e rigor no uso da linguagem
		Utiliza adequadamente terminologia específica da disciplina.
		Aplica a estrutura apresentada para a atividade.
	Sentido crítico	Integra adequadamente as componentes exigidas ao trabalho final.
		Avalia construtivamente o trabalho da dupla.
		Justifica, de forma embasada, as escolhas feitas durante a elaboração do trabalho.

<sup>143</sup> É possível acessar o livro, contendo o trabalho produzido pela turma, através do *link*: [https://read.bookcreator.com/vcjuTciJDIPt63Q4uA0miX2yxbz2/ZbHNiDG8Rz6V7O\\_9pWv8VQ](https://read.bookcreator.com/vcjuTciJDIPt63Q4uA0miX2yxbz2/ZbHNiDG8Rz6V7O_9pWv8VQ).

<sup>144</sup> As questões de autoavaliação colocadas aos alunos encontram-se disponíveis no **Anexo 7**.

	Desenvolvimento Pessoal	Age com autonomia e responsabilidade.
		Revela respeito, resiliência e curiosidade de aprender.
		Realiza auto e heteroavaliação de forma criteriosa.
		Revisa o trabalho de acordo com o <i>feedback</i> obtido.
		Faz sínteses adequadas sobre o trabalho.
	Desenvolvimento Interpessoal	Apresenta postura correta ao trabalho em grupo.
		Colabora para a construção do trabalho.
		Respeita o colega da dupla.

Do total de 16 dossiês entregues pelas duplas (duas duplas, devido a conflitos entre os integrantes, dividiram os trabalhos e foram avaliadas distintamente), 3 foram classificados como “Suficiente”; 5 classificam-se como “Bom” e 8 classificam-se como “Muito Bom/Excelente”, segundo os critérios estabelecidos. A classificação mais baixa deveu-se a um dos trabalhos não incluir nenhum documento ou esquema e apresentar algumas incorreções da informação. Um aluno afirmou não ter participado na realização da atividade com a sua dupla, escolhendo também não realizar apresentação, de forma que ficou sem classificação nas duas tarefas.

Nas apresentações, os resultados foram mais heterogêneos. A avaliação foi feita de forma individual e 8 alunos tiveram a apresentação classificada como “Suficiente”, 9 como “Bom” e 8 como “Muito Bom/Excelente”. Uma estudante escolheu não apresentar, apesar de ter realizado o trabalho, e uma apresentação foi classificada como “Insuficiente”, pois o estudante em questão não soube apresentar a informação, não demonstrou domínio sobre a sua parte do trabalho e não respondeu às questões que lhe foram colocadas.

A maioria das duplas escolheu manter estruturas bastante conservadoras para os dossiês, que continham texto informativo, alguma iconografia, bibliografia e, por vezes, um mapa. Apenas dois trabalhos incluíram documentos escritos nas páginas elaboradas: um trabalho focado nas mulheres na arte do Renascimento (Dossiê 2 abaixo), que utilizou trechos de textos historiográficos para justificar algumas afirmações; e outro focado nos primeiros contatos entre europeus e indígenas brasileiros, que utilizou um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, apesar de não identificar corretamente a proveniência do texto e discutir muito pouco o conteúdo da carta.

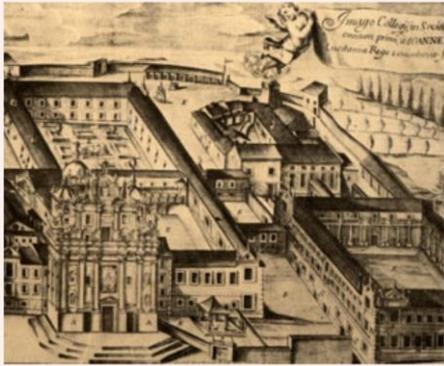
É interessante apontar que dada a opção de estruturarem as páginas como desejassem, após lhes serem apresentados vários modelos de organização da informação em diferentes

exemplos de manuais escolares, nenhum grupo seguiu a estrutura que coloca os documentos/mapas/esquemas nas páginas pares e o texto informativo nas páginas ímpares. Todos as duplas escolheram combinar a presença de texto e documentos nas duas páginas.

Tendo em consideração que muitos dos estudantes afirmam que desejam a presença de exercícios e atividades de consolidação nos seus livros didáticos, chama-se à atenção que apenas um trabalho contém perguntas acerca do conteúdo. Foi um dossiê que trabalhou a história do Real Colégio das Artes e Humanidades e da educação humanista na cidade de Coimbra (Dossiê 1). As perguntas elaboradas pelo estudante referem-se principalmente ao texto informativo que criou e servem uma função de consolidação, tirando clara inspiração da forma como este tipo de atividades costuma aparecer no manual escolar adotado pela disciplina.



## O Colégio das Artes e o Humanismo em Coimbra





### O Colégio das Artes

O Real Colégio das Artes e Humanidades foi criado em 1542 pelo Rei D. João III e foi substituído pelo Liceu Nacional de Coimbra em 1839.

Era dirigido por **André de Gouveia** (Humanista), este contava da ajuda de uma equipa de professores que ele próprio contratou.

O ensino no Colégio das Artes visava a formação moral e humanística dos jovens, ensinava-se a teologia, dogmática, escrituras, gramática, retórica, poesia, matemática, grego, hebraico, lógica e filosofia, além de ler e escrever.

**O colégio fez um grande sucesso, não só em Portugal, mas em toda a Europa, atraindo algumas pessoas importantes como Pedro Nunes, que começou a trabalhar no colégio como professor.**

**O seu sucesso irá incentivar a abertura de novos colégios no Porto, Braga, Bragança, Évora, Funchal, Angra do Heroísmo, Lisboa, etc... Estes colégios sendo todos inspirados no de Coimbra.**



Doc.1: Desenho do Colégio



Doc.2: D. João III



Doc.3: Pedro Nunes

- 1: Quanto tempo durou o Colégio das Artes e Humanidades?**
- 2: O que se ensinava no Colégio das Artes e Humanidades?**
- 3: Quais foram os professores que André de Gouveia contratou para o colégio?**

## 30

### Dossiê 1 O Colégio das Artes

Dentre os 16 trabalhos, 8 tomaram cuidado com a apresentação gráfica das informações, buscando elaborar páginas mais coloridas e apelativas ao olhar; como o exemplo dos Dossiês 2

e 3 reproduzidos abaixo. Entretanto, outros trabalhos demonstraram alguma dificuldade em ocupar o espaço das páginas e organizar os diferentes elementos, ficando mais simples e “preto no branco”, como o caso do Dossiê 4.

## 1.As mulheres na arte do Renascimento

### 1.1- Papel das mulheres na arte renascentista



1561 - Figura de uma mulher no renascimento

As mulheres desde o início dos séculos tiveram q provar o seu papel e estatuto na sociedade.

Na Grécia antiga ser mulher significava ser escrava, toda a parte intelectual era pertencente aos homens, já para os gauleses a mulher tinha um estatuto igual aos homens, indo para guerras, trabalhando nos campos e tomando decisões conjuntas.

Na Idade Média este estatuto da mulher teve bastantes mudanças obtendo: direitos e autoridade. Tendo trabalho em variadas profissões , pois os homens por muitas vezes estavam a combater em guerras e longas viagens.

Após o séc.XIII a mulher passou a ter um papel mais caseiro ficando assim com o trabalho doméstico, fazendo com que também no renascimento existisse uma diminuição da sua presença na arte e na literatura, logo a presença do homem no renascimento em matéria artística é predominante.

Foi neste contexto histórico que nomes como: Sofonisba Anguissola, Lavinia Fontana, Catarina Van Hemessen e Plautilla Nelli destacaram-se com as suas obras.

Nesta época onde a mulher e a sua presença na arte era banalizada Sofonisba Anguissola e Lavinia Fontana foram as artistas que mais se destacaram mas o papel da mulher na arte nunca foi muito investigado como podemos ver no seguinte documento 3.

**Documento 4**

Na realidade, nunca houve grandes mulheres artistas, até onde sabemos, apesar de haver algumas interessantes e muito boas que ainda não foram suficientemente investigadas ou apreciadas, como não houve também nenhum grande pianista de jazz lituano ou um grande tenista esquimó, e não importa o quanto queríamos que tivesse existido.

NOCHLIN, 2016

**Documento 5**

Tal nível de educação e liberdade de movimento dificilmente eram possíveis para as mulheres nos séculos XV e XVI, exceto ocasionalmente para um membro de uma família aristocrática cujo futuro seria considerado apenas em termos das desejáveis consequências políticas de seu casamento e não do seu potencial artístico ou intelectual.

HARRIS; NOCHLIN,1984



1577 - "Self-portrait as the Cleopatra with a Servant" de Lavinia Fontana, 1577



1568 - The Last Supper de plautilla nelli

### 1.2- Sofonisba Anguissola



1555 - Figura de Sofonisba Anguissola artista do renascimento

No século XVI, Sofonisba conquistou a poderosa corte espanhola do Rei Felipe II. Nascida em 1530, era a mais velha de seis irmãs e um irmão que seu pai, Almicare Anguissola, treinou para serem excepcionalmente realizados. A família Anguissola pertencia a uma pequena aristocracia da cidade de Cremona. Almicare era muito preocupado em oferecer a todos os filhos uma educação completa, que englobasse arte, literatura, música e Latim.

O talento de Sofonisba foi destacado e o seu pai não mediu esforços para promovê-la e à sua arte.

No Renascimento era muito importante que o artista conseguisse transmitir através da sua pintura as expressões das emoções através da fisionomia, criando assim, uma conexão e empatia.

Na tentativa de difundir o trabalho de Sofonisba, Almicare por diversas vezes levou seus desenhos a Roma.

Nas suas obras, é possível observar a atmosfera privativa retratada com naturalidade. Em uma das suas pinturas mais famosas, “The Chess Game”, o jogo de xadrez é uma pintura a óleo, Sofonisba retrata as suas irmãs a praticar um grande jogo de estratégia e tática, realçando o individualismo de cada pessoa através da pintura.



1555 - Pintura "The chess game" de Sofonisba Anguissola, 1555.

**Bibliografia/ Webgrafia**

Link cedido pela professora Luísa:  
[https://www.stnh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1552008256\\_ARQUIVO\\_ResumocompletoANPUH.pdf](https://www.stnh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1552008256_ARQUIVO_ResumocompletoANPUH.pdf)  
 (informação e documentos 4 e 5)  
 Documento 1: <https://virusdaarte.net/as-mulheres-no-renascimento-aula-no-53/>  
 Documento 2: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Selfportrait\\_at\\_the\\_Clavichord\\_with\\_a\\_Servant\\_by\\_Lavinia\\_Fontana.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Selfportrait_at_the_Clavichord_with_a_Servant_by_Lavinia_Fontana.jpg)  
 Documento 3: <https://www.apollo-magazine.com/plautilla-nelli-last-supper-santa-caterina/>  
 Documento 6: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Sofonisba-Anguissola.html>  
 Documento 7: [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_partida\\_de\\_xadrez\\_%28Sofonisba\\_Anguissola%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_partida_de_xadrez_%28Sofonisba_Anguissola%29)

## Dossiê 2 As mulheres na arte do Renascimento

### A Companhia de Jesus e os jesuítas em Coimbra

- A **Companhia de Jesus**, também conhecida como **Jesuítas**, foi fundada por Inácio de Loyola em 1540. O seu objetivo era difundir o Cristianismo e combater a Reforma Protestante que ocorria na Europa na época. Os Jesuítas destacaram-se pela ênfase na educação e nas missões evangelizadoras.



fig.1-Santo Inácio de Loyola

#### A chegada dos Jesuítas a Coimbra

- Em Coimbra, os Jesuítas estabeleceram a sua presença em 1542. A cidade, sendo um importante centro intelectual e religioso, ofereceu um ambiente propício para o desenvolvimento das atividades dos Jesuítas.

#### Educação e ensino dos Jesuítas em Coimbra

- Os Jesuítas em Coimbra fundaram o Colégio das Artes em 1542, onde ofereciam ensino de disciplinas como filosofia, teologia, retórica e humanidades. Essa educação abrangente tinha como objetivo formar líderes religiosos e intelectuais.

#### A Casa Professa dos Jesuítas em Coimbra

- Além disso, os Jesuítas construíram a Casa Professa em Coimbra, uma importante instituição que servia como centro de atividades religiosas e intelectuais. Esta instituição abrigava uma valiosa biblioteca e arquivos, que se tornaram recursos importantes para os estudantes e pesquisadores da época.

### A influência dos Jesuítas em Coimbra

- A presença dos Jesuítas em Coimbra teve um impacto significativo na cidade. Participaram ativamente na vida religiosa e social, contribuíram para a cultura e a ciência e influenciaram a formação de personalidades importantes.



Primeiro colégio jesuíta em Portugal, fundado em 1542 (Universidade de Évora é de 1553) Expulsão dos jesuítas de Portugal em 1759  
 Colégio de Jesus Refetório Colégio de las Artes  
 Imagem de 1732

fig.2-Centro jesuíta de Coimbra (1542-1759)

#### Expulsão dos Jesuítas em 1759

- No entanto, em 1759, os Jesuítas foram expulsos de Portugal por ordem do Marquês de Pombal. Alegações de abuso de poder e influência excessiva levaram ao encerramento dos colégios jesuítas e à expulsão dos religiosos.

#### Conclusão

- Apesar da expulsão, o legado dos Jesuítas em Coimbra perdura até os dias de hoje. As suas contribuições no campo da educação, religião, cultura e preservação do património histórico continuam a ser valorizadas e estudadas como parte importante da história da cidade.

## Dossiê 3 A Companhia de Jesus e os jesuítas em Coimbra

**O Renascimento em Coimbra, e o papel de João de Ruão**

Coimbra nos séculos XIV, XV e XVI vê chegar inúmeros mestres estrangeiros que vêm trabalhar a pedido de reis, nobres e prelados. A escultura da idade média atingiu o seu apogeu no séc. XIV percorrendo a partir daí um caminho na direcção do naturalismo, o gótico vem libertar as figuras de linhas geometrizes.

Coimbra neste período (séc.XV-XVI) apresenta inúmeras obras executadas, mas surge agora com outra dinâmica e influências, graças à presença de artistas espanhóis, franceses, flamengos e alemães na cidade; são numerosos os estrangeiros a trabalhar em Coimbra.

O séc. XVI em Portugal é uma época complexa, de abertura, de inovação. O gótico tradicional das oficinas da região de Coimbra é confrontada com a arte flamenga veiculada aos artistas que vinham do norte da Europa, e ao aparecimento das novas formas e fórmulas da Renascença.

Marcando o panorama artístico Coimbrã do início do séc. XVI destaca-se Diogo Pires-o-Moço com um conjunto de obras em que o gosto tardo-gótico perdura. É um artista local, que se constitui como elo de ligação entre a tradição gótica e a linguagem renascentista.

A influência norte-europeia reflecte-se em algumas das obras, no entanto a corrente que vinga é a dos franceses que, na primeira metade de Quinhentos vêm para Coimbra, exemplo disso é Nicolau Chanterenne, João de Ruão e Hodart; ambos têm em comum a formação de oficinas onde são praticadas as expressões artísticas do Renascimento italiano.



Porta Especiosa da Sé Velha de Coimbra, trabalho de João de Ruão

**O Renascimento em Coimbra, e o papel de João de Ruão**

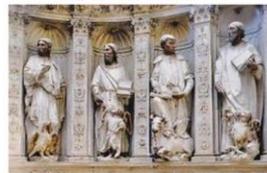
Concentremos-nos então na figura de João de Ruão e as suas obras. João de Ruão foi um escultor e arquitecto francês que se encontrou activo entre 1510 e 1572, fez a sua aprendizagem na Normandia na cidade de Ruão e trabalhou na construção da catedral da cidade.

Mais tarde é chamado a Portugal a pedido de D. Manuel I, instala-se em Coimbra em 1518 e monta a sua oficina na Rua do Colégio Novo, a actividade de J. de Ruão decorre em Coimbra, durante cerca de 50 anos. Com uma notável adaptação ao meio, pela sua oficina passam várias gerações de escultores e decoradores.

Na sua obra-prima a Capela do Sacramento na Sé Velha ou mesmo a Capela do Tesoureiro, Ruão deixa bem patente a sua dupla qualidade de escultor (com retábulos, painéis relevados e conjuntos consultórios) e arquiteto.



Deposição no túmulo (1535-1540, MNMC)

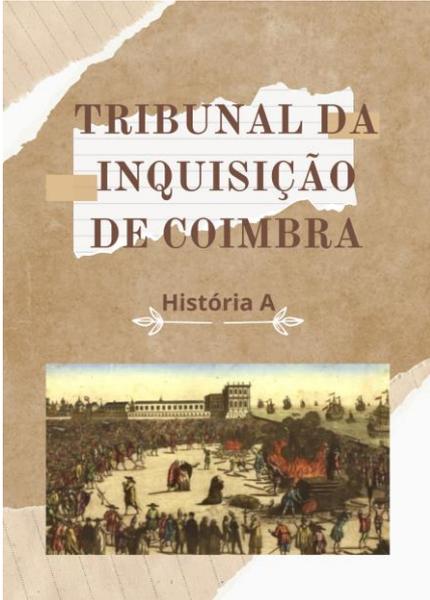


Coimbra - se Velha - Capela del Santissimo Sacramento

bibliografia:  
<https://coimbracultura.blogspot.com/2012/12/o-renascimento-em-coimbra.html>  
<https://www.pinterest.pt/pin/igagnae-portugallo-renascimento-38224308721501155/>  
<http://arteemporugal.blogspot.com/2018/12/joao-de-ruao-1500-1580.html>

**Dossiê 4 O Renascimento em Coimbra, e o papel de João de Ruão**

A abordagem do conteúdo também foi conservadora em parte dos dossiês. Os alunos, por vezes, repetem ideias do senso comum acerca do passado, como o caso do trabalho acerca do “Tribunal da Inquisição de Coimbra”, correspondente ao Dossiê 5. Ainda que parte da informação colhida nesse trabalho não se encontre incorreta, a dupla passou um pouco ao lado do objetivo de pesquisar sobre a História Local de Coimbra, que menciona apenas de passagem, e focou na história da Inquisição à escala nacional, da forma mais comumente trabalhada. O texto também reproduz alguns mitos acerca do Tribunal do Santo Ofício, como a ideia de que estaria envolvido nas grandes perseguições à bruxaria.



**TRIBUNAL DA  
INQUISIÇÃO  
DE COIMBRA**

História A

EM 1541 FORAM CRIADOS TRIBUNAIS EM COIMBRA.

- O Tribunal da Inquisição de Coimbra que abrangia a províncias de Entre Douro, Minho, Trás-os-Montes e parte da Beira foi suspenso em 1547 e restaurado depois, em 1565.



Apesar de, inicialmente, se destinar às questões religiosas de práticas de judaísmo, alargou a sua atividade a vigiar comportamentos e costumes: a leitura de livros proibidos, a sodomia, a bruxaria, tornando-se um organismo repressivo, de censura, ao serviço do rei.

- Foi em 1548, por iniciativa de D. João III se estabeleceu o Real Colégio das Artes e Humanidades. Era intenção de D. João III renovar o ensino do país e apostar em instituições de carácter humanista onde fossem realizados estudos de artes liberais e de humanidades.

- AS PRINCIPAIS FORMAS DE PUNIÇÃO :  
CASTIGOS FÍSICOS, TRABALHOS FORÇADOS , AÇOITAMENTOS, AS PENAS ESPIRITUAIS, OS DEGREDOS , OS CONFISCOS E, EM ÚLTIMO CASO, A PENA DE MORTE PELO FOGO.
- Editais eram publicados com a intenção de imbuir na população uma melhor compreensão da jurisdição inquisitorial e de incitar delações. Havia vários tipos de editais e eles eram lidos em diversas ocasiões, como durante autos-de-fé e visitações.
- Além dos casos de judaísmo, a Inquisição também processava o protestantismo, o islamismo, a feitiçaria entre outros. Por outro lado, não era função do Santo Ofício julgar casos de homicídio e roubo, por exemplo, uma vez que esses crimes eram de responsabilidade da justiça secular. Ao Santo Ofício cabiam apenas os crimes considerados heréticos.
- Os autos eram considerados a cerimonia máxima de representação do poder inquisitorial. Realizados nos distritos-sede dos tribunais, contavam com presenças ilustres de figuras da nobreza, inclusive da família real. Algumas pessoas, por razões que variavam desde o crime cometido ao contexto de cada condenação, eram sentenciadas de forma privada, sem precisar atender à cerimonia pública.



### Dossiê 5 O Tribunal da Inquisição de Coimbra

Apesar de orientações terem sido dadas no sentido de que os documentos de qualquer tipologia deveriam ser identificados e deveriam acompanhar uma legenda explicativa, três dossiês não o fizeram. Dentre os restantes, três trabalhos vão além e integram a abordagem das temáticas e a discussão de informação com a inclusão dos documentos iconográficos, cartográficos e escritos, destacando o seu conteúdo e a sua relevância no texto informativo ou acrescentando legendas explicativas com informação complementar. A maioria dos dossiês, entretanto, trata a inclusão dos documentos com uma abordagem mais ilustrativa, sem dar o salto para interpretá-los ou descrevê-los.

Em outros casos, adotam perspectivas eurocêntricas, mesmo em trabalhos que não focam o espaço europeu. Pode ser apontado um exemplo disto no trabalho acerca do “Reino do Congo” (Dossiê 6), no qual uma parte do texto utiliza a primeira pessoa para falar da chegada dos portugueses, alinhando-se com os exploradores: “[...] quando chegamos pela primeira vez ao reino. [...]”. Em *feedback*, esta dupla foi orientada a substituir a primeira pessoa pelos agentes históricos implicados nos eventos, os exploradores na expedição encabeçada por Diogo Cão (c. 1440-1486), mas não fizeram a alteração.

## Reino do Congo

### Origem e Localização

- A sua origem está na junção de dois antigos reinos desta região, o reino Bambata, que se fundiu com outro reino do sul, assim formando o Reino do Congo. Ambos estes dois reinos partilham a mesma cultura e etnia, a etnia Bantu, o que facilitou a fusão destes reinos. O Reino do Congo localizava-se nos atuais países de Angola, Congo, República democrática do Congo e o Gabão.



Reino do Congo no Século XV

### O Primeiro Contacto com os Europeus e o Tráfico Atlântico de escravos

- Os primeiros contactos que este reino teve com civilizações europeias foi com Portugal, em 1482, quando chegamos pela primeira vez ao reino. O Oceano Atlântico e os rios do Zaire Kwanza entendiam-se como as vias de transporte que permitiam o contacto entre os conquistadores portugueses e o território angolano, um desses conquistadores sendo Diogo Cão (1452-1486), sendo assim os primeiros locais a serem dominados pelos europeus os mais próximos do litoral e dos leitos dos rios. As convivências entre os europeus e os nativos ocorreram com os povos que viviam nas regiões litorâneas mais próximas dos grandes rios e, posteriormente, com as populações das regiões do interior.



Rei do Congo a receber conquistadores europeus no século XVII

- Locais como o Reino do Congo e do Ndongo despertava o interesse dos conquistadores devido à existência de organizações políticas centralizadas, uma vez que os portugueses vislumbravam cooptar os líderes políticos das mesmas regiões, procurando facilitar a exploração de metais, cativos e a extração de vários outros produtos de seu interesse.



Bantu, grupos étnico-linguísticos em que não se estabeleceu nenhuma unidade cultural ou étnica específica, composto por diferentes etnias que habitavam uma ampla região geográfica do continente africano.

- O Reino do Congo também teve um papel importante no tráfico de escravos, pois o seu rei, Afonso I, estabeleceu parcerias comerciais com Portugal para facilitar este negócio, o que provou uma má decisão para Afonso, pois o reino do Congo começou a sofrer com problemas de despovoamento, pois uma grande quantidade de pessoas foi vendida para os portugueses

### Características



Civilizações africanas a carregar um missionário com rumo ao Reino do Congo

- Uma característica comum entre as etnias que habitavam a região era a relação íntima com o espaço ao seu redor. A base da organização política, religiosa e social desses povos estabelecia uma ligação com a natureza, onde se relacionava a religião ao ambiente, representando a fauna e a flora como as divindades veneradas pelo grupo.
- A união dos grupos étnicos organizava-se em dois sistemas conhecidos tomados como Matrilineares, onde o filho pertencia à sua família materna, ocorrendo a herança por meio da mulher, e Patrilineares, onde a linhagem ocorria por via masculina, pertencendo o filho à família paterna e recebendo o nome de sua linhagem. A centralidade política resultava num grupo privilegiado de nobres, que dominavam o poder e administravam a cobrança de impostos. Preponderava a política administrativa perante os outros reinos e micro reinos que estavam próximos, submetendo-os a um regime de interdependência ou subserviência econômica e militar. Essas são algumas razões que despertaram nos europeus interesses nos benefícios que poderiam advir ao dominar esse território.

## Dossiê 6 O Reino do Congo

Este não foi o único caso. Alguns grupos voltaram atrás e realizaram as alterações indicadas em *feedback*, entretanto, outros deixaram os trabalhos como foram entregues na primeira vez. Isto significa que o livro final ficou a conter alguns erros de digitação e incorreções ortográficas.

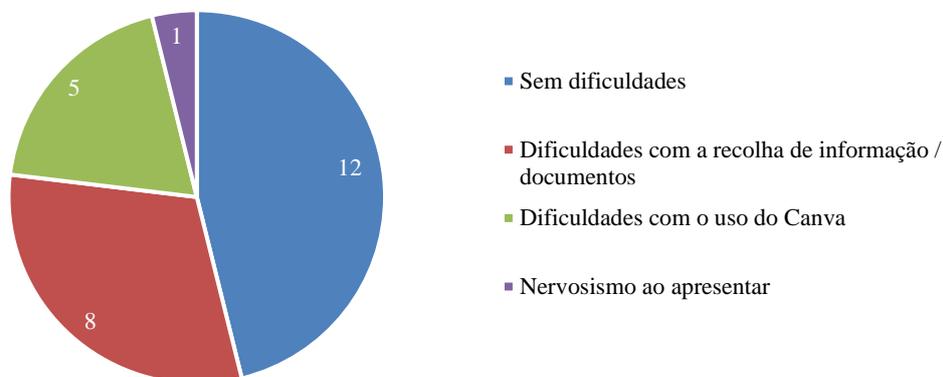
Em termos gerais, os resultados foram positivos e a maioria dos grupos produziu trabalhos com uma boa seleção de informação e de documentos.

### 5.2.1. Questões de autoavaliação dos trabalhos

Ao final de todos os trabalhos, pediu-se que cada aluno respondesse algumas questões acerca da atividade, autoavaliando a sua prestação na produção do dossiê. As questões podem ser visualizadas no **Anexo 7** deste trabalho.

A primeira questão era mais aberta e pedia que os alunos relatassem brevemente o processo de realização dos trabalhos, como dividiram as tarefas e os desafios que encontraram.

#### Dificuldades encontradas pelos alunos na realização da atividade



**Gráfico 15** Questão 1 da atividade de autoavaliação

De um total de 26 respostas, 12 não afirmaram encontrar grandes desafios, como mostra o Gráfico 15. Dentre os 14 restantes, a maioria mencionou problemas na recolha de informação e de documentos, razão por que foram sendo dados apoio e indicações de sítios de pesquisa no decorrer da atividade. Outros alunos indicaram embaraços no trabalho com o *Canva* (devido a não conhecer a plataforma ou a não saber selecionar o documento de formato correto) e com o computador (devido a lentidão e a falta de acesso à internet), algo que poderia ter sido remediado com o planejamento de um momento de explicação da ferramenta em sala de aula. E um estudante afirmou que o nervosismo ao apresentar foi sua maior dificuldade.

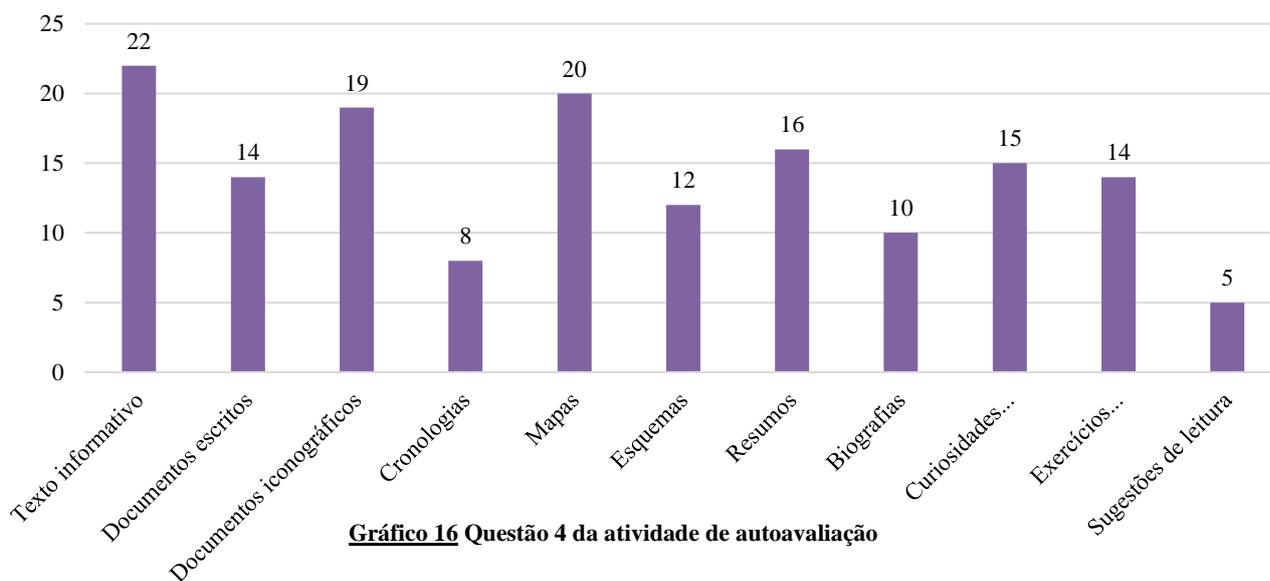
Em seguida, os alunos tiveram de justificar as escolhas que fizeram ao selecionar os documentos para os seus trabalhos. Como é visível na Tabela 5, a maioria afirma escolher os documentos porque servem como bons exemplos da temática que estão a tratar, como o caso dos dossiês acerca da Arquitetura do Renascimento em Coimbra ou das Mulheres na Arte do Renascimento. Muitos também justificam as escolhas apontando que são imagens que retratam figuras históricas, eventos e espaços importantes para a temática, ou afirmando que os próprios são mapas, obras de arte ou documentos escritos relevantes para a atividade.

**Tabela 5** Questão 2 da atividade de autoavaliação - Justificativas para a escolha dos documentos

Justificação	Frequência de resposta
Retratar uma figura histórica de relevo	8
Retratar um edifício / cidade / espaço de relevo	7
Incluir um mapa de relevo	5
Incluir uma obra de arte de relevo	4
Incluir um documento escrito de relevo	2
Retratar um período ou acontecimentos históricos ligados à temática	3
Exemplificar a temática tratada	9
Agregar informação complementar ao texto	2
Ilustrar o que está no texto	5
Não incluiu documentos no trabalho	1

A turma foi novamente questionada acerca de quais elementos considera mais importantes para compor um “bom” manual escolar de História, de forma a medir se houve alterações na forma como os alunos pensam a sua composição. Como pode-se observar no Gráfico 16, a maioria assinalou considerar essenciais texto informativo, mapas, documentos iconográficos e resumos em tópicos. Esses resultados não diferem muito daqueles obtidos no primeiro inquérito aplicado aos estudantes.

Componentes de um "bom" manual segundo os alunos do 10ºZ

**Gráfico 16** Questão 4 da atividade de autoavaliação

A quinta questão, por sua vez, perguntava se os alunos consideravam que estudantes e professores deveriam poder tomar parte na elaboração dos manuais escolares adotados e se eles próprios participariam em uma atividade deste tipo. Um total de 25 alunos responderam à pergunta, dos quais, 19 deram resposta positiva à primeira parte e apenas 1 respondeu que não acha que deveriam poder participar (ver quadro no **Anexo 41**). Quatro estudantes também consideraram que apenas os professores deveriam ser consultados. Já em termos de participação, 13 afirmaram que participariam, 8 disseram que não e 3 não responderam a essa parte da questão.

Dos 17 alunos que apresentaram justificativas para sua resposta, a maioria respondeu no sentido de que a participação de estudantes e de alunos poderia contribuir para tornar os manuais escolares de História mais didáticos e mais compreensíveis para estes últimos (10 respostas). Dois daqueles que afirmaram que somente professores deveriam opinar apresentaram a justificação de que os professores têm mais conhecimentos sobre a aprendizagens dos alunos.

Por fim, pediu-se que os alunos avaliassem a atividade e indicassem o que pensavam que aprenderam com este trabalho (ver **Anexo 42**). A maioria dos estudantes afirmou aprender sobre a temática que trabalhou (14 respostas), aprender a recolher informação (4) e aprender a trabalhar em grupo (4). As restantes respostas foram variadas, mencionando aprender a organizar e selecionar informação, sobre a história da cidade de Coimbra, sobre a importância da diversidade de culturas, sobre como existem diversas “perspetivas de manuais” (26Z) etc.

Um estudante afirmou não saber o que aprendeu e outro apresentou a seguinte razão para avaliar que não conseguiu aprender com a atividade proposta:

“Eu acho que a ideia por trás deste trabalho é muito boa, mas com a minha dupla, eu não consegui mostrar grande interesse pois não tive ajuda nenhuma e não estava disposto a fazer tudo por ele. Se algum dia tiver a chance de fazer isto outra vez e calhar com alguém interessada e empenhada eu ia fazer um trabalho muito melhor. Até isso acontecer, não aprendi muito.” – 14Z

Uma das respostas aproximou-se do objetivo principal desenhado para esta atividade, indiciando uma reflexão crítica acerca da natureza dos conhecimentos veiculados pelo manual escolar de História:

“Aprendi que num livro de história às vezes podem estar incompletas com falta de detalhes sobre outro lado da história não tão ligado à Europa.” – 16Z

A atividade produziu resultados positivos, com bons trabalhos elaborados pelas duplas e com vários alunos que obtiveram classificações bastante positivas. Também teve interesse por fazer com que os estudantes exercitassem capacidades de pesquisa e seleção de dados, de organização, de comunicação gráfica e oral da informação, de seleção de documentos e de trabalho com ferramentas digitais, tais como o *Canva*. Entretanto, com os dados obtidos não é possível afirmar que o objetivo para qual foi elaborada foi atingido por todos os estudantes. Isto deveu-se parcialmente ao perfil da turma, mas, principalmente, à calendarização excessivamente tardia dos trabalhos.

Outra aplicação deste trabalho provavelmente obteria resultados mais significativos se ocorresse mais cedo no ano letivo, reduzindo a carga de trabalho dos alunos e pedindo que produzissem vários dossiês distintos e mais simplificados. Desta forma, seria possível mobilizar os trabalhos na abordagem das matérias em sala, por vezes integrando as páginas produzidas pelos alunos na planificação de aulas. Estas aulas poderiam servir para discutir as informações trazidas pelos alunos, analisar os documentos escolhidos, discutir as perspectivas adotadas e contrastá-las com outras possíveis, mesclando o trabalho dos conteúdos ao *feedback* construtivo dos diversos trabalhos realizados.

## Conclusões

O momento da Prática Pedagógica Supervisionada constitui uma etapa de grande importância para o percurso formativo de um docente. Ela possibilita aos novos professores e professoras adentrar as vivências da escola e experienciar a realidade prática da profissão. Tudo isso com a segurança e o apoio fornecidos pelos professores orientadores, permitindo que os professores estagiários cometam os primeiros erros e se esforcem no sentido de superar os desafios encontrados.

O estágio implica um trabalho de grande seriedade, algo que exige organização, comprometimento e profissionalismo dos estagiários. No decorrer das práticas letivas, foi necessário ganhar confiança dentro da sala de aula, desenvolver as capacidades de comunicação e a aperfeiçoar a gestão da dinâmica de aula e do tempo letivo. Dessa forma, vamos encontrando espaço enquanto docentes à frente das turmas.

Mesmo fora de sala, também houve espaço para aprendizagem. O estágio foi o ambiente ideal para desenvolver as capacidades de planificação, de seleção de recursos didáticos, de preparação das avaliações e de realização de atividades externas ao espaço da escola, como o caso da visita de estudo realizada ao Museu Nacional Machado de Castro com duas turmas de 10º ano. Além disso, tornou possível entrar em contato com as atividades da comunidade escolar e aprender sobre o trabalho do professor por detrás do “palco” da sala de aula.

A posição do professor estagiário é uma de privilégio para observar as dinâmicas dos alunos. A partir dessa observação foi possível identificar alguns aspectos sobre como os estudantes, os docentes e os encarregados de educação pareciam interagir com os manuais escolares de História. Registrou-se que esses eram instrumentos de referência, presentes na maioria das lições e dos momentos de planificação das atividades. Era notável a postura pouco reflexiva dos estudantes no seu uso, dado que pareciam especialmente preocupados em acessar a informação de forma mais simplificada possível, a fim de decorar fatos que poderiam repetir nos testes. Mesmo os encarregados de educação, por vezes, demonstraram preferência pelo uso dos livros escolares nas aulas, preocupando-se quando uma docente escolheu não os empregar.

A partir destas impressões iniciais, surgiu o interesse pela temática deste estudo. Foi estabelecida uma questão de investigação, cujo foco voltou-se para compreender como são utilizados, pensados e apropriados os manuais escolares da disciplina de História, nas

perspectivas dos alunos, dos professores e dos encarregados de educação. A partir daí, desenharam-se os objetivos específicos da pesquisa desenvolvida.

Os manuais escolares, objeto central neste estudo, surgiram na sua configuração atual na viragem do século XVIII para o XIX<sup>145</sup>. No contexto da queda do Antigo Regime e das Revoluções Liberais, os Estados assumiram a nova responsabilidade de garantir a educação dos seus cidadãos, no sentido de buscar o progresso da sociedade. O manual assumiu a função de configurar o currículo e ordenar as práticas escolares de um modelo de “ensino simultâneo ou colectivo” que se afirmava<sup>146</sup>. Reconhecendo a sua grande importância, os governos logo voltaram seus esforços para o controle e fiscalização dos livros escolares<sup>147</sup>, algo que chegou ao seu ápice com o Estado Novo e a política do “livro único”<sup>148</sup>.

As últimas décadas foram marcadas por um alargamento e diversificação do mercado editorial, o qual tornou-se mais competitivo. Nesse contexto, os manuais também tiveram de se tornar “competidores”, que exercem múltiplas funções nas salas de aula<sup>149</sup>. Passaram a acompanhar recursos de múltiplas naturezas, disponibilizados nos manuais digitais e em plataformas como a “Escola Virtual”<sup>150</sup>.

As dificuldades em estabelecer uma definição refletem o estatuto historicamente complexo destinado aos manuais escolares. Apesar de diferentes autores adotarem caracterizações variadas, algumas ideias chave costumam aparecer. Os manuais tendem a ser entendidos como recursos pedagógico-didáticos, materializados em livros impressos em papel, que buscam promover um determinado conjunto de aprendizagens. Estas são pautadas por uma série de objetivos definidos por influências externas à escola, provenientes dos autores, dos documentos curriculares, dos decisores das políticas educacionais e dos interesses da sociedade na formação dos seus jovens. Para desenvolver essas aprendizagens, podem propor atividades

---

<sup>145</sup> Alain Choppin, *Les manuels scolaires: histoire et actualité* (Paris: Hachette, 1992), 6-12.

<sup>146</sup> Augusto José Monteiro, “A (re)valorização de outras fontes históricas: a problemática dos manuais escolares”, in *Outros Combates pela História*, coordenado por Maria Manuela Tavares Ribeiro (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010), 345, [10.14195/978-989-26-0199-1\\_25](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_25).

<sup>147</sup> Magalhães, *O Mural do Tempo – Manuais Escolares em Portugal*, 48-65.

<sup>148</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Reformas do ensino não superior durante as Ditaduras Ibéricas (1936-1973): Ensino da História, controlo da Memória Histórica e da Identidade Histórico-Cultural” (Tese de Doutoramento em História, História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022), 48.

<sup>149</sup> Monteiro, “A (re)valorização de outras fontes históricas: a problemática dos manuais escolares”, 345-6.

<sup>150</sup> A Escola Virtual é uma plataforma online de ensino, disponível para utilizadores de manuais escolares do Grupo Porto Editora. Disponível através do link a seguir: <https://www.escolavirtual.pt/>. Último acesso em: 30/08/2023.

variadas e abordar diferentes conteúdos. Seu estatuto se define através tanto das intenções da sua produção, quanto da utilização que lhes é dada dentro do contexto escolar<sup>151</sup>.

Muitas das definições também sublinham o caráter polivalente do manual escolar, dado que pode exercer múltiplas funções dentro do processo de ensino e de aprendizagem. Estas variam de acordo com a disciplina, com os objetivos daqueles que o elaboraram e com quem o utiliza<sup>152</sup>. Por exemplo, para os estudantes, o manual pode servir para transmitir conhecimentos, desenvolver capacidades e competências, consolidar e avaliar as aquisições<sup>153</sup>, organizar e orientar a aprendizagem<sup>154</sup>, ser referência no estudo e na pesquisa individual<sup>155</sup>, etc. Já para os professores, pode fornecer informação pedagógica e científica ligada à disciplina<sup>156</sup>, fornecer indicações para a análise e interpretação dos materiais disponíveis, ajudar nas aprendizagens e na gestão das aulas<sup>157</sup>, guiar a seleção e hierarquização dos saberes a ensinar<sup>158</sup>, guiar a planificação etc. Mesmo para os encarregados de educação, pode ser o instrumento através do qual entram em contato com os conteúdos e acompanham o estudo dos educandos<sup>159</sup>.

Isto demonstra que o manual escolar tem múltiplas potencialidades, cuja realização depende da maneira como é concebido e utilizado no cotidiano escolar. Se usado cautelosamente e tomado como um instrumento auxiliar do professor, que o busca para complementar outras estratégias pedagógicas, tem potencial para enriquecer o processo de ensino e de aprendizagem. Por funcionar como suporte escrito das matérias, facilmente transportável e acessível<sup>160</sup>, pode ajudar a promover a autonomia do aluno e a diferenciação pedagógica. Pode, também, auxiliar o docente na tarefa de interligar os conteúdos da disciplina

---

<sup>151</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 19.

<sup>152</sup> *Ibid.*, 74.

<sup>153</sup> *Ibid.*, 75-81.

<sup>154</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 15.

<sup>155</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 81-3.

<sup>156</sup> Castro, “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”, 192.

<sup>157</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 89-91.

<sup>158</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 22.

<sup>159</sup> Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, 149.

<sup>160</sup> Ana Parracho Brito, “A problemática da adopção dos manuais escolares: critérios e reflexões”, in *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, organizado por Rui Vieira de Castro et. al. (Braga: CEEP – IEPUM, 1999), 147-8.

à vida cotidiana do aluno e ao mundo que o rodeia<sup>161</sup>. Cabe ao docente interagir com o manual de uma forma reflexiva e crítica, e ensinar os seus alunos a fazerem o mesmo<sup>162</sup>.

É relevante demonstrar aos estudantes que o conteúdo do livro não é neutro. Ele serve para fazer cumprir as Aprendizagens Essenciais, destacando certos aspectos e silenciando outros<sup>163</sup>. Isto pode fazer com que os alunos pensem que há apenas uma forma de pensar a História, percebida como mais legítima que outras perspectivas sobre o passado<sup>164</sup>. Desta forma, também se torna importante ensinar os alunos a buscar conhecimentos em outras fontes confiáveis, incentivando-os a não tomar o manual como completo em si mesmo. Quando o livro é utilizado como única fonte de informação, pode criar uma visão estática da História, de narrativas prontas e de fatos fechados, incompatível com a natureza em constante construção e renovação do conhecimento histórico<sup>165</sup>.

Esses cuidados devem-se às problemáticas apresentadas por alguns manuais, que podem ser provenientes da sua concepção e elaboração, mas também da sua utilização pelos diversos atores do ambiente escolar. Quando somadas a um uso pouco cuidadoso, estas limitações podem se tornar prejudiciais ao desenvolvimento da consciência histórica dos alunos.

Face o que foi aqui apresentado, é possível afirmar que os manuais escolares não abandonaram a sua posição de forte autoridade dentro da escola, em parte fruto das representações que deles fazem os seus diversos usuários – alunos, professores e, até mesmo, encarregados de educação. Torna-se relevante, nesse contexto, entender como são efetivamente utilizados e pensados pelos seus destinatários, no cotidiano da escola e da sala de aula. Este foi o enfoque orientador do presente estudo.

A partir dos objetivos estabelecidos, desenvolveu-se uma investigação dividida em duas partes principais: uma de diagnóstico das utilizações e das representações acerca dos manuais escolares adotados pela disciplina de História, a fim de perceber quais são os seus pontos fortes e suas fragilidades; e outra de intervenção pedagógica, em sala de aula, a fim de corrigir as problemáticas que foram identificadas no decorrer da primeira.

---

<sup>161</sup> Gérard e Roegiers, *Conceber e avaliar manuais escolares*, 81-3.

<sup>162</sup> Afonso, “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”, 149.

<sup>163</sup> Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, 250-6.

<sup>164</sup> Magalhães, “Um apontamento para a História do Manual Escolar: entre a produção e a representação”, 287.

<sup>165</sup> Serrano, “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”, 250.

Com os inquéritos realizados, os quais buscavam dar resposta à primeira parte do trabalho, foi possível concluir que a maioria dos alunos e dos professores dão preferência ao uso do manual escolar no trabalho dentro e fora da sala de aula. A maior parte destes estudantes e docentes assinalou utilizá-lo frequentemente, em todas as aulas ou várias vezes por semana.

Quando questionados, quase todos os estudantes afirmaram gostar da frequência de utilização do manual de História em sala de aula. Algo que provavelmente se deve ao fato de estarem habituados a um trabalho substancial com o livro, que presumem conter toda a matéria presente nas avaliações, de forma que passam a considerar o seu uso essencial à aprendizagem. O fato que todos os alunos inquiridos assinalaram que o manual escolar era, em algum nível, importante para o seu estudo (sendo que a maioria o avaliou como de “grande importância”) parece comprovar essa tendência.

Os alunos utilizam-no, principalmente, para acompanhar as explicações durante as aulas, para consultar, para realizar trabalhos de pesquisa e para estudar para os testes. Afirmaram também que recorrem ao manual escolar da disciplina e à pesquisa na internet quando desejam saber mais sobre alguma matéria.

O apoio no preparo para as avaliações é a função que os alunos mais associam ao livro escolar, o qual é mobilizado para retirar informações e apontamentos, para leitura dos textos informativos, para elaborar resumos e para resolver exercícios de consolidação. Hábitos de estudo que estão em linha com os aspectos que afirmaram mais gostar no seu manual: textos informativos claros, sintéticos e de fácil leitura, abundância de documentos iconográficos, exercícios de consolidação e boa organização das aprendizagens. Isto permite inferir que as formas de apropriação do manual são um dos aspectos que moldam a forma como os estudantes pensam o seu livro escolar.

Os aspectos que os alunos afirmaram menos gostar e que alterariam nos manuais escolares de História divergiram levemente entre o 8ºX e o 10ºZ. A maioria dos alunos do 8º ano considerou os exercícios do seu livro escassos e excessivamente simples, afirmando que gostariam que houvesse mais atividades de consolidação com que conseguissem revisar as matérias e estudar para os testes. Enquanto a maioria dos estudantes do 10º ano tendeu a reclamar de um excesso de documentos escritos no manual, que avaliaram como pouco relevantes para a sua aprendizagem, desejando também menos atividades de interpretação de

fontes. De uma forma mais geral, as duas turmas demonstraram desejar a redução e a simplificação dos textos informativos e o aumento do número de esquemas e resumos no livro.

O diagnóstico, ainda que realizado com uma amostra diminuta, revelou uma realidade que foi identificada em outras escolas portuguesas. Vários autores encontraram resultados bastante semelhantes, como é o caso de Nelson Jorge de Castro Araújo, que inquiriu 42 alunos de duas turmas do 11º ano (História A). Todos os estudantes que inquiriu afirmaram utilizar o manual escolar frequentemente em sala de aula e a maioria estudava com o livro cerca de três vezes por semana. A maioria desses alunos valorizava os textos informativos, por trazerem os conteúdos de forma clara e simplificada, e os documentos, que avaliavam como importantes para a sua aprendizagem em História, diferentemente dos alunos do 10ºZ<sup>166</sup>. Pode-se citar também o trabalho de Carlos Fernando Machado Costa, que inquiriu 23 alunos de uma turma do 8º ano. Destes, 52,2% afirmaram usar o manual de História várias vezes por semana e 39% assinalaram usar diariamente, tanto nas aulas quanto em casa para estudar para os testes. Entretanto, quando questionados sobre os seus hábitos de estudo, os dados foram levemente distintos: a maioria assinalou ler os apontamentos das aulas, realizar trabalhos de casa e resolver exercícios do manual ou do caderno, com apenas 11 dos 23 indicando usar o manual no seu estudo. Isto sugere um foco maior nos apontamentos no caderno diário durante o estudo, ainda que 87% da turma inquirida tenha assinalado que considera o manual escolar útil para aprender História<sup>167</sup>.

Maria Isabel Bexiga Afonso foi outro exemplo, tendo encontrado resultados bastante parecidos ao entrevistar 22 estudantes do 10º ano. Dentre estes, a maioria também afirmou habitualmente usar o livro em sala de aula e “às vezes” ou “habitualmente” utilizá-lo no seu estudo em casa. Demonstraram valorizar a presença de uma boa estruturação, de textos informativos de linguagem acessível e clara e de notas de rodapé explicativas dos documentos no seu manual de História. Alguns propuseram alterações ao livro durante as entrevistas, sugerindo a simplificação da linguagem dos textos informativos e das fontes selecionadas, o aumento do número de questões, a melhoria na formulação das atividades e a introdução de um

---

<sup>166</sup> Nelson Jorge de Castro Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017), 37-48, <https://hdl.handle.net/10216/105533>.

<sup>167</sup> Carlos Fernando Machado Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais” (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015), 95-104, <http://hdl.handle.net/10400.3/3766>.

glossário síntese ao final de cada unidade temática<sup>168</sup>. É possível referir também o estudo de António Manuel Cerqueira Rego, que inquiriu 18 estudantes de uma turma de 9º ano. Dentre os inquiridos, 94% assinalaram considerar a utilização do manual escolar de História em sala de aula essencial e 78% o avaliaram como de “extrema importância” para o seu estudo nesta disciplina. Assim como neste trabalho, nenhum dos alunos questionados por Rego assinalou que o manual tinha pouca ou nenhuma importância no seu estudo<sup>169</sup>.

Os professores, por sua vez, adotam o manual escolar para apoiar o trabalho em sala de aula, com a consulta de documentos, mapas, esquemas etc. Este uso é frequentemente complementado com outros recursos didáticos, como apresentações em *PowerPoint*, anotações no quadro e fichas com materiais adicionais. Os docentes também o utilizam para orientar a organização dos conteúdos e das aprendizagens, função que é externa ao trabalho em sala de aula.

Esses professores tenderam a valorizar nos manuais a presença de boa organização dos conteúdos, de correta seleção de documentos, de textos de autor com rigor científico, de adequação ao nível das turmas e de exercícios de qualidade. Também indicaram valorizar a integração de recursos interativos e digitais. Quando questionados sobre o que consideram que deveria ser alterado nos manuais, responderam no sentido de aumentar a interatividade, de garantir a sobriedade e o rigor na elaboração dos textos e na seleção dos documentos e de garantir a sua atualização face às diretrizes das Aprendizagens Essenciais.

Mais uma vez, os resultados encontrados estão em linha com aqueles obtidos por outros estudos. O trabalho de Maria Isabel Bexiga Afonso pode ser novamente mencionado, dado que a autora entrevistou cinco professores. Estes afirmaram usar o manual escolar habitualmente, dentro e fora da sala de aula. Também mobilizam o livro para análise de documentos, para leitura do texto de autor, para a realização de atividades e para a elaboração de sínteses com os alunos. Além disso, fora das aulas afirmam usar do manual da disciplina para planificação e para inteirarem-se dos conteúdos programáticos e dos recursos disponíveis. Quando

---

<sup>168</sup> Maria Isabel Bexiga Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário” (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialização em Educação em História e Ciências Sociais, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013), 145-206, <https://hdl.handle.net/1822/34606>.

<sup>169</sup> António Manuel Cerqueira Rego, ““Vamos aprender com o Manual?” Perceções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia” (Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014), <https://hdl.handle.net/10216/74627>.

questionados, demonstraram valorizar os documentos, o texto informativo, as atividades de interpretação de fontes e as páginas de abertura de unidades<sup>170</sup>. Também Nelson Jorge de Castro Araújo realizou entrevistas com quatro professoras. O autor identificou que aquilo que mais valorizavam num manual de História era novamente o texto informativo, os documentos, os recursos digitais e os grafismos das páginas<sup>171</sup>.

Carlos Fernando Machado Costa, por sua vez, realizou um inquérito com 11 professores. Quase todos assinalaram utilizar o manual escolar de História frequentemente ou em quase todas as suas aulas, com apenas um professor que respondeu usá-lo esporadicamente. São utilizados, principalmente, para realizar a análise e interpretação de documentos, gráficos e tabelas, para explorar imagens e para realizar exercícios em sala, também complementados com apresentações em *PowerPoint*, mapas, filmes e documentários. Estes professores consideram um “bom” manual de História aquele que traz diversos recursos, que é acessível e atraente, que é claro e bem-organizado, que tem exercícios diversificados, que está de acordo com os currículos e que promove o estudo e a construção orientada do conhecimento pelos alunos<sup>172</sup>.

A maioria dos encarregados de educação inquiridos também afirmaram considerar importante o uso do manual escolar de História durante as aulas, justificando que estes apoiam os alunos no estudo e contém todos os conteúdos necessários para a sua aprendizagem na disciplina. Assinalaram considerar que um manual é “bom” quando apresenta exercícios e atividades, textos sintéticos e objetivos, imagens e figuras e resumos e sínteses. Estes resultados demonstram que os encarregados de educação tenderam a alinharem-se com os estudantes, demonstrando possuir ideias bastante semelhantes às dos alunos acerca das funções e da relevância dos manuais escolares de História.

Diversos alunos, em especial do 10ºZ, expressaram o desejo de que o manual escolar contivesse menos documentos escritos e menos atividades a estes associadas. Isto revela uma série de dificuldades na interpretação de fontes escritas, aliada a incompreensão do seu papel no estudo da História. Uma atividade com documentos foi aplicada com a intenção de tentar lidar com essa falha, porém os resultados não demonstraram mudança significativa. Isto se

---

<sup>170</sup> Afonso, “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”, 145-206.

<sup>171</sup> Araújo, “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”, 49-59.

<sup>172</sup> Costa, “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”, 105-122.

deveu a problemas na calendarização, que reduziram a frequência das intervenções e colocaram a última recolha de dados muito próxima do fim do ano letivo.

As utilizações e percepções registradas indicam a tendência de os estudantes pensarem o seu manual escolar como autoridade em matéria de História e, portanto, portador de um conteúdo que não é questionado. Muitos não demonstraram desejar que algo fosse alterado na sua composição ou na forma como as matérias são abordadas, talvez por não habitualmente refletirem acerca das narrativas e dos conteúdos do manual, apenas limitando-se a decorar e reproduzir as informações ali contidas. Para tentar colmatar essa falha, uma atividade de pesquisa e de elaboração de um manual escolar da turma foi implementada.

A partir desse trabalho, foi produzido um total de 16 dossiês pelas duplas de trabalho. Alguns revelaram boa seleção de informação e de documentos, assim como cuidado com a organização e comunicação visual dos dados e com a atratividade gráfica das páginas criadas. Outros grupos produziram trabalhos mais simples, não apenas em termos da construção das páginas de manual, mas também à escala da pesquisa e da diversificação de fontes.

Os trabalhos tenderam, na maioria, a manter uma estrutura relativamente conservadora. Quase todos escolheram compor os dossiês com texto informativo, com documentos iconográficos e, por vezes, com mapas. Apenas duas duplas incluíram documentos escritos e um trabalho elaborou questões de consolidação referentes à matéria abordada no texto.

Os dados obtidos permitem perceber que o objetivo de levar a uma reflexão crítica e fundamentada acerca do papel dos manuais escolares de História e da origem dos seus conteúdos não foi atingido na totalidade. Um aluno respondeu às questões de autoavaliação com um questionamento que apontava neste sentido, mas o mesmo não pode ser alargado para o restante da turma. Foi em decorrência do perfil de desinteresse de parte da turma e da realização mais tardia da atividade.

Uma nova aplicação da atividade poderia beneficiar de ser calendarizada e aplicada desde cedo no ano letivo. Os trabalhos de pesquisa poderiam ser simplificados, de forma que fosse possível pedir que os alunos produzissem vários dossiês diferentes ao longo dos vários períodos. A realização com mais tempo permitiria que os resultados fossem mobilizados no decorrer da abordagem das matérias nas aulas, com o planeamento de lições que acompanhassem as páginas elaboradas pelos alunos em complemento ao livro oficial. Nesse contexto, as escolhas de documentos poderiam ser debatidas e analisadas, as informações

poderiam ser perspectivadas e contrastadas com outras fontes de pesquisa etc. Também haveria um maior incentivo para os estudantes buscarem melhorar a qualidade dos trabalhos na realização posterior de novos dossiês.

## Documentos enquadradores

*Aprendizagens Essenciais do 10º ano do Ensino Secundário – História A*. Lisboa: Direção-Geral da Educação (DGE), Ministério da Educação e Ciência da República Portuguesa, 2018. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/10\\_historia\\_a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_historia_a.pdf).

*Aprendizagens Essenciais do 8º ano do Ensino Básico – História*. Lisboa: Direção-Geral da Educação (DGE), Ministério da Educação e Ciência da República Portuguesa, 2018. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/historia\\_3c\\_8a\\_ff.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf).

Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência, 2017. <https://www.dge.mec.pt/perfil-dos-alunos>.

## Legislação

“Lei nº 47/2006 de 28 de Agosto”. *Diário da República*, 1ª Série (28 de Agosto de 2006). <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2006-108001419>.

“Lei nº 7-A/2016 de 30 de Março”. *Diário da República*, 1ª Série (30 de Março de 2016). <https://files.dre.pt/1s/2016/03/06201/0000200244.pdf>.

“Lei nº 42/2016 de 28 de Dezembro”. *Diário da República*, 1ª Série (28 de Dezembro de 2016). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/42-2016-105637672>.

“Lei nº 114/2017 de 29 de Dezembro”. *Diário da República*, 1ª Série (29 de Dezembro de 2017). <https://dre.pt/application/conteudo/114425586>.

“Despacho nº 921/2019 de 24 de Janeiro”. *Diário da República*, 2ª Série (24 de Janeiro de 2019). <https://files.dre.pt/2s/2019/01/017000000/0354303548.pdf>.

“Lei nº 96/2019 de 4 de Setembro”. *Diário da República*, 1ª Série (4 de Setembro de 2019): 67-68.

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/lei\\_96\\_2019\\_gratuidade\\_manuais\\_escolares.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/lei_96_2019_gratuidade_manuais_escolares.pdf).

## Manuais Escolares

Maia, Cristina e Ana Margarida Maia e Ana Margarida Caraméz e Jorge Pereira Araújo. *Vamos à História – História – 8º ano*. Porto: Porto Editora, 2022.

Rosas, Maria Antónia Monterosso e Célia Pinto do Couto e Elisabete Jesus. *Entre Tempos – História A – 10º ano*. Porto: Porto Editora, 2022.

## Bibliografia

Afonso, Isabel. “O manual escolar em educação histórica: perspetivas de alunos e professores portugueses do ensino secundário”. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História* 19, no. 1 (jan.-abr. 2015): 261-74. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305538472013>.

Afonso, Isabel. “O uso do manual escolar de História no Ensino Secundário: um estudo com professores e alunos portugueses”. *Revista de Teoria da História* 6, no. 12 (dez. 2014): 140-78. <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/33423>.

Afonso, Maria Isabel Bexiga. “O papel do manual de História no desenvolvimento de competências: um estudo com professores e alunos do ensino secundário”. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialização em Educação em História e Ciências Sociais, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013. <https://hdl.handle.net/1822/34606>.

Amado, João coord. *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/35271/1/Manual%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20qualitativa%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

Araújo, Nelson Jorge de Castro. “Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras”. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico

e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. <https://hdl.handle.net/10216/105533>.

Araújo, Nelson Jorge de Castro. “Reformas do ensino não superior durante as Ditaduras Ibéricas (1936-1973): Ensino da História, controlo da Memória Histórica e da Identidade Histórico-Cultural”. Tese de Doutoramento em História, História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022.

Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

Brito, Ana Parracho. “A problemática da adopção dos manuais escolares: critérios e reflexões”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 139-48. Braga: CEEP – IEPUM, 1999.

Cabral, Marianela. *Como analisar manuais escolares*. Lisboa: Texto Editora, 2005.

Cainelli, Marlene Rosa e Sandra Regina F. Oliveira. “‘Se está no livro de História é verdade’: as ideias dos alunos sobre os manuais escolares de História no Ensino Fundamental”. *Revista Ibero-americana de Educação*, no. 58/2 (fev. 2012): 1-12. <https://doi.org/10.35362/rie5821444>.

Calado, Sílvia e Isabel Pestana Neves. “Currículo e manuais escolares em contexto de flexibilidade curricular. Estudo de processos de recontextualização”. *Revista Portuguesa de Educação* 25, no. 1 (2012): 53-93. <https://doi.org/10.21814/rpe.3016>.

Candeias, António e Ana Luísa Paz e Melânia Rocha. *Alfabetização e escola em Portugal nos séculos XIX e XX: os censos e as estatísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Cardoso, Ana Paula e Belmiro Rego. “Metodologias de investigação na formação de professores: a investigação-ação e o estudo de caso”. In *Olhares sobre a Educação: em torno da formação de professores*, Editado por Luís Menezes, 21-33. Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu (ESEV), 2017. <http://hdl.handle.net/10400.19/4631>.

Castro, Rui Vieira de. “Já agora, não se pode exterminá-los? Sobre a representação dos professores em manuais escolares de Português”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui

Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 189-96. Braga: CEEP – IEPUM, 1999. <https://hdl.handle.net/1822/539>.

Choppin, Alain (traduzido por Maria Helena C. Bastos). “O historiador e o livro escolar”. *História da Educação* 6, no. 11, (abr. 2002): 5-24. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30596>.

Choppin, Alain (traduzido por Maria Helena C. Bastos). “O manual escolar: uma falsa evidência histórica”. *História da Educação* 13, no. 27 (jan./abr. 2009): 9-75. <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

Cigales, Marcelo e Amurabi Oliveira. “Aspectos metodológicos na análise de manuais escolares: uma perspectiva relacional”. *Revista Brasileira de História da Educação* 20 (2020): 1-18. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e099>.

Correia, Luís Grosso e Sérgio Campos Matos. “Memória, identidade e poder: os manuais de História”. In *Manuais Escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto – Catálogo da Exposição na B.P.M.P.*, 54-58. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

Costa, Carlos Fernando Machado. “A Importância dos Manuais Escolares de História e de Geografia no ensino e na aprendizagem: Perspetivas de alunos, professores e pais”. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2015. <http://hdl.handle.net/10400.3/3766>.

Costa, Maria Alice Alves da. “Ideias de professores sobre a utilização de fontes dos manuais de História: Um estudo no 3.º Ciclo do Ensino Básico”. Tese de Mestrado em Educação Área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino da História, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2007. <https://hdl.handle.net/1822/8200>.

Duarte, José B. “Manual escolar: companheiro do jovem na aquisição de competências e na curiosidade pelo saber”. *Revista Lusófona de Educação* 16, no. 16 (2010): 119-30. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1872>.

Ferro, Marc. *The use and abuse of history, or, How the past is taught to children*. Londres: Routledge, 2003.

Gago, Marília. “Ser Professor de História em tempos difíceis: início de um processo formativo”. *Antíteses* 11, no. 22 (jul./dez. 2018): 507-19. <https://www.redalyc.org/journal/1933/193358862006/html/>.

Gago, Marília e Ana Isabel Ribeiro. “História e Educação Histórica: que diálogos e desafios?”. *Revista Portuguesa de História* 53 (2022): 61-78. [https://doi.org/10.14195/0870-4147\\_53\\_3](https://doi.org/10.14195/0870-4147_53_3).

Gérard, François-Marie e Xavier Roegiers. *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto: Porto Editora, 1998.

Gil, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas S/A, 2002. [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf).

Gonçalves, Joana Mafalda Lopes. “O uso do manual escolar enquanto recurso promotor do desenvolvimento de competências históricas”. Relatório Final de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. <https://hdl.handle.net/10216/57058>.

Grendel, Marlene Terezinha. “Cadernos de alunos: uma forma de relação dos alunos com o conhecimento histórico”. In *Perspectivas de Investigação em Educação Histórica*, Schmidt, M. A. e T. M. B. Garcia, 95-102. Curitiba: Editora UTFPR, 2007.

Lee, Peter. “Literacia histórica e história transformativa”. *DOSSIÊ - Aprendizagem Histórica: Pesquisa, Teoria e Prática, Educar em Revista*, no. 60 (abr.-jun. 2016): 107-46. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.45979>.

Lima, João Carlos Silva Felgueiras de. “Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso”. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História e de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário, Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2010. <https://hdl.handle.net/1822/15093>.

Lima, Jorge Ávila de e José Augusto Pacheco. *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora, 2006.

Magalhães, Justino Pereira de. “Um apontamento para a História do Manual Escolar: entre a produção e a representação”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas*

*do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 279-302. Braga: CEEP – IEPUM, 1999.

Magalhães, Justino. “O Manual Escolar no Quadro da História Cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal”. *Revista de Ciências da Educação. Unidade de I&D de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*, no. 1 (2006): 1-20. <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/35>.

Magalhães, Justino. “Os manuais escolares na história da educação”. In *A Investigação em História da Educação: novos olhares sobre as fontes na era digital*, coordenado por Cláudia Pinto Ribeiro e Eva Baptista e José António Moreno Afonso e Juliana Rocha, 181-92. Porto: CITCEM, 2021. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19060.pdf>.

Magalhães, Justino. *O mural do tempo: manuais escolares em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2011.

Meirinhos, Manuel e António Osório. “O estudo de caso como estratégia de investigação em educação”. *EDUSER: revista de educação* 2, no. 2 (2010): 49-65. <https://doi.org/10.34620/eduser.v2i2.24>.

Monteiro, Augusto José. “A (re)valorização de outras fontes históricas: a problemática dos manuais escolares”. In *Outros Combates pela História*, coordenado por Maria Manuela Tavares Ribeiro, 343-80. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. [10.14195/978-989-26-0199-1\\_25](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_25).

Moreira, Maria Gorete. “As Fontes Históricas propostas no Manual e a Construção do Conhecimento Histórico: Um estudo em contexto de sala de aula”. Dissertação de Mestrado em Educação, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004. <https://hdl.handle.net/1822/2631>.

Morgado, José Carlos. *Manuais escolares: contributo para uma análise*. Porto: Porto Editora, 2004.

Morgan, Katalin e Elizabeth Henning. “Designing a Tool for History Textbook Analysis”. *FQS* 14, no. 1 (jan. 2013): 1-21. <https://doi.org/10.17169/fqs-14.1.1807>.

Munakata, Kazumi. “Livro didático como indício da cultura escolar”. *Hist. Educ.* 20, no. 50 (set./dez. 2016): 119-138. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>.

Nunes, Carlos Américo Ramos. “Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação”. Relatório de Iniciação à Prática do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013. <http://hdl.handle.net/10437/4800>.

Pereira, Ana Bela. “Manuais Escolares: estatutos e funções”. *Revista Lusófona de Educação* 15, no. 15 (2010): 191-94. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1533>.

Pingel, Falk. “Can Truth Be Negotiated? History Textbook Revision as a Means to Reconciliation”. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 617, no. 1 (maio 2008): 181-98. <https://www.jstor.org/stable/25098021>.

Pingel, Falk. *UNESCO guidebook on textbook research and textbook revision*. Paris e Braunschweig: Georg Eckert Institute for International Textbook Research, 2010. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000117188>.

Rego, António Manuel Cerqueira. ““Vamos aprender com o Manual?” Perceções de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico sobre o(s) uso(s) do Manual Escolar em História e em Geografia”. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. <https://hdl.handle.net/10216/74627>.

Rodríguez, Jesús e Denébola Álvarez Seoane. “A investigação sobre manuais escolares e materiais curriculares”. *Revista Lusófona de Educação* 36, no. 36 (2017): 9-24. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5987>.

Sammler, Steffen. “Textbook research: past achievements, current developments, future challenges. A Georg Eckert Institut researcher’s view”. *Didacticae. Journal of Research in Specific Didactics*, no. 4 (2018): 74-84. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6694648>.

Santo, Esmeralda Maria. “Os manuais escolares, a construção de saberes e a autonomia do aluno. Auscultação a alunos e professores”. *Revista Lusófona de Educação* 8, no. 8 (2006): 103-15. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/694>.

Serrano, Clara Isabel. “Manuais escolares: 'a ponte e a porta' da vida e da cultura”. *Estudos do Século XX*, no. 8 (2008): 247-59.

Serrano, Clara Isabel e Sérgio Neto. “De Clio a Cassandra. Perceções da União Europeia nos manuais de História portugueses”. *Revista de História das Ideias* 40 (2022): 327-47. <https://impactum-journals.uc.pt/rhi/article/view/9875>.

Silva, Lino Moreira da. “Manuais Escolares e frequência de bibliotecas”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 475-84. Braga: CEEP – IEPUM, 1999.

Solé, Glória. “Ensino da História em Portugal: o currículo, programas, manuais escolares e formação docente”. *El Futuro del Pasado* 12 (2021): 21-59. <https://doi.org/10.14201/fdp2021122159>.

Solé, Glória e Isabel Barca coord. *O Manual Escolar no Ensino da História: Visões Historiográficas e Didáticas*. Lisboa: Associação de Professores de História (APH), 2018. <https://aph.pt/o-manual-escolar-no-ensino-da-historia-visoes-historiograficas-e-didaticas/>.

Solé, Maria Glória. “A história nos manuais escolares do ensino primário em Portugal: representações sociais e a construção de identidade(s)”. *Historia y Memoria de la Educación*, no. 6 (2017): 89-127. <http://dx.doi.org/10.5944/hme.6.2017.17128>.

Valadares, Jorge. “A Ideologia nos Manuais Escolares”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 515-26. Braga: CEEP – IEPUM, 1999.

Vieira, Andreia Patrícia de Lima. ““História é como os números, quando começamos nunca mais acabamos”: A perceção dos alunos sobre a disciplina de História A”. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. <https://hdl.handle.net/10216/116255>.

Vieira, Flávia e Isabel Marques e Maria Alfredo Moreira. “Para o desenvolvimento da autonomia com o manual escolar”. In *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Organizado por Rui Vieira de Castro e Angelina Rodrigues e José Silva e M. Lourdes Dionísio de Sousa, 527-44. Braga: CEEP – IEPUM, 1999. <https://hdl.handle.net/1822/533>.

Yin, Robert K. *Applications of case study research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.

## **ANEXOS**

**Anexo 1 – Plano Individual de Formação (PIF)****Plano Individual de Formação**

Mestranda: Luiza Maniassi Ferreira

Orientadora de Escola: Fernanda Repas

Orientadoras da FLUC: Ana Isabel Ribeiro e Clara Isabel Serrano

---

O estágio apresenta-se como uma das etapas mais aguardadas e, ao mesmo tempo, mais desafiantes do processo de formação no ramo da docência. Nele culminam anos de trabalho e estudo, nos quais se soma a formação científica obtida na Licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra à base teórica de conhecimentos pedagógicos e didáticos proporcionados pelo primeiro ano do Mestrado em Ensino de História. Toda essa preparação, uma fundação sólida necessária para o sucesso na docência, pode agora ser mobilizada para solucionar os novos desafios levantados.

Considero relevante ressaltar a importância que vejo na experiência pedagógica supervisionada. O estágio proporciona uma oportunidade valiosa de vivência prática da docência e de imersão nos ritmos e lógicas do trabalho em uma escola. Permite observar as aulas de outros docentes e conhecer um variado grupo de alunos, suas características e suas dinâmicas em sala de aula. Proporciona, também, um espaço privilegiado para a experimentação de diferentes recursos e metodologias, sempre com o apoio proporcionado pela orientadora de escola, pelas orientadoras da FLUC, pela troca de experiências com outros colegas do Mestrado e pelo contato com o corpo docente e a comunidade escolar. Tudo isso, certamente, vai me ajudar a progressivamente afinar as minhas estratégias de lecionação e a encontrar a minha posição, dentro e fora de sala de aula, como a professora que desejo vir a ser.

No presente documento, exponho as atividades que me proponho a concretizar durante o ano letivo de estágio, todas as quais vão contribuir ativamente para a formação enquanto docente que anteriormente descrevi.

Para além das atividades desenvolvidas na escola, durante o presente ano decorrerá a elaboração de um Relatório de Estágio. Nele constará a descrição do meu trabalho e experiência enquanto professora estagiária de História no decorrer do ano letivo de 2022/2023. Acompanhará a elaboração de uma investigação, a qual focará em compreender como os alunos

se apropriam dos manuais escolares de História – quais suas percepções sobre esse recurso, como os utilizam nos seus estudos cotidianos e quais as limitações que podem ser encontradas na relação com os manuais.

**No âmbito das atividades letivas e extraletivas a realizar durante o ano letivo, proponho-me a:**

- Assistir a todas as aulas das turmas do 8º e do 10º ano acordadas com a professora orientadora Fernanda Repas;
- Exercer a atividade de docente nas turmas acordadas com a professora orientadora;
- Reunir-me semanalmente com a minha orientadora, para acompanhar a evolução do meu estágio;
- Participar em todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas e de avaliação formativa e sumativa, acordadas no âmbito do Núcleo de Estágio;
- Em colaboração com a professora orientadora, discutir e proceder à elaboração de instrumentos de avaliação formativa e sumativa;
- Planificar e lecionar os tempos letivos previstos e exigidos pelo Plano Anual Geral de Formação, para o 8º e o 10º ano, e tantos quantos a professora orientadora permitir para além destes;
- Elaborar planificações de médio prazo, de acordo com as determinações da professora orientadora;
- Integrar as minhas planificações de aula nas planificações anuais e de médio prazo;
- Realizar avaliação formativa, diversificando os métodos de avaliação;
- Elaborar e aplicar recursos diversos em sala de aula, contanto que sejam possíveis e pertinentes, com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e captar o interesse dos alunos;
- Promover o contato dos alunos com o trabalho com fontes históricas e com historiografia atualizada;
- Relacionar os conteúdos abordados com problemáticas e questões do presente;
- Relacionar os conteúdos abordados com a História Local e com o Patrimônio;
- Estimular a capacidade de trabalho autónomo dos alunos;
- Assistir a reuniões do Conselho de Grupo Disciplinar, do Conselho de Diretores de Turma, dos Conselhos de Turma, entre outras das várias reuniões que são realizadas no âmbito escolar, para as quais for convidada;
- Didatizar o tema do Relatório de Estágio e aplicá-lo;
- Elaborar instrumentos diversificados e pertinentes de recolha de dados para a investigação no âmbito do Relatório de Estágio;
- Realizar um diagnóstico das percepções dos estudantes acerca dos manuais escolares na disciplina de História e de como se apropriam desse material de estudo;
- Buscar desenvolver estratégias para enriquecer o trabalho dos alunos com os manuais escolares;
- Participar ativamente na visita de estudo planejada para o Museu Nacional Machado de Castro, com as turmas de 10º ano;
- Apresentar disponibilidade completa para participar e colaborar noutras atividades promovidas pela escola e/ou pela comunidade escolar, sejam elas internas ou externas ao contexto dos trabalhos em sala de aula.

**No âmbito da minha ação pessoal e social, proponho-me a:**

- Preparar os alunos para compreenderem os conteúdos, ao mesmo tempo dotando-os de instrumentos para melhor compreenderem o mundo em que vivem;
- Sempre que possível, estabelecer ligações entre os conteúdos programáticos e as temáticas da atualidade;
- Buscar promover o desenvolvimento de competências de comunicação, de pensamento crítico e criativo e de questionamento da realidade;
- Sempre que possível, promover trabalhos que estabeleçam ligações entre os conteúdos programáticos e a História Local e o Patrimônio;
- Sempre que possível, reforçar a importância do respeito à diferença e à pluralidade de opiniões e perspectivas.

## Anexo 2 – Primeiro inquérito aos alunos



### Questionário

O presente questionário é fundamental para um estudo, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, que busca perceber as opiniões da comunidade escolar acerca dos **Manuais Escolares adotados na disciplina de História**. As suas respostas às questões aqui apresentadas serão de extrema importância para a concretização deste estudo, pelo que se agradece a sua colaboração.

A participação nesta investigação é **voluntária e anónima**. **Não escreva o seu nome** e nem quaisquer outros dados de cariz pessoal que permitam a sua identificação, **garantindo, deste modo, a total confidencialidade das respostas**.

Leia atentamente todas as questões e responda com sinceridade e seriedade. Qualquer dúvida que tenha, não hesite em colocar.

Idade: \_\_\_\_\_

Género (opcional): \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

**1. O manual da disciplina de História é utilizado frequentemente nas aulas?**

Sim

Não

**2. Com que frequência usa/consulta o manual escolar de História?**

a. Raramente

b. Uma vez por mês

c. Várias vezes por semana

d. Diariamente

**3. Em que situações costuma usar/consultar o manual de História? Assinale todas as opções que se justifiquem.**

a. Nas aulas

b. Em casa, para estudar para os testes

c. Em casa, para fazer tarefas para casa

d. Em casa, para fazer o meu estudo diário

e. Não uso o manual escolar

f. Outras

**Especifique:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**4. Considera que a utilização do seu manual, em contexto de sala de aula, deveria ser mais/menos frequente?**

- a. Julgo que deveria ser mais frequente
- b. Julgo que deveria ser menos frequente
- c. Gosto da frequência com que o manual é utilizado
- d. Não acho necessário utilizar o manual em sala de aula
- e. Indiferente

**5. Quando quer saber mais sobre determinado assunto, recorre a que tipos de materiais para aceder à informação?**

- a. Manual da disciplina
- b. Manuais de outras editoras
- c. Livros | enciclopédias
- d. Revistas | jornais
- e. Sites da internet
- f. Televisão
- g. Outros
- Especifique:**
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

**6. Em casa, que tipos de atividades prefere realizar no seu estudo de História? Assinale todas as opções que se justificarem.**

- a. Ler a matéria no manual escolar
- b. Ler os apontamentos das aulas
- c. Ler manuais de outras editoras
- d. Ler outros livros / enciclopédias
- e. Resolver exercícios do manual
- f. Realizar e corrigir tarefas de casa
- g. Estudar com colegas, em grupos ou pares
- h. Fazer resumos da matéria
- i. Construir esquemas
- j. Sublinhar os apontamentos
- k. Fazer pesquisas sobre a matéria
- l. Ver/ouvir/assistir uma música, um *podcast*, um vídeo etc.
- m. Outros
- Especifique:**
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

**7. Se assinalou que utiliza o manual escolar para estudar História em casa, utiliza-o especificamente para (assinale uma ou mais opções):**

- a. Tirar informação e apontamentos
- b. Construir mapas conceituais e esquemas-síntese da matéria
- c. Ler
- d. Fazer resumos
- e. Analisar documentos
- f. Fazer exercícios
- g. Outros
- Especifique:**
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

8. Avalie a importância do manual escolar no seu estudo em casa, partindo desde "a. Sem qualquer importância" até "e. Extrema importância":

- a. Sem qualquer importância
- b. Pouca importância
- c. Alguma importância
- d. Grande importância
- e. Extrema importância

9. *O meu manual escolar de História sempre descreve os fatos passados de forma precisa, objetiva e tal qual aconteceram.*

Indique se a afirmação acima é verdadeira para você, partindo desde "a. Concordo totalmente" até "e. Discordo totalmente":

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente
- c. Não concordo, nem discordo
- d. Discordo parcialmente
- e. Discordo totalmente

10. O que mais lhe agrada no seu manual de História?

---

---

---

---

11. O que menos lhe agrada no seu manual de História?

---

---

---

---

12. Se pudesse mudar alguma coisa (em termos de conteúdos, organização, ilustrações, documentos, propostas de atividades etc.) no seu manual, o que mudaria? Porquê?

---

---

---

---

---

Obrigada pela sua participação!

A professora estagiária: Luiza Ferreira

### Anexo 3 – Inquérito aos encarregados de educação



#### Questionário aos/às Encarregados(as) de Educação

O presente questionário é fundamental para um estudo realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que busca perceber as opiniões da comunidade escolar acerca dos Manuais Escolares adotados na disciplina de História.

A participação nesta investigação é voluntária e anónima. **Garantimos a total confidencialidade das respostas.**

Obrigada pela sua participação!

A Professora Estagiária: Luiza Ferreira

Idade: \_\_\_\_\_

Género (opcional): \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Grau de parentesco com o(a) educando(a): \_\_\_\_\_

1. Grau de formação académica: \_\_\_\_\_

#### 1. Com que frequência acompanha o estudo do(a) seu/sua educando(a)?

- |                          |                          |  |                          |
|--------------------------|--------------------------|--|--------------------------|
| a. Diariamente           | <input type="checkbox"/> | f. Quando o(a) meu/minha educando(a) solicita                                | <input type="checkbox"/> |
| b. 1-2 vezes por semana  | <input type="checkbox"/> | g. Não tenho oportunidade de acompanhar o estudo do(a) meu/minha educando(a) | <input type="checkbox"/> |
| c. Uma vez por mês       | <input type="checkbox"/> |  |                          |
| d. Na véspera dos testes | <input type="checkbox"/> |  |                          |
| e. No final do período   | <input type="checkbox"/> |  |                          |

#### 2. Que recursos o(a) seu/minha educando(a) utiliza para estudar História? Assinale uma ou mais opções.

- |   |                          |                       |                          |
|---|--------------------------|-----------------------|--------------------------|
| a. Manual Escolar adotado pela escola         | <input type="checkbox"/> | g. Caderno diário     | <input type="checkbox"/> |
| b. Manuais Escolares não adotados pela escola | <input type="checkbox"/> | h. Revistas e jornais | <input type="checkbox"/> |
| c. Caderno de Atividades                      | <input type="checkbox"/> | i. Mapas              | <input type="checkbox"/> |
| d. Livros ou enciclopédias                    | <input type="checkbox"/> | j. Televisão          | <input type="checkbox"/> |
| e. Sites na internet                          | <input type="checkbox"/> | k. Outros             | <input type="checkbox"/> |
| f. Vídeos e <i>podcasts</i>                   | <input type="checkbox"/> |                       |                          |

**Especifique:**

3. Se identificou o manual escolar como recurso adotado pelo(a) seu/sua educando(a) para estudar História, com que frequência este é utilizado?

- a. Diariamente
- b. Várias vezes por semana
- c. Uma vez por mês
- d. Raramente

4. Considera importante a utilização dos manuais na disciplina de História?

- a. Sim
- b. Não
- c. Indiferente

Porquê?

5. Na sua opinião, o que é mais importante ter no manual escolar de História para ajudar no estudo do(a) seu/sua educando(a)? Assinale uma ou mais opções.

- |   |                          |   |                          |
|---|--------------------------|---|--------------------------|
| a. Textos completos e desenvolvidos       | <input type="checkbox"/> | k. Exercícios e atividades              | <input type="checkbox"/> |
| b. Textos sintéticos e objetivos          | <input type="checkbox"/> | l. Correção dos exercícios e atividades | <input type="checkbox"/> |
| c. Imagens e figuras                      | <input type="checkbox"/> | m. Resumos e sínteses                   | <input type="checkbox"/> |
| d. Gráficos e tabelas                     | <input type="checkbox"/> | n. Outros                               | <input type="checkbox"/> |
| e. Dossiês de documentos                  | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| f. Mapas                                  | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| g. Sátiras e banda desenhada              | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| h. Definições de conceitos e ideias-chave | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| i. Glossário de conceitos                 | <input type="checkbox"/> |   |                          |
| j. Esquemas explicativos                  | <input type="checkbox"/> |   |                          |

Especifique:

2

6. Qual a sua opinião acerca da medida de gratuidade e reutilização dos manuais escolares, implementada nas escolas a partir do ano letivo de 2016/2017? Sente que esta medida teve impacto na formação do(a) seu/sua educando(a)?

7. Considera que algo poderia ser melhorado nos manuais escolares ou na forma como são (re)utilizados pela Escola? Porquê?

## Anexo 4 – Inquéritos aos professores de História



### Questionário aos/às Professores/as de História

O presente questionário é fundamental para um estudo, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, que busca perceber as opiniões da comunidade escolar acerca dos Manuais Escolares adotados na disciplina de História.

A participação nesta investigação é **voluntária e anónima**. **Garantimos a total confidencialidade das respostas**.

As suas respostas às questões aqui apresentadas serão de extrema importância para a concretização deste estudo, pelo que se agradece a sua colaboração.

Idade: \_\_\_\_\_

Género (opcional): \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Grau de formação académica: \_\_\_\_\_

Há quantos anos leciona a disciplina de História? \_\_\_\_\_

1

1. Utiliza o manual escolar como recurso nas suas aulas?

Sim

Não

Se respondeu **sim** à questão anterior, responda às questões 2 e 3. Se respondeu **não**, avance para a questão 4.

2. Com que frequência utiliza o manual nas suas aulas?

a. Em todas as aulas

c. Esporadicamente

b. Frequentemente

d. Raramente

3. Que tipo de atividades costuma desenvolver a partir do manual? Assinale uma ou mais opções.

a. Análise e interpretação de documentos

f. Análise e interpretação de sátiras e de banda desenhada

b. Análise e interpretação de gráficos

g. Leitura de texto/conceitos/ideias-chave etc.

c. Análise e interpretação de tabelas

h. Resolução de exercícios

d. Análise e interpretação de mapas

i. Outras

e. Análise e interpretação de imagens

Especifique:

**4. Costuma complementar a utilização do manual com outros recursos? Quais? Assinale uma ou mais opções.**

- a. Não costumo complementar a utilização manual
- b. Sim, complemento com fichas com atividades
- c. Sim, complemento com fichas com mais textos/documentos imagens
- d. Sim, complemento com a exploração de filmes/seriados/documentários/músicas
- e. Sim, complemento com apresentação de *PowerPoint*
- f. Sim, complemento com anotações no quadro
- g. Outros. **Especifique:** \_\_\_\_\_

**5. Por que utiliza ou não utiliza o manual escolar nas suas aulas? Assinale uma ou mais opções.**

- a. Utilizo, porque gosto do manual.
- b. Utilizo, porque os alunos gostam do manual.
- c. Utilizo, porque os documentos/ilustrações/atividades são úteis à minha lecionação.
- d. Utilizo, porque me ajuda a organizar os conteúdos e aprendizagens.
- e. Não utilizo, porque não gosto do manual.
- f. Não utilizo, porque os documentos/ilustrações/atividades não são úteis à minha lecionação.
- g. Não utilizo, porque prefiro ter mais flexibilidade na organização das aprendizagens.
- h. Outros.
- Especifique:**
- 

2

**6. Na sua opinião, que elementos constituem um “bom” manual de História? Assinale ou mais opções.**

- a. Organização
- b. Clareza do *design*
- c. Correção do conteúdo
- d. Apresentação do conteúdo
- e. Seleção de documentos
- f. Seleção de ilustrações
- g. Qualidade dos resumos
- h. Qualidade das definições de conceitos
- i. Glossário de conceitos
- j. Seleção de gráficos e tabelas
- k. Qualidade dos esquemas
- l. Qualidade dos exercícios e atividades
- m. Outros
- Especifique:**
- 

**7. Qual a sua opinião acerca da medida de gratuidade e reutilização dos manuais escolares, implementada a partir do ano de 2016/2017?**

- Considera que teve impacto na forma como utiliza o manual nas suas aulas?
- Considera que teve impacto na forma como os(as) alunos(as) utilizam o manual?

- 8. Os manuais escolares de História sofreram muitas alterações ao longo dos anos. Como caracteriza as transformações mais recentes?**

- 9. Futuramente, o que considera que os manuais de História devem possuir para irem ao encontro das suas necessidades, enquanto docente, e das necessidades dos(as) estudantes?**

3

Obrigada pela sua participação!  
A Professora Estagiária: Luiza Ferreira

## Anexo 5 – Inquérito complementar aos alunos do 10ºZ



História A – 10º ano



Escola Secundária José Falcão

### Questões diagnósticas – Trabalho de pesquisa em pares

Nome: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_

1. Na sua opinião, qual a função de um manual escolar?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Pensa que o seu manual escolar de História cumpre esta função de uma maneira satisfatória?

Sim

Não

3. Pensa que o manual de História aborda todos os conteúdos de uma maneira satisfatória?

a. Sim, penso que aborda todos os conteúdos de maneira satisfatória

b. Penso que aborda algumas temáticas de maneira satisfatória, enquanto outras deveriam ser desenvolvidas de outras maneiras.

c. Não, penso que não aborda os conteúdos de maneira satisfatória.

4. Há alguma temática que gostaria de ver mais profundamente abordada / abordada de forma diferente no seu manual? Se sim, qual e porquê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Anexo 6 – Guião de Trabalho “Páginas do Manual da Turma”



3º período – 10º ano – História A Escola Secundária José Falcão

### GUIÃO DE TRABALHO EM GRUPOS

#### O TRABALHO A DESENVOLVER:

O objetivo deste trabalho é que pesquise e aprofunde temáticas que complementam os conteúdos abordados nas aulas de História A. Dessa forma, tenciona-se que amplie os seus conhecimentos acerca da realidade do início da Idade Moderna, vivida durante os séculos XV e XVI, que tem vindo a ser o foco do estudo no 3º período.

Deve comunicar as suas descobertas através da elaboração de um dossiê, seguindo o modelo de um manual escolar de História. Quando completo, as páginas de manual escolar produzidas pela turma funcionarão em complemento às informações disponíveis no livro didático utilizado nas aulas.

A turma será dividida em duplas, a cada qual será indicada uma temática de pesquisa. As duplas devem recolher informações, ilustrações e documentos acerca do seu tema, as quais verterão na criação de duas páginas de manual escolar que comuniquem os resultados da pesquisa realizada.

#### TEMAS PARA A PESQUISA:

TEMAS	ALUNOS/Pares
1. O relato de Pero Vaz de Caminha e os primeiros contatos entre portugueses e indígenas brasileiros	
2. A civilização asteca – localização, características e primeiro contato com os europeus	
3. O império Inca – localização, características e primeiro contato com os europeus	
4. O reino do Congo – localização, características e primeiro contato com os europeus	
5. A porcelana chinesa no século XVI – origem, características, consumo na Europa	
6. As especiarias asiáticas no século XVI – origem, características, consumo e uso na Europa	
7. O tráfico negreiro e a escravidão no Brasil durante o século XVI	
8. A Companhia de Jesus e os jesuítas em Coimbra	

9. A Companhia de Jesus e a missão no Brasil	
10. Fernão Magalhães e a viagem de circum-navegação	
11. As mulheres na arte do Renascimento	
12. Arte Manuelina, com exemplos da cidade de Coimbra	
13. Arquitetura do Renascimento, com exemplos da cidade de Coimbra	
14. João de Ruão e a escultura do Renascimento em Coimbra	
15. O Colégio das Artes e o Humanismo em Coimbra	
16. O tribunal da Inquisição de Coimbra	

#### ESTRUTURA A SEGUIR:

Com base na discussão realizada em sala de aula acerca da estruturação de um manual escolar de História, assim como os seus conhecimentos acerca dos livros didáticos que utilizou durante seu percurso educacional, deve elaborar duas páginas de um “manual escolar” acerca da temática que pesquisou com a sua dupla.

Para a concretização desse trabalho, deve utilizar da plataforma *Canva*, onde conseguirá editar e criar o design das suas páginas. Primeiramente, deve seguir os seguintes passos:

- ❖ Aceda à plataforma <https://www.canva.com/>.
- ❖ Efetue o *login*. Utilize o seu endereço de mail institucional, atribuído pela escola, pois este lhe permitirá aceder à função educacional do *Canva* e contatar diretamente com as professoras na plataforma.
- ❖ Após efetuado o *login*, selecione a opção “Criar um design”. Dentre as opções de dimensões apresentadas, tome cuidado em escolher a opção “Documento A4”.
- ❖ Na barra do topo da página, nomeie o seu Design e adicione o outro membro do grupo (também utilizando o mail institucional), de forma que ambos possam ter acesso à edição do documento.
- ❖ Prossiga à edição das suas páginas, utilizando as ferramentas de edição disponibilizadas na barra de tarefas do *Canva*.

Não é necessário que siga exatamente a configuração adotada pelo manual escolar utilizado pela disciplina, ficando espaço para explorar as formas que considera mais eficientes para transmitir as informações da sua pesquisa. Entretanto, os seguintes elementos devem **obrigatoriamente** constar nas páginas finais elaboradas:

- ❖ Um título, em local facilmente legível e identificável, especificando a temática abordada. Divida as páginas em subtítulos, caso julgue necessário.

- ❖ Uma seção de texto informativo, com informação coletada na pesquisa. Lembre-se que esse texto deve ser de autoria da dupla, não sendo permitido o plágio de textos de outros autores. Caso queira incluir uma citação, deve identificá-la com aspas “...” no princípio e no fim do excerto e indicar a autoria.
- ❖ Duas ilustrações e/ou documentos relevantes à temática, no mínimo. Deve identificar o autor, o ano de produção e, caso se aplique, o título da obra onde foi publicado. Esses elementos também devem ser acompanhados de uma legenda explicativa da sua conexão com a temática abordada.
- ❖ Uma seção de Bibliografia, com a indicação das fontes (sítios na web, vídeos, livros etc.) onde foram obtidas as informações pesquisadas.

Atente à legibilidade dos textos e à clareza da sua página, utilizando elementos gráficos para dividir as diferentes seções e organizar os textos. **Tenha em mente que uma pessoa a ler as suas páginas deve ser capaz de compreender as informações a ser comunicadas.**

Para além destes elementos, caso queira, pode acrescentar outros que julgue pertinentes. Algumas sugestões são:

- Mapas.
- Esquemas explicativos.
- Barras cronológicas.
- Indicações de sítios da web, livros, vídeos, filmes, documentários etc., com informação complementar à temática.
- Resumos das ideias principais.
- Bibliografias de figuras de relevo.
- Definições de palavras ou conceitos.
- Sugestões de assuntos para pesquisa e aprofundamento.
- Outros que considere pertinentes.

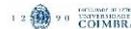
#### **SUGESTÕES DE SÍTIOS PARA PESQUISA E RECOLHA DE INFORMAÇÕES, DOCUMENTOS, ILUSTRAÇÕES ETC.:**

- ❖ Google Académico: <https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-PT>
- ❖ Google Arts and Culture: <https://artsandculture.google.com/?hl=pt-PT>
- ❖ Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>
- ❖ Museu Nacional da Arte Antiga: <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/arte-da-expansao>
- ❖ Museu Nacional de Machado de Castro: <https://artsandculture.google.com/partner/national-museum-machado-de-castro>
- ❖ Arquivo Nacional Torre do Tombo: <https://digitarq.arquivos.pt/>
- ❖ Biblioteca Municipal de Coimbra: <http://catalogo.cm-coimbra.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=rbmc>

#### **CRITÉRIOS GERAIS DE AVALIAÇÃO:**

	<b>Muito Bom</b>	<b>Bom</b>	<b>Suficiente</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Muito Insuficiente</b>
<b>Investigação e Comunicação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pesquisa, investiga, planeia, seleciona e organiza informação com elevada correção, recorrendo a diversos métodos de validação da informação.</li> <li>▪ Pesquisa e seleciona imagens, documentos, mapas e esquemas relevantes à temática com elevada correção.</li> <li>▪ Apresenta as fontes das informações coletadas com elevada correção, revelando esforço em diversificar os instrumentos de pesquisa.</li> <li>▪ Revela muito bom domínio da informação coletada.</li> <li>▪ Exprime-se com muita correção, clareza, organização e rigor no uso da linguagem, utilizando, de forma adequada, terminologia específica das disciplinas.</li> <li>▪ Aplica a estrutura apresentada para a atividade com elevada correção, integrando de forma adequada todas as componentes exigidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pesquisa, investiga, planeia, seleciona e organiza informação de forma correta, recorrendo a alguns métodos de validação da informação.</li> <li>▪ Pesquisa e seleciona imagens, documentos, mapas e esquemas relevantes com correção.</li> <li>▪ Apresenta as fontes das informações coletadas com correção.</li> <li>▪ Revela bom domínio da informação.</li> <li>▪ Exprime-se com correção, clareza, organização e rigor no uso da linguagem, utilizando, de forma adequada, terminologia específica das disciplinas.</li> <li>▪ Aplica a estrutura apresentada para a atividade com correção, integrando de forma adequada as componentes exigidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pesquisa, investiga, planeia, seleciona e organiza informação de forma suficiente, com limitações nos métodos de validação da informação.</li> <li>▪ Pesquisa e seleciona imagens, documentos, mapas e esquemas de forma suficiente.</li> <li>▪ Apresenta parcialmente a fonte das informações coletadas.</li> <li>▪ Revela suficiente domínio da informação.</li> <li>▪ Nem sempre se exprime com correção, clareza, organização e rigor no uso da linguagem e da terminologia específica das disciplinas.</li> <li>▪ Aplica a estrutura apresentada para a atividade de forma suficiente, integrando algumas das componentes exigidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pesquisa, investiga, planeia, seleciona e organiza informação com evidentes dificuldades e com limitações nos métodos de validação da informação.</li> <li>▪ Pesquisa e seleciona imagens, documentos, mapas e esquemas com evidentes dificuldades.</li> <li>▪ Apresenta a fonte das informações coletadas de forma insuficiente.</li> <li>▪ Revela insuficiente domínio da informação.</li> <li>▪ Exprime-se com erros, com pouca clareza e com falhas no uso da linguagem científica.</li> <li>▪ Aplica a estrutura apresentada para a atividade de forma insuficiente, não integrando a maioria das componentes exigidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Não evidencia capacidades de pesquisa, investigação, planeamento, seleção e organização da informação, utilizando muito limitadamente os métodos de validação da informação.</li> <li>▪ Não evidencia capacidades de pesquisar e selecionar imagens, documentos, mapas e esquemas relevantes ao tema.</li> <li>▪ Não apresenta a fonte das informações coletadas.</li> <li>▪ Não revela qualquer domínio da informação.</li> <li>▪ Exprime-se com muitos erros, com pouca clareza e com falhas no uso da linguagem científica.</li> <li>▪ Não aplica a estrutura apresentada para a atividade.</li> </ul>
<b>Desenvolvimento Pessoal e Interpessoal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolve claramente autonomia e responsabilidade.</li> <li>▪ Revela respeito, resiliência e curiosidade.</li> <li>▪ Apresenta postura correta ao trabalho em grupo, em colaboração e respeito com os colegas de trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolve autonomia e responsabilidade.</li> <li>▪ Revela respeito, resiliência e curiosidade.</li> <li>▪ Apresenta postura correta ao trabalho em grupo, em colaboração e respeito com os colegas de trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolve alguma autonomia e responsabilidade.</li> <li>▪ Revela respeito, resiliência e curiosidade.</li> <li>▪ Apresenta postura suficiente ao trabalho em grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Nem sempre revela autonomia e responsabilidade.</li> <li>▪ Nem sempre revela respeito, resiliência e curiosidade.</li> <li>▪ Nem sempre apresenta postura adequada ao trabalho em grupo,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raramente revela autonomia e responsabilidade.</li> <li>▪ Nem sempre revela respeito, resiliência e curiosidade.</li> <li>▪ Nem sempre apresenta postura adequada ao trabalho em grupo,</li> </ul>

## Anexo 7 – Questões de autoavaliação do trabalho “Páginas do Manual da Turma”



### Trabalho das Páginas do Manual da Turma – Questões de Autoavaliação

História A - ESJF

Nome: \_\_\_\_\_

1. Relate como foi seu processo de realização do trabalho. Descreva as dificuldades que encontrou, como dividiu as tarefas com o outro membro da sua dupla, como realizaram a recolha de dados e de documentos, etc.

---



---



---



---



---



---



---



---

2. Descreva os documentos/mapas/imagens/esquemas que selecionou para a sua página e explique a sua relevância para a temática pesquisada.

---



---



---



---



---



---



---



---

3. Avalie a prestação do seu trabalho final de acordo com os critérios a seguir.

a. Pesquisa e seleção de informação:

Insuficiente  Suficiente  Bom  Muito Bom  Excelente

b. Pesquisa e seleção de documentos/mapas/esquemas/ilustrações:

Insuficiente  Suficiente  Bom  Muito Bom  Excelente

c. Comunicação – expressão e uso da linguagem específica da História:

Insuficiente  Suficiente  Bom  Muito Bom  Excelente

d. Comunicação – clareza e organização das páginas elaboradas:

Insuficiente  Suficiente  Bom  Muito Bom  Excelente

e. Comunicação – atratividade e interesse gráfico das páginas elaboradas:

Insuficiente  Suficiente  Bom  Muito Bom  Excelente

4. Depois de produzir as suas páginas de manual e observar as páginas criadas pelos seus colegas, indique quais elementos considera que são mais importantes para compor um "bom" manual escolar de História:
- a. Texto informativo
  - b. Documentos escritos
  - c. Documentos iconográficos [pinturas/fotografias/ilustrações/cartazes/desenhos/etc.]
  - d. Barras cronológicas
  - e. Mapas
  - f. Esquemas
  - g. Resumos em tópicos
  - h. Biografias de figuras históricas
  - i. Curiosidades / Definições de conceitos
  - j. Exercícios e atividades
  - k. Sugestões de pesquisa / leitura
  - l. Outros  \_\_\_\_\_

5. Acredita que alunos e professores devem participar na produção dos manuais escolares adotados para as diferentes disciplinas? Você participaria nestas decisões se tivesse a chance?

---

---

---

6. Avalie a atividade "Páginas do Manual da Turma". O que sente que aprendeu durante o trabalho de pesquisa e produção das páginas de manual com sua dupla?

---

---

---

---

---

---

**Anexo 8 – Questão 2 do primeiro inquérito aos alunos****Frequência de uso/consulta do manual escolar de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Diariamente	6	5	11	24%	18,52%	21,15%
Várias vezes por semana	18	16	34	72%	59,26%	65,38%
Uma vez por mês	0	3	3	0%	11%	5,76%
Raramente	1	3	4	4%	11%	7,69%
Total	25	27	52	100%	100%	100%

**Anexo 9 – Questão 3 do primeiro inquérito aos alunos****Situações de utilização/consulta do manual escolar de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem do nº de alunos		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Nas aulas	25	27	52	100%	100%	100%
Para estudar para os testes	25	25	50	100%	93%	96,15%
Para fazer tarefas para casa	17	18	35	68%	67%	67,3%
Para o estudo diário	6	4	10	24%	15%	19,23%
Não utiliza o manual escolar	0	0	0	0%	0%	0%
Para realizar trabalhos de outras disciplinas	0	1	1	0%	4%	1,9%

**Anexo 10 – Questão 4 do primeiro inquérito aos alunos****Percepções acerca da frequência de utilização do manual de História na sala de aula**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Deveria ser mais frequente	0	1	1	0%	3,7%	1,92%
Deveria ser menos frequente	0	3	3	0%	11,11%	5,76%
Gosta da frequência de utilização	22	21	43	88%	77,78%	82,69%
Não considera o manual necessário na sala de aula	2	1	3	8%	3,7%	5,76%
Indiferente	1	1	2	4%	3,7%	3,84%
Total	25	27	52	100%	100%	100%

**Anexo 11 – Questão 5 do primeiro inquérito aos alunos****Materiais de pesquisa/consulta privilegiados pelos alunos**

	Frequência da resposta			Porcentagem do nº de alunos		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Manual da disciplina	24	21	45	96%	77,78%	86,53%
Manuais de outras editoras	3	2	5	12%	7,41%	9,61%
Livros / enciclopédias	3	2	5	12%	7,41%	9,61%
Revistas / jornais	1	0	1	4%	0%	1,92%
Sites da internet	16	25	41	64%	92,59%	78,84%
Televisão	1	6	7	4%	22,22%	13,46%
Caderno de Atividades	2	1	3	8%	1,92%	5,76%
Escola Virtual	1	0	1	4%	0%	1,92%
Livros de preparação para exames	0	1	1	0%	1,92%	1,92%

**Anexo 12 – Questão 6 do primeiro inquérito aos alunos****Atividades privilegiadas no estudo de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem do nº de alunos		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Ler – Manual Escolar	24	19	43	96%	70,37%	82,69%
Ler – Apontamentos	17	23	40	68%	85,19%	76,92%
Ler – Manuais de outras editoras	3	2	5	12%	7,41%	9,61%
Ler – Outros livros / enciclopédias	3	3	6	12%	11,11%	11,53%
Resolver exercícios do manual	11	14	25	44%	51,85%	48,07%
Realizar tarefas de casa	4	10	14	16%	37,04%	26,92%
Estudar com colegas	6	15	21	24%	55,56%	40,38%
Fazer resumos	16	22	38	64%	81,48%	73,07%
Construir esquemas	9	10	19	36%	37,04%	36,53%
Sublinhar apontamentos	13	16	29	52%	59,26%	55,76%
Pesquisar a matéria	6	8	14	24%	29,63%	26,92%
Consumir músicas/podcasts/vídeos/etc.	2	6	8	8%	22,22%	15,38%
Resolver exercícios do Caderno de Atividades	2	1	3	8%	3,7%	5,76%

**Anexo 13 – Questão 7 do primeiro inquérito aos alunos****Formas de utilização do manual escolar no estudo de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem do nº de alunos		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Tirar informação e apontamentos	16	22	38	64%	81,48%	73,07%
Construir mapas-conceituais e esquemas-síntese	5	2	7	20%	7,41%	13,46%
Ler	13	17	30	52%	62,96%	57,69%
Fazer resumos	19	23	42	76%	85,19%	80,76%
Analisar documentos	6	10	16	24%	37,04%	30,76%
Resolver exercícios	12	14	26	48%	51,85%	50%
Outras	2	0	2	8%	0%	3,84%

**Anexo 14 – Questão 8 do primeiro inquérito aos alunos****Percepção da importância do manual escolar no estudo de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Extrema importância	6	3	9	24%	11,11%	17,3%
Grande importância	13	12	25	52%	44,44%	48,07%
Alguma importância	6	12	18	24%	44,44%	34,61%
Pouca importância	0	0	0	0%	0%	0%
Sem qualquer importância	0	0	0	0%	0%	0%
Total	25	27	52	100%	100%	100%

**Anexo 15 – Questão 9 do primeiro inquérito aos alunos**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Concordo totalmente	11	6	17	44%	22,22%	32,69%
Concordo parcialmente	8	17	25	32%	62,96%	48,07%
Não concordo, nem discordo	4	3	7	16%	11,11%	13,46%
Discordo parcialmente	1	1	2	4%	3,7%	3,84%
Discordo totalmente	1	0	1	4%	0%	1,92%
Total	25	27	52	100%	100%	100%

## Anexo 16 – Questão 10 do primeiro inquérito aos alunos

## Categorias e subcategorias de respostas

Categorias	Subcategorias	Respostas	Código do participante	
Documentos	Referências a diferentes tipologias de documentos (ex. documentos iconográficos)	“Ter documentos perssetíveis e ilustrações.”	2Z	
		“[...] gosto que tenha muitas imagens e documento porque da para perceber melhor a materia.”	7Z	
		“As imagens [...].”	13Z	
		“O que mais me agrada no meu manual de História é [...] as imagens que estão contidas nele, [...] os documentos [...].”	22Z	
		“[...] tem documentos / imagens que podemos observar e entender melhor.”	8X	
		“Todos os tópicos estão bem identificados e acompanhados de documentos e imagens alusivos ao assunto.”	9X	
Documentos	Referências ao papel dos documentos na consolidação dos conteúdos	“[...] além de ter várias imagens para ajudar a compreender melhor as situações. As imagens estão bem feitas e muito bem explicativas com as setas e tal.”	13X	
		“[...] os documentos [...]”	14X	
		“[...] e as imagens.”	21X	
		“O que mais me agrada no manual de História é as imagens.”	22X	
		Referências aos dossiês documentais	“[...] o apoio dos documentos [...] para consolidar a matéria.”	12Z
		“Alguns documentos que comprovem a matéria dada [...]”	5X	
Documentos	Referências aos dossiês documentais	“[...] são os documentos extra que nos permitem ter uma determinada visão da materia e os exercicios com eles relacionados.”	11Z	
		“[...] dos documentos [...] e do dossiê.”	23Z	
		Importância para a contextualização histórica	“O que me mais agrada no manual de história é como mostram tantas ilustrações e documentos para nos imergir no contexto histórico.”	16Z
		Quantidade de documentos	“Vários documentos [...].”	18Z
			“Ter vários documentos [...].”	27Z
Ilustrações (manual do 8º ano)	Ilustrações	“Os desenhos [...].”	14X	
		“O que me agrada é imagens são bem feitas.”	24X	
		“[...] algumas ilustrações.”	5X	
Organização	Organização dos conteúdos	“É bem organizado e é bom para o estudo, as matérias estão bem assinaladas, e numa ordem com sentido [...].”	3Z	
		“A forma como a matéria está organizada.”	4Z	
		“Ter a materia organizada.”	5Z	

		<p>“[...] a organização.”</p> <p>“Da forma de como está organizado [...].”</p> <p>“[...] organização.”</p> <p>“O facto de ter a matéria organizada [...].”</p> <p>“A sua organização [...].”</p> <p>“A forma como a matéria é organizada e destacada [...].”</p>	<p>13Z</p> <p>23Z</p> <p>27Z</p> <p>1X</p> <p>12X</p> <p>13X</p>
	Interação entre texto de autor e documentos	“A organização das páginas separando os documentos da matéria teórica.”	6Z
	Portabilidade	<p>“O que mais me agrada é o facto de estar dividido em 3 partes, o que torna melhor devido ao peso.”</p> <p>“Ser dividido em 3 partes, porque é mais leve.”</p> <p>“[...] ser dividido em 3 partes, é melhor para levar.”</p>	<p>8Z</p> <p>9Z</p> <p>25Z</p>
<b>Conteúdos</b>	Referências a agrado com as matérias e as informações contidas no livro	<p>“[...] a informação que está contida nele [...].”</p> <p>“Não tenho algo que mais me agrada, simplesmente gosto das matérias.”</p> <p>“Tudo, eu adoro história. A parte da “Abertura ao Mundo”.”</p> <p>“[...] as matérias dadas.”</p> <p>“As matérias dele.”</p>	<p>22Z</p> <p>24Z</p> <p>3X</p> <p>15X</p> <p>20X</p>
<b>Texto informativo</b>	Texto informativo	<p>“[...] textos [...].”</p> <p>“[...] os textos para lembrar a matéria.”</p> <p>“[...] o fato de haver textos que podemos consultar para usar como resumos.”</p>	<p>18Z</p> <p>22Z</p> <p>2X</p>
	Negritos e sublinhados	<p>“Descreve bem as coisas, está a negrito as frases mais importantes [...].”</p> <p>“[...] as cores atrativas nos apontamentos que ajuda a memorizar.”</p>	<p>8X</p> <p>14X</p>
	Explicação e clareza do texto	<p>“A forma como tem a informação descrita [...].”</p> <p>“Ter a matéria bem explicada [...].”</p> <p>“A matéria bem explícita [...].”</p> <p>“As informações [...] sobre as matérias.”</p> <p>“O conteúdo e a maneira de como é explicado.”</p> <p>“[...] as suas boas explicações dos temas abordados nas aulas.”</p> <p>“Estar bem esplicito.”</p> <p>“[...] a matéria é resumida, e é fácil de entender.”</p> <p>“A forma como a matéria é explicada nos textos.”</p> <p>“[...] os apontamentos bem formulados e estruturados por ordem cronológica [...]”</p> <p>“A forma como o texto está escrito [...].”</p>	<p>7Z</p> <p>10Z</p> <p>12Z</p> <p>17Z</p> <p>7X</p> <p>12X</p> <p>18X</p> <p>11X</p> <p>10X</p> <p>14X</p> <p>21X</p>
	Abordagem dos conteúdos	<p>“A forma como aborda certos temas.”</p> <p>“A sua objetividade.”</p>	<p>15Z</p> <p>17X</p>

<b>Exercícios e propostas de atividades</b>	Quantidade	“[...] ter muitos exercícios.” “[...] vários exercícios.”	10Z 18Z
	Exercícios de consolidação	“[...] os exercícios para consolidar a matéria.” “[...] são os exercícios de consolidação.” “[...] as questões [...].” “Os exercícios no final de cada unidade que nos ajudam a praticar.” “[...] os exercícios [...].”	12Z 20Z 22Z 6X 15X
<b>Esquemas, resumos e sínteses</b>	Esquemas, resumos e sínteses	“[...] esquemas sobre as matérias.” “[...] as Sínteses [...]” “[...] sínteses [...].” “Ter esquemas e a matéria bem resumida.” “[...] resumos/esquemas no final dos capítulos [...]” “os resumos que tem no final de cada “Tema”.”	17Z 21Z 23Z 25Z 27Z 25X
		Consolidação das matérias	“[...] ajuda a consolidar e a entender algo caso não tenha percebido na aula.”
<b>Funções de apoio ao estudo e à consolidação</b>	Estudo para os testes e realização de trabalhos	“[...] o facto de ter toda a informação precisa para os testes e outros trabalhos.” “[...] ajuda-me quando vou fazer os resumos.” “[...] nos dá sempre a informação precisa para realizar exercícios e fazer resumos, e estudar para os testes.”	26Z 1X 4X
	A capa do livro	“[...] a Capa do Livro.” “A capa.” “O que mais me agrada no manual é a capa.”	21Z 16X 19X
<b>Mapas e barras cronológicas</b>	Mapas e barras cronológicas	“Mapas [...]” “[...] frisos cronológicos [...].”	21Z 23Z
<b>Agrado ou desagrado geral</b>	Prefere não utilizar	“Não há muita coisa a dizer sobre o manual, cumpre todos os passos necessários para ser útil (a matéria está bem organizada e possui bastante informação sobre cada tópico) mas eu ainda prefiro estudar por outros livros.”	14Z
	Gosta de tudo	“Eu gosto de tudo sobre o meu manual não há nada que desagrade.”	19Z
	Não sabe	“Não sei”	23X
<b>Não respondeu</b>	Não respondeu à questão 10		1Z

## Anexo 17 – Questão 11 do primeiro inquérito aos alunos

## Categorias e subcategorias de resposta

Categorias	Subcategorias	Respostas	Código do participante	
Exercícios e propostas de atividades	Quantidade de exercícios	<p>“Não ter tantos exercicios quanto eu acho que poderiam ajudar melhor os alunos.”</p> <p>“[...] tem poucos exercicios, por exemplo a maioria se não todos os exercicios são das paginas dos documentos em vez de ter exercicios separados.”</p> <p>“Não me agrada não ter no manual exercicios porque assim não conseguimos praticar muito para os teste.”</p> <p>“[...] devia ter mais exercicios sobre as matérias, por exemplo um página que fale sobre 3 ou 4 coisas e nesses exercicios só se refere a 1 dessas coisas.”</p> <p>“O que menos me agrada e que nas páginas da materia a 1 a 4 exs e depois no final, acho que deveria haver mais.”</p> <p>“Falta de exercicios e os que tem são muito repetitivos, nos conjuntos de 4 perguntas que às vezes aparecem fazem perguntas com linguagem diferente mas com o mesmo objetivo.”</p> <p>“Ter poucos exercicios.”</p>	<p>26Z</p> <p>27Z</p> <p>2X</p> <p>5X</p> <p>11X</p> <p>13X</p> <p>18X</p>	
	Elaboração dos exercícios e das atividades	<p>“Não ter tantos exercicios mais específicos de certas matérias.”</p> <p>“[...] Os exercicios também podiam ser melhorados.”</p> <p>“Por vezes alguns exercicios mal estruturados ou mal explicados para o nível de escolaridade, exercicios muito repetitivos e a falta de exercicios no manual.”</p> <p>“Os exercicios.”</p>	<p>6Z</p> <p>14Z</p> <p>14X</p> <p>21X</p>	
	Caderno de Atividades	<p>“O Caderno de Atividades não tem soluções o que dificulta um bocado saber se a resposta está certa ou errada.”</p> <p>“O que menos me agrada no meu manual de História são as respostas porque nós temos caderno de atividades porque precisamos de perguntas no manual.”</p>	<p>12X</p> <p>15X</p>	
	Texto informativo	Texto informativo	<p>“Os textos.”</p> <p>“Nem sempre tem matéria específica para o teste.”</p>	<p>13Z</p> <p>18Z</p>
		Clareza e simplicidade	<p>“Muitas das vezes a linguagem é um pouco avançada e complicada.”</p> <p>“É muito complicado pois os textos são muito denços e complicados. [...]”</p>	<p>2Z</p> <p>25X</p>
		Tamanho dos textos	<p>“Demasiado texto em que nem todas informações são relevantes.”</p> <p>“Talvez há alguns textos muito grandes que não dá para perceber muito bem, mas (são poucas páginas que acontece isso).”</p> <p>“[...] não gosto dos textos longos.”</p> <p>“O que não me agrada muito texto.”</p>	<p>17Z</p> <p>8X</p> <p>13X</p> <p>24X</p>

<b>Documentos</b>	Quantidade	<p>“As vezes ter vários documentos.”</p> <p>“O que menos me agrada é o enorme / muitos documentos.”</p> <p>“Demasiados documentos.”</p> <p>“Excesso de documentos desnecessários.”</p> <p>“Muitos documentos, de certa forma é bom, mas tem em excesso.”</p>	5Z 8Z 10Z 21Z 25Z
	Relevância	“[...] também acho os documentos (alguns, não todos) irrelevantes. [...]”	14Z
	Dossiês documentais	“Haver uma página exclusiva para documentos.”	9Z
<b>Esquemas, resumos e sínteses</b>	Esquemas, resumos e sínteses	<p>“Alguns esquemas [...]”</p> <p>“Esquemas”</p>	20Z 7X
	Quantidade de informação nos esquemas, resumos e sínteses	<p>“Talvez contém alguma informação nos resumos que não faz muita falta / indiferente.”</p> <p>“Só não me agrada os esquemas / resumos, podiam ser mais explicativos.”</p> <p>“No final da unidade, o resumo devia conter mais informação [...]”</p> <p>“[...]Devia ter mais resumos e tem muita matéria em 1 folha.”</p>	23Z 3X 5X 25X
<b>Conteúdos</b>	Incorreções	<p>“O que menos agrada é que pode também haver falhas no livro, apesarem de serem mínimas, e dão muita importância ao nosso lado deixando outras culturas de parte.”</p> <p>“Os erros que as vezes tem.”</p> <p>“[...] algumas gralhas que o livro tem.”</p> <p>“Alguns erros [...]”</p>	16Z 19Z 20Z 27Z
	Abordagem dos conteúdos e das temáticas	<p>“Eu acho que certos tópicos não chegam a ser desenvolvidos tão bem como outros (têm menos informação) [...]”</p> <p>“O que menos me agrada é que quando dão sobre a época dos Descobrimentos falam muito pouco das pessoas que sofreram, acho que deviam falar mais sobre essas pessoas que foram escravizadas, podiam passar um filme para mostrar a história dessas pessoas.”</p> <p>“A matéria em algumas partes não é expecificava.”</p> <p>“O que menos me agrada no meu manual de história são algumas informações que podiam ser simplificadas ou mais fundamentadas.”</p>	14Z 24Z 6X 11Z
<b>Organização</b>	Organização da informação	<p>“é muito confuso”</p> <p>“Ter muita informação junta por vezes.”</p> <p>“[...] tem muita matéria em 1 folha.”</p>	1Z 7Z 27Z
	Divisão	“A forma em que o livro se encontra dividido.”	15Z
	Tamanho do livro	<p>“Ter muita páginas.”</p> <p>“Ser muito grande.”</p>	16X 17X
<b>Manual Digital</b>	Manual Digital	“O manual não ser digital.”	10X
<b>Nada desagrada</b>	Nada desagrada	“Nada.”	3Z / 4Z / 22Z / 1X / 20X / 23X

		<p>“Tudo me agrada no meu manual de história.”</p> <p>“Penso que a estrutura do manual se adequa à minha forma de estudo, pelo que penso que não há nada do meu desagrado.”</p> <p>“Tudo me agrada.”</p> <p>“Na minha opinião não tem nada que não me agrade.”</p>	<p>4X</p> <p>9X</p> <p>19X</p> <p>22X</p>
<b>Não respondeu</b>	Não respondeu à questão 11		12Z

### Anexo 18 – Questão 12 do primeiro inquérito aos alunos

#### Categorias e subcategorias de resposta

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Respostas</b>	<b>Código do participante</b>
<b>Não mudaria nada</b>	Não mudaria nada	“Nada.”	4Z / 10Z / 23X
		“Não mudaria nada.”	16Z / 19Z
		“Não mudaria nada, percebo bem a matéria a partir do manual, os conteúdos, as ilustrações e os documentos são explícitos.”	3Z
		“Nada, porque acho que esta bom assim.”	7Z
		“Acho que não mudaria eu nada, o livro esta bom assim.”	13Z
		“Não mudaria nada, na minha opinião está mais que o suficiente.”	18Z
		“Não mudaria nada, porque acho que não falta nada no manual, está tudo o que é necessário.”	22Z
		“Apesar das críticas não mudaria nada, está bem constituído.”	23Z
		“Na minha opinião eu não mudava nada porque o manual já está bem organizado.”	2X
		“Não mudaria nada porque o manual está bem organizado.”	3X
		“Acho que não mudaria nada, como não tenho conhecimento de outro tipos de livros e não estou dentro desta área, não tenho como julgar porque acho que tem tudo no manual, secalhar não mudaria nada.”	8X
		“Não mudava nada.”	19X
		“Nada porque eu acho que o manual é perfeito como ele é.”	20X
“Na minha opinião não mudava nada.”	22X		
“Não mudaria nada para mim o manual está bom indiferente.”	24X		
<b>Exercícios e propostas de atividades</b>	Exercícios de consolidação/aplicação de conteúdos	“Mudava a organização das perguntas metendo-as todas no final de cada matéria para consolidar melhor.”	2Z

		“Ter mais exercícios de cada matéria em específico, pois acho que teríamos uma melhor perseguição da matéria.” “Eu mudaria os exercícios repetitivos e mal estruturados [...]” “Colocaria mais exercícios para me ajudar a estudar para os testes.”	26Z 14X 16X
	Quantidade de exercícios e atividades	“Mudaria algumas propostas de atividade, pois acho que deveria ter mais exercícios sobre determinadas matérias e mais especificados.” “[...] faria mais exercícios [...]” “colocaria mais exercícios ao longo do Manual, porque na minha opinião existem poucos exercícios no Manual.” “[...] mais variadas propostas de atividade melhor desenvolvidas.” “Incluía mais exercícios abrangentes a todos os tópicos lecionados nas aulas.” “Mudaria os exercícios por serem extremamente repetitivos e escassos [...]” “Mudava o facto de o livro ter poucos exercícios.”	6Z 14Z 15Z 25Z 9X 13X 18X
	Exercícios dos dossiês documentais	“[...] mais exercícios sem ser só dos documentos pois às vezes os documentos podem ser confusos.”	27Z
	Caderno de Atividades	“Eu iria por soluções no caderno de atividades pelas razões apresentadas na questão anterior.”	12X
	Elaboração das propostas de atividades	“Eu mudaria as propostas de atividades, pois acho que são demasiado longas e não fazem muito sentido.”	21X
<b>Documentos</b>	Referências a diferentes tipologias de documentos (ex. documentos iconográficos)	“[...] não metia tantas imagens” “[...] adicionar mais imagens demonstrativas” “[...] mais imagens.”	1Z 17Z 10X
	Menos documentos	“Eu limitaria me a por apenas documentos importantes [...]” “Colocava menos documentos, porque acho que alguns estão em excesso.” “Mudaria a organização com menos documentos [...]”	14Z 21Z 25Z
	Mais documentos	“Podia ter mais documentos para analisar.”	20Z
<b>Ilustrações (manual do 8º ano)</b>	Ilustrações	“Mudaria as imagens porque não acho muito realistas.”	4X
<b>Esquemas, resumos e sínteses</b>	Quantidade de esquemas, resumos e sínteses	“poria mais esquemas tipo resumo [...]” “[...] colocaria mais esquemas para ter melhor acesso á matéria durante o estudo.” “[...] faria mais resumos.” “podia apenas ter mais esquemas.” “Eu mudaria em vez de por matéria faria alguns esquemas, mas de resto gosto!”	1Z 11Z 14Z 1X 11X
	Quantidade de informação	“Os esquemas, porque às vezes não têm a informação toda.”	7X

<b>Texto informativo</b>	Quantidade/Tamanho dos textos informativos	“Ter a materia mais por topicos e não tantos textos.” “Diminuir os tamanhos do texto [...]” “Menos texto e mais imagens”.	5Z 17Z 10X
	Clareza e simplicidade	“[...] simplificaria a matéria ou paragrafos menores e organizados [...]”	11Z
	Quantidade de informação	“[...] certificava-me que cada tópico tinha informação suficiente para facilitar o estudo [...]” “Expecificava mais a matéria principal.”	14Z 6X
<b>Conteúdo</b>	Abordagem dos conteúdos e das temáticas	“Como eu disse na pergunta 11, podiam dizer mais sobre a história das pessoas que foram escravizadas, pois essas pessoas tinham uma história digna antes de serem escravizadas, essas pessoas não viviam nuas tal como dizem nos livros de história.”	24Z
	Biografias de figuras históricas de relevo	“[...] adicionaria a biografia das pessoas mais importantes, como por exemplo Leonardo da Vinci, Fernão Magalhães, ou seja, pessoas importantes na matéria que não demos.”	5X
	Fatos e curiosidades	“Mais factos sobre acontecimentos passados históricos.”	17X
<b>Organização</b>	Distribuição da informação	“A organização acho que é muito complicado é muito amontoado.”	25X
	Interação entre texto de autor e documentos	“[...] misturava o conteúdo com os documentos.”	9Z
	Índice/Sumário	“[...] índice do manual por vezes muito cheio e com muita informação.”	14X
<b>Design</b>	Aspecto do manual	“O que eu mudaria no meu manual era as ilustrações, os documentos e as propostas de atividades porque eu acho que deveremos mudar o aspeto do manual de História.”	15X
<b>Manual Digital</b>	Manual Digital	“Passaria a ser virtual [...]”	9Z
<b>Não respondeu</b>	Não respondeu à questão 12		8Z / 12Z

**Anexo 19 – Questão 1 do inquérito aos encarregados de educação****Frequência com que acompanham o estudo dos/as educandos/as**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Diariamente	4	2	6	36%	17%	26,08%
1-2 vezes por semana	4	8	12	36%	67%	52,17%
Uma vez por mês	0	0	0	0%	0%	0%
Na véspera dos testes	0	0	0	0%	0%	0%
No final do período	0	0	0	0%	0%	0%
Quando o(a) meu/minha educando(a) solicita	3	2	5	27%	17%	21,73%
Não tenho oportunidade de acompanhar o estudo do(a) meu/minha educando(a)	0	0	0	0%	0%	0%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

**Anexo 20 – Questão 2 do inquérito aos encarregados de educação****Recursos utilizados pelos(as) educandos(as) para estudar História**

	Frequência da resposta			Porcentagem do nº de encarregados		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Manual escolar adotado pela escola	11	10	21	100%	83%	91,3%
Manuais escolares não adotados pela escola	1	2	3	9%	17%	13,04%
Caderno de Atividades	7	5	12	64%	42%	52,17%
Livros e/ou enciclopédias	1	1	2	9%	8%	8,69%
Sites na internet	6	6	12	55%	50%	52,17%
Vídeos e <i>podcasts</i>	2	1	3	18%	8%	13,04%
Caderno diário	8	10	18	73%	83%	78,26%
Revistas e jornais	0	0	0	0%	0%	0%
Mapas	0	1	1	0%	8%	4,34%
Televisão	1	2	3	9%	17%	13,04%
Escola Virtual	1	0	1	9%	0%	4,34%

**Anexo 21 – Questão 3 do inquérito aos encarregados de educação****Frequência de utilização do manual escolar no estudo de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Diariamente	2	3	5	20%	25%	22,72%
Várias vezes por semana	8	7	15	80%	58%	68,18%
Uma vez por mês	0	1	1	0%	8%	4,54%
Raramente	0	1	1	0%	8%	4,54%
Total	10	12	22	100%	100%	100%

**Anexo 22 – Questão 4 do inquérito aos encarregados de educação****Percepção dos encarregados de educação acerca da importância do uso do manual escolar na disciplina de História**

	Frequência da resposta			Porcentagem		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Sim	11	10	21	100%	83%	91,3%
Não	0	1	1	0%	8%	4,35%
Indiferente	0	1	1	0%	8%	4,35%
Total	11	12	23	100%	100%	100%

**Anexo 23 – Questão 4 do inquérito aos encarregados de educação****Razões apresentadas pelos encarregados de educação que assinalaram “Sim”**

Categorias	Subcategorias	Transcrição	Código do participante
Apoio ao estudo	Apoio ao estudo	“Porque sem eles não conseguiam estudar.” “Os manuais são sempre um complemento ao estudo.” “ajuda a minha educanda a estudar”	E-1Z E-10Z E-11X
	Orientação/guia	“Serve de orientação e ajuda na matéria.” “A professora segue a matéria pelo manual. E ele tem exercícios e textos para consultar.” “Para acompanhamento da matéria dada em ambiente escolar, uma vez que os recursos do professor podem ser outros.”	E-8Z E-12Z E-5X
	Autonomização	“Os alunos podem estudar ao seu ritmo e não necessitam de outras ferramentas de trabalho.”	E-4X
Conteúdos	Repositório de conteúdo da disciplina	“Supostamente tem todos os conteúdos q. estão a ser lecionados.” “tem a informação necessária” “Dispõe da informação cientificamente correta.”	E-2Z E-6Z E-10X
	Sistematização / sintetização	“A informação encontra-se sistematizada para os objetivos lecionados pela disciplina.” “Síntese dos conteúdos programáticos”	E-5Z E-6X
	Importância	“Porque os seus conteúdos são importantes para a aprendizagem.”	E-1X

<b>Aprendizagens</b>	Promoção das aprendizagens	“Acho fundamental a utilização do manual para melhor compreensão.”	E-8X
<b>Não explicitou a razão</b>	Não explicitou a razão		E-4Z / E-7Z / E-9Z / E-2X / E-3X / E-7X / E-9X

<b>Categorias</b>	<b>Encarregados do 8º ano</b>	<b>Encarregados do 10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Apoio ao estudo	3	4	7
Conteúdos	3	3	6
Aprendizagens	1	0	1
Não explicitou a razão	4	3	7
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>21</b>

### Anexo 24 – Questão 5 do inquérito aos encarregados de educação

#### Componentes mais importantes de um manual escolar de História

	Frequência da resposta			Porcentagem sobre o nº de encarregados		
	8ºX	10ºZ	Total	8ºX	10ºZ	Total
Textos completos e desenvolvidos	2	4	6	18%	33%	26%
Textos sintéticos e objetivos	9	6	15	82%	50%	65%
Imagens e figuras	7	8	15	64%	67%	65%
Gráficos e tabelas	4	2	6	36%	17%	26%
Dossiês de documentos	1	4	5	9%	33%	22%
Mapas	6	3	9	55%	25%	39%
Sátiras e banda desenhada	2	1	3	18%	8%	13%
Definições de conceitos e ideias-chave	7	6	13	64%	50%	56,5%
Glossário de conceitos	6	5	12	55%	42%	52%
Esquemas explicativos	7	6	13	64%	50%	56,5%
Exercícios e atividades	9	7	16	82%	58%	69,5%
Correção de exercícios e atividades	8	3	11	73%	25%	48%
Resumos/Sínteses	6	9	15	55%	75%	65%

## Anexo 25 – Questão 6 do inquérito aos encarregados de educação

## Categorias e subcategorias de resposta

Categorias	Subcategorias	Transcrição	Código do participante
Impacto geral	Impacto geral positivo	<p>“Acho a medida extremamente bem utilizada [...]”</p> <p>“A minha opinião é que importante. [...]”</p> <p>“Penso que é uma medida benéfica. [...]”</p> <p>“facilitador do processo educativo”</p>	E-1Z E-4Z E-7X E-2X
	Impacto geral negativo	<p>“Apesar de, na maior parte dos casos, concordar com a distribuição gratuita dos manuais e a sua reutilização, penso que alguns alunos acabam por não valorizar estes materiais.”</p>	E-4X
Aspecto económico e aspecto ecológico	Aspecto económico	<p>“Esta medida foi bem implementada dado q. todos os alunos têm as mesmas oportunidades, uma vez que todos podem ter o material para o início do ano ao tempo útil, sem terem de esperar por subsídios que lhes eram atribuídos anteriormente. [...]”</p> <p>“A sustentabilidade por um lado e a preocupação por parte do aluno para estimar os manuais, bem como as dificuldades financeiras sentidas por todos torna esta medida essencial para a sociedade atual.”</p> <p>“Acho útil e vantajoso financeiramente perante os nossos rendimentos familiares desde que os concervem para posteriores utilizações.”</p> <p>“Em termos financeiros teve um bom impacto na família, pois podemos comprar outros recursos educativos com o dinheiro que poupamos na gratuidade dos manuais.</p> <p>“Importante ao nível económico e ecológico [...]”</p> <p>“Creio que é uma boa medida, ajuda as famílias principalmente as que têm mais dificuldades na compra dos mesmos. [...]”</p>	E-2Z E-5Z E-6Z E-8Z E-6X E-8X
	Aspecto ecológico	<p>“A reutilização dos manuais ajuda o meio-ambiente [...]”</p>	E-10Z
Estado de conservação dos manuais escolares	Estado de conservação dos manuais escolares	<p>“[...] porém no que consta na educação muitos deles vêm escritos e têm tendência a simplesmente copiar os exercícios.”</p> <p>“A medida é positiva mas carece de verificação anual ao estado dos manuais p/ estudo dos alunos seguintes”</p> <p>“Não, porque o livro vem novo.”</p>	E-10Z E-3X E-12X
Não devem ser reutilizados	Não devem ser reutilizados	<p>“[...] Acho que os livros deveriam ficar para os alunos, especialmente aqueles em que a escrita é necessária (ex: inglês, ciências, matemática...)”</p>	E-5X

<b>Impacto positivo na formação do educando</b>	Ensina a estimar os manuais escolares	“O impacto no meu educando foi positivo. Veio reforçar nele a importância de “cuidar” ainda mais dos livros, a importância de reutilizar os materiais escolares e aprender a utilizar/fazer os exercícios dos livros, só os estritamente necessários, fazendo os restantes no caderno.”	E-12Z
<b>Impacto negativo na formação do educando</b>	Não poder escrever/sublinhar no livro	“Penso que o não poder sublinhar prejudica a aquisição dos conteúdos com maior facilidade.”	E-10X
<b>Não teve impacto na formação do educando</b>	Não teve impacto na formação do educando	“não teve impacto no meu educando.” “[...]o impacto na formação julgo não ter tido alteração.” “ Não teve muito impacto, porque não escreve no livro, utiliza sempre para apontamentos o caderno diário.” “Não sinto impacto na medida adotada.” “[...] sem impacto na formação.” “[...] Não teve impacto na formação do meu educando.”	E-1Z E-2Z E-1X  E-5X E-6X E-8X
<b>Indiferente / Não tem opinião</b>	Escolheu comprar o manual escolar	“[...] A minha educanda nunca usufruiu por nossa opção.”	E-7X
	Indiferente	“Indiferente”.	E-3Z
	Não tem opinião	“Não.”	E-9X
<b>Não respondeu</b>	Não respondeu à questão 6		E-7Z / E-9Z / E-11Z

<b>Categorias</b>	<b>Encarregados do 8º ano</b>	<b>Encarregados do 10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Impacto geral	3	2	5
Aspectos econômicos e aspectos ecológicos	2	5	7
Estado de conservação dos manuais escolares	2	1	3
Não devem ser reutilizados	1	0	1
Impacto positivo na formação do educando	0	1	1
Impacto negativo na formação do educando	1	0	1
Não teve impacto na formação do educando	4	2	6
Indiferente/Não tem opinião	2	1	3
<b>Total</b>	15	12	27

## Anexo 26 – Questão 7 do inquérito aos encarregados de educação

## Categorias e subcategorias de resposta

Categorias	Subcategorias	Transcrição	Código do participante
Medida de Reutilização dos manuais escolares	Nada a alterar	“[...] pareceu-me que a forma como se processa a entrega e reutilização dos manuais é satisfatória.” “Não. Os manuais estão a ser bem reutilizados. [...]”	E-2Z E-10X
	Exames Nacionais	“Os manuais cujas disciplinas têm exames deveriam ficar na posse dos alunos até a sua realização, já que são um material de estudo.”	E-1Z
	Verificação do estado de conservação	“deveria haver maior controlo na verificação do estado dos manuais no ato de entrega” “Sim, o sistema de verificação dos manuais devia ser lhe dada mais atenção.” “Creio que deveria haver um maior controlo no final de cada ano para que os livros a reutilizar estejam em bom estado para os seguintes.”	E-6Z E-10Z E-8X
	Sublinhar/escrever nos manuais escolares	“Em termos de reutilização às vezes é um pouco difícil pois gostavam de poder sublinhar e não se pode fazê-lo devido a essa mesma reutilização. [...]” “Os manuais devem ser “construídos” de forma a não ser necessário escrever neles. Para que possam facilmente ser reutilizados. [...]” “Acho sempre que reutilizar é proteger o ambiente, mas considero a reutilização difícil. Isto porque os alunos de poder consultar os manuais antigos e a “não escrita” pode prejudicar o aluno. A reutilização pela escola deveria ser apenas dos livros mais “teóricos” (Ex: história;)”	E-8Z E-12Z E-5X
Conteúdos	Conteúdos	“Os manuais não permitem aceder a conteúdos iniciativos que permitam complementar o ensino teórico dos manuais”	E-3X
Exercícios e atividades	Mais exercícios	“[...] No que respeita à composição dos manuais acho que deveriam ter mais exercícios.”	E-9Z
Materiais (ex.: papel)	Materiais (ex.: papel)	“[...] E serem mais resistentes nas capas, contracapas etc.” “[...] penso que o papel/capas deveriam ser mais resistentes.”	E-12Z E-4X
Manual Digital	Manual Digital	“[...] Penso que deveríamos apostar no digital.”	E-10X
Nada a alterar	Nada a alterar	“Para mim está bem assim.” “Não” “Não, porque já são muito complexos.”	E-1X E-6X / E-11X E-9X
Indiferente / Não tem opinião	Indiferente / Não tem opinião	“Indiferente” “Não tenho opinião”	E-3Z E-7X

<b>Não respondeu</b>	Não respondeu à questão 7		E-4Z / E-5Z / E-7Z / E-9Z / E-11Z / E-2X
----------------------	---------------------------	--	---

<b>Categorias</b>	<b>Encarregados do 8º ano</b>	<b>Encarregados do 10º ano</b>	<b>Frequência total</b>
Medida de Reutilização dos manuais escolares	3	6	9
Conteúdos	1	0	1
Exercícios e atividades	0	1	1
Materiais	1	1	2
Manual Digital	1	0	1
Nada a alterar	4	0	4
Indiferente / Não tem opinião	1	1	2
Não respondeu	1	5	6
<b>Total</b>	12	14	26

**Anexo 27 – Questão 3 do inquérito aos professores de História****Atividades desenvolvidas a partir do manual escolar de História**

<b>Atividades</b>	<b>Frequência de resposta</b>
Análise e interpretação de documentos	4
Análise e interpretação de gráficos	4
Análise e interpretação de tabelas	3
Análise e interpretação de mapas	4
Análise e interpretação de imagens	4
Análise e interpretação de sátiras e de banda desenhada	1
Leitura de texto/conceitos/palavras-chave etc.	2
Resolução de exercícios	4

**Anexo 28 – Questão 5 do inquérito aos professores de História****Razões para utilizar ou não utilizar o manual escolar nas aulas**

<b>Razões</b>	<b>Frequência de resposta</b>
Utilizo, porque gosto do manual	1
Utilizo, porque os alunos gostam do manual	2
Utilizo, porque os documentos/ilustrações/atividades são úteis à minha lecionação	4
Utilizo, porque me ajuda a organizar os conteúdos e as aprendizagens	3
Não utilizo, porque não gosto do manual	0
Não utilizo, porque os documentos/ilustrações/atividades não são úteis à minha lecionação	0
Não utilizo, porque prefiro ter mais flexibilidade na organização das aprendizagens	1
“Não utilizo porque a organização temática e o tratamento dos temas não respeitam a organização dos conteúdos por referência às Aprendizagens Essenciais”	1

**Anexo 29 – Questão 6 do inquérito aos professores de História****Elementos que constituem um “bom” manual escolar de História**

<b>Razões</b>	<b>Frequência de resposta</b>
Organização	5
Clareza do design	3
Correção do conteúdo	5
Apresentação do conteúdo	4
Seleção de documentos	4
Seleção de ilustrações	4
Qualidade dos resumos	2
Qualidade das definições de conceitos	3
Glossário de conceitos	1
Seleção de gráficos e tabelas	2
Qualidade dos esquemas	3
Qualidade dos exercícios e das atividades	5

**Anexo 30 – Questão 7 do inquérito aos professores de História****Percepções acerca da medida de gratuidade e reutilização dos manuais escolares**

<b>Respostas à Questão 7</b>
“Concordo com a medida de gratuidade, mas não mudou a forma como utilizo o manual(visto não se organizar em torno das AE, nem me parece que teve impacto na forma como os alunos o utilizam.” – Professor 1
“Sim.” – Professor 2
“Em termos sociais foi, de facto, muito importante. No que respeita à forma como utilizam o manual, é possível que tenha algum impacto, mas da parte dos professores existe também o cuidado de pedir tarefas em que não seja necessário inutilizar a reutilização do manual.” – Professor 3
“Não com a gratuidade generalizada; deveriam ser gratuitos, ou subsidiados para quem realmente necessita. Para os restantes deveriam, no entanto, ter um custo de aquisição acessível. Concordo com a reutilização dos manuais, embora necessidade de devolução dos manuais no final do ano letivo, sem registos escritos, traga alguns constrangimentos. Esta situação faz com que os alunos não façam qualquer anotação no manual que, posteriormente, poderia vir a ser benéfica para desenvolver um estudo e um trabalho autónomo por parte do aluno.” – Professor 4
“Não, sempre utilizei o manual, independentemente de ser ou não gratuito.” – Professor 5

**Anexo 31 – Questão 8 do inquérito aos professores de História****Caracterização das alterações sofridas pelos manuais escolares de História**

<b>Respostas à Questão 8</b>
“As transformações mais recentes limitaram-se praticamente a reduzir o volume e peso dos manuais por causa da polémica em torno do peso das mochilas que os alunos diariamente transportam.” – Professor 1
“Positivas.” – Professor 2
“As alterações nos anos mais iniciais trouxeram conteúdos gráficos mais infantilizados, provavelmente em excesso. Contudo, houve alterações muito positivas nos manuais online, que ficaram muito completos com a interatividade com outros recursos didáticos.” – Professor 3
“Considero que os manuais perderam algum rigor e qualidade e passaram a surgir cada vez mais "infantilizados", principalmente os manuais do Ensino Básico. Perderam alguma sobriedade e contém um excesso elementos de utilidade duvidosa.” – Professor 4
“Melhoraram consideravelmente a parte gráfica: melhorou ao nível das imagens e dos esquemas, para além de incorporarem a vertente interativa. Também ficaram mais robustos, facilitando a sua reutilização.” – Professor 5

**Anexo 32 – Questão 9 do inquérito aos professores de História****O que mudariam no manual escolar de História**

<b>Respostas à Questão 9</b>
<p>“No mínimo, que respeitem a organização das aprendizagens tendo por referência as aprendizagens essenciais . Há dois anos que estas substituíram o antigo programa, eliminando diversos conteúdos e alterando a organização de outros e os manuais permaneceram incompreensivelmente inalterados, por razões aparentemente comerciais. Atualmente torna-se muito difícil, na maior parte das vezes, indicar aos alunos o conjunto de páginas a estudar para uma avaliação ou, pior ainda, para explorar uma AE.” – Professor 1</p>
<p>“Continuar no mesmo caminho evolutivo.” – Professor 2</p>
<p>“Considero que, mais do que os manuais em si, devem ser atualizados os seus conteúdos, assim como as aprendizagens essenciais. Por exemplo, no 7º ano, não parece lógico que alunos tão jovens devam aprender um processo evolutivo que vai desde os primeiros homínídeos até à crise no século XIV num só ano letivo, isto tendo em consideração a carga horária semanal, que varia entre as 2 e as 2,5 horas.” – Professor 3</p>
<p>“Considero que os manuais do ensino secundário têm qualidade e devem mantê-la; devem privilegiar a clareza e organização do texto informativo, bem como a qualidade dos documentos escritos e iconográfico, tabelas, ... No caso dos manuais do ensino básico, devem melhorar a organização dos assuntos a abordar e adquirir mais sobriedade, privilegiando um bom texto informativo, incluir mais documentos, manter alguns exercícios e eliminar todo os excessos de informação visual que neste momento contêm.” – Professor 4</p>
<p>“Estimulem a interatividade” – Professor 5</p>

**Anexo 33 – Questão 1 do segundo inquérito aos estudantes****Categorias e subcategorias de resposta**

Categorias	Subcategorias	Respostas	Código do participante
Auxílio no estudo	Auxiliar no estudo	<p>“auxiliar o estudo dos alunos”</p> <p>“A função do manual escolar é auxiliar no estudo dos alunos e auxiliar na compreensão da matéria em estudo.”</p> <p>“[...] estudo [...]”</p> <p>“[...] ajuda nos não só durante as aulas mas também em casa para estudar e fazer resumos.”</p> <p>“[...] e a estudar.”</p> <p>“Um manual escolar ajuda o estudante a estudar melhor [...]”</p> <p>“Ajudar-nos a obter informação para o estudo.”</p> <p>“Objeto de estudo durante as aulas e em casa com informações necessárias para a aprendizagem dos alunos [...]”</p>	<p>21Z</p> <p>7Z</p> <p>16Z</p> <p>10Z</p> <p>13Z</p> <p>20Z</p> <p>9Z</p> <p>14Z</p>
Transmissão de conhecimentos/informação	Transmitir conhecimentos/informação	<p>“O manual serve para nos dar informações sobre a matéria [...]”</p> <p>“A função do manual escolar é para obtermos mais conhecimentos, para podermos - os aplicar em fichas e elementos de avaliação.”</p> <p>“A função do manual é transmitir informação da melhor maneira possível, para que a pessoa que o esteja a ler consiga reter informação essencial para a matéria que se encontra a estudar.”</p> <p>“Dar a informação necessária para estudar e saber a matéria sem precisar de recorrer a outros meios.”</p> <p>“Recurso de informação.”</p> <p>“A função é dar-nos informações sobre as épocas históricas.</p> <p>Ensinar como eram as gerações passadas e as influências que tem até hoje.”</p> <p>“Para requerir conhecimento sobre a matéria e com certas curiosidades dessa matéria, assuntos mais aprofundados e com documentos.”</p> <p>“A principal função dos manuais escolares é transmitir a matéria de forma clara, e precisa com integração de documentos informativos, integrados na matéria.”</p> <p>“Ter a matéria registrada para facilitar a aprendizagem e agilizar o estudo.”</p>	<p>10Z</p> <p>5Z</p> <p>28Z</p> <p>27Z</p> <p>17Z</p> <p>24Z</p> <p>18Z</p> <p>6Z</p> <p>3Z</p>
Explicação das matérias	Explicar as matérias	<p>“Na minha opinião, a função do manual escolar é explicar a matéria [...]”</p> <p>“Ajudar-nos a compreender a matéria de forma organizada, clara e objetiva.”</p> <p>“Explicar a matéria a ser lecionada com exemplos.”</p> <p>“Explicar a matéria e esclarecer.”</p> <p>“Explicar a matéria e dar a conhecer os documentos.”</p> <p>“Ajudar nas aprendizagens essenciais.”</p> <p>“Dar uma ideia de como eram as coisas antes através de palavras que possamos compreender e ter mais conhecimento,</p> <p>Ajudar-nos a ter boas notas pois tem o conteúdo necessário.”</p>	<p>22Z</p> <p>23Z</p> <p>12Z</p> <p>15Z</p> <p>2Z</p> <p>8Z</p> <p>26Z</p>

		“Apresentar a matéria de uma forma resumida, com documentos apropriados, e de uma forma que todos entendam.”	25Z
Consolidação de aprendizagens	Exercícios	“[...] e com exercícios práticos para os treinar.” “[...] e dar-nos alguns exercícios para fazer-mos para consolidar a matéria que aprendemos.”	14Z 22Z
Instrumento de pesquisa	Instrumento de pesquisa	“A função do manual escolar é de pesquisa [...]” “A função de um manual num trabalho de pares tem grande parte em ajudar a pesquisa e recolha de informações.”	16Z 19Z
Instrumento de consulta	Instrumento de consulta	“[...] e consulta.” “Ajuda na consulta da disciplina [...]”	16Z 13Z
Guia / Orientação	Guiar e orientar nas aprendizagens	“Na minha opinião, o manual escolar tem como função guiar tanto como os alunos tal como os professores de forma a reter e recolher informação sobre as matérias lecionadas ao longo do ano letivo.” “O Manual é necessário para nos podermos orientar enquanto à matéria.”	11Z 1Z
Integração de conteúdos	Integrar conteúdos	“[...] e a ver melhor as temáticas no seu dia-a-dia.”	20Z

### Anexo 34 – Questão 4 do segundo inquérito aos estudantes

#### Categorias e subcategorias de resposta

Categorias	Subcategorias	Transcrição	Código do participante
Nada a alterar	Nada a alterar	“Não”  “Não há.” “Não, obrigado!” “Não por mim esta tudo perfeitamente abordado.” “Não acho que não.” “Na minha opinião está bem aprofundado e relativamente completo.” “Não, acho que as temáticas encontram-se bem abordadas.”	7Z / 28Z / 17Z / 10Z / 20Z / 1Z / 15Z / 8Z 22Z 13Z 19Z 24Z 18Z 3Z
Composição	Documentos	“Menos documentos no manual porque são muitos” “Acredito que os documentos que têm imagens poderiam estar de maneira mais resumida e explicada.” “Alguns documentos são difíceis de compreender, podia haver explicações para certos documentos.”	21Z 23Z 27Z

	Texto informativo	“Poderia ter textos mais pequenos mas que abordassem ainda melhor a matéria e gráficos com esquemas.”	26Z
	Esquemas	“Sim, esquemas assim dava para entender melhor a matéria.”	2Z
Clareza da explicação	Clareza da explicação	“Acho que algumas coisas deviam ser mais explicitas, mas no entanto percebe-se bem.”	5Z
		“Algumas matérias não estão bem explicadas devido a falta de informação ou esquemas confusos. Gostaria que este problema fosse resolvido.”	14Z
Abordagem de temáticas específicas	Temáticas ligadas às mulheres	“Um exemplo é as bruxas da noite, que matavam nazis, foram muito importantes mas nunca falamos das histórias. Apresentar histórias, grupos ou pessoas, vai cativar a atenção mais fácil.”	25Z
	Temáticas ligadas à arte	“Acho que as matérias ligadas à arte devia ser melhor abordada em relação aos artistas.”	6Z
Organização da página	Organização do texto e dos documentos	“Gostaria que os documentos estivessem misturados com o texto, em vez de ter apenas uma página para texto e outra para documentos.”	9Z
Não respondeu	Não respondeu à questão 4		16Z / 11Z / 12Z

#### Temáticas que gostariam de ver aprofundadas

Categorias de resposta	Frequência
Não precisa mudar	14
Composição (documentos, esquemas, resumos etc.)	5
Clareza da explicação	2
Abordagem de temáticas específicas	2
Organização da página	1
Não respondeu	3
<b>Total</b>	<b>35</b>

## Anexo 35 – Primeira atividade de interpretação de fontes escritas

Documentos aplicados<sup>173</sup>

## DOC. 33 O testemunho de Garcia de Orta

Numa passagem da obra *Colóquios, o médico e botânico Garcia de Orta, grande estudioso das plantas orientais, trava um curioso diálogo com o seu discípulo Ruano:*

**Ruano** – Não é fora de razão, pois tantos trabalhos os Portugueses levam por haver toda a pimenta à sua mão [...], que me digais onde é a força e a quantidade dela maior, e como se chama nas terras donde nasce, e como se colhe, e a feição da árvore, e se é cá usada para medicina.

**Orta** – A maior quantidade desta pimenta há em todo o Malabar e ao longo desta costa, do princípio do cabo do Comorim até Cananor [na Índia] [...].

**Ruano** – Da feição da árvore, como cresce e como se cria toda a pimenta em uma árvore me dizeis; pois nisto concordam os Gregos, Latinos e Arábios todos e os novos escritores que hoje em dia escrevem.

**Orta** – Todos a uma voz se concertaram a não dizer verdade, se não que Dioscórides<sup>1</sup> é digno de perdão, porque escreveu por falsa informação, e de terras longínquas, e o mar não ser navegado como agora é; e a esse imitou Plínio<sup>2</sup>, e Galeno<sup>3</sup>, e Isidoro<sup>4</sup>, e Avicena<sup>5</sup> e todos os Arábios. A pimenta, isto é, a árvore ou planta é plantada ao pé de outra árvore e na

maior parte das vezes a vejo sempre plantada ao pé de alguma arequeira ou palmeira. Tem a raiz pequena e cresce tanto quanto a árvore a que está encostada, abraçando-se com a árvore; e a folha não é muita, nem muito grande, e é mais pequena que a de laranjeira e verde e aguda na ponta e queima algum pouco [...]; nasce como as uvas em cachos e não difere mais que serem os cachos da pimenta mais miúdos nos grãos que os das nossas uvas e não serem tão grandes os cachos como os das uvas; e sempre estão verdes até ao tempo em que seque a pimenta e esteja em sua perfeição e força, que é até meados de janeiro; neste Malabar, a planta é de duas maneiras, uma que dá pimenta preta e outra branca. [...]

**Ruano** – Parece-me que destruí a todos os escritores antigos e modernos, por isso olhai o que fazeis.

Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicináveis da Índia*, 1.ª edição em 1563.

- 1 Médico, botânico e farmacologista greco-romano do século I.
- 2 Escritor romano do século I, foi autor de *História Natural*, compêndio do conhecimento científico antigo.
- 3 Médico famoso do mundo romano, viveu nos séculos II-III.
- 4 Bispo de Sevilha, viveu nos séculos VI-VII, distinguindo-se pela transmissão do saber clássico no reino visigodo.
- 5 Sábio islâmico dos séculos X-XI, cujos conhecimentos médicos e farmacêuticos foram estudados nas universidades medievais.

ETHALU-PI © Porto Editora

## DOC. 34 O testemunho de Duarte Pacheco Pereira

Ptolomeu (século II) escreve, na pintura de suas antigas tábuas de cosmografia, o mar Índico ser assim como uma alagoa, afastado, por muito espaço, do nosso mar oceano ocidental<sup>1</sup> que pela Etiópia meridional passa; e que entre estes dois mares ia uma ourela de terra, por impedimento da qual, para dentro, para aquele gólfão Índico, per nenhum modo, nenhuma nau podia passar. Outros disseram que este caminho era de tamanha quantidade que, por sua longura, se não podia navegar, e que nele havia muitas sereias e outros grandes peixes e animais nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer.

Pompónio Mela (século II), no princípio do seu segundo livro e assim no meio do terceiro *De Situ Orbis*, e Mestre João de Sacrobosco (século XIII), inglês, excelente autor na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo do seu *Tratado da Esfera* cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial<sup>2</sup> eram inabitáveis pela muito grande quentura do Sol [...]; o que tudo isto é falso [...]. E como quer que a experiência é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade [...].

Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, 1505-1508 (adaptado).

<sup>1</sup> Oceano Atlântico. <sup>2</sup> Equador.



Primeira página de *Esmeraldo de Situ Orbis*.

<sup>173</sup> Maria Antónia Monterosso Rosas e Célia Pinto do Couto e Elisabete Jesus, *Entre Tempos – História A – 10º ano, Parte 3* (Porto: Porto Editora, 2022), 42.

**Anexo 36 - Distribuição das respostas dos alunos nos níveis de análise das fontes (1ª atividade)****Categorias utilizadas por Maria Gorete Moreira**

Níveis de elaboração da resposta	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Frequência total
1. Cópia	0	4	1	5
2. Reformulação da mensagem	7	9	5	21
3. Opinião emergente	10	4	8	22
4. Opinião fundamentada	1	2	6	9
Ignorou a fonte	1	0	2	3
Não respondeu	5	5	2	12
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>72</b>

**Anexo 37 - Distribuição das respostas dos alunos nos níveis de elaboração da interpretação de fontes escritas (1ª atividade)****Categorias utilizadas por Maria Isabel Bexiga Afonso**

Níveis de elaboração da resposta	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Frequência total
1. Interpretação incoerente ou fragmentada	8	6	6	20
2. Interpretação genérica da fonte	8	10	8	26
3. Interpretação objetiva da fonte	2	3	6	11
Ignorou a fonte	1	0	2	3
Não respondeu	5	5	2	12
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>72</b>

## Anexo 38 – Segunda atividade de interpretação de fontes escritas

Documentos aplicados<sup>174</sup>

## DOC. 5 Críticas ao clero

## A Na Inglaterra, a crítica do humanista John Colet

Eles entregam-se à festa e aos banquetes; passam o tempo em conversas vãs, participam em jogos, caçadas, falcoaria; mergulham nos prazeres deste mundo; patrocinam aqueles que alimentam os seus prazeres, misturando-se e confundindo-se com os leigos. Eles vivem como leigos, apesar do sacerdócio. Quem não vê isto? E quem vê, o que faz? [...]

John Colet, "Oratio habita ad clerum in convocacione" (1512), em Friedrich Seebohm, *The Oxford Reformers*, 2nd ed. (Longmans, Green & Co. 1869), pp. 230-247.

## DOC. 7 A reforma luterana

## A Martinho Lutero (1483-1546)



Pintura de Lucas Carnach, o Velho (1517).

## B As 95 Teses Contra as Indulgências (1517)

1. Ao dizer "Façam penitência...", o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse uma penitência.
2. O papa não quer, nem pode, perdoar alguma pena, exceto aquelas que ele tenha imposto por sua própria vontade [...].
21. Erram, pois, os pregadores das indulgências que dizem que, pelas indulgências do papa, o homem fica livre de toda a pena e fica salvo [...].
27. Pregam doutrina puramente humana [não divina] os que dizem que "logo que o dinheiro cai na caixa a alma se liberta [do Purgatório]" [...].
32. Serão eternamente condenados com os seus mestres aqueles que pensam que as indulgências lhes asseguram a salvação [...].
36. Todo o cristão verdadeiramente arrependido tem direito à remissão plena da pena e da culpa, mesmo sem as indulgências [...].
43. Deve-se ensinar aos cristãos que aqueles que dão aos pobres ou emprestam aos necessitados fazem melhor do que comprar as indulgências [...].
86. Porque é que o papa, cujas riquezas são hoje maiores do que as dos Crassos<sup>1</sup> mais opulentos, não constrói a Basílica de São Pedro com o seu próprio dinheiro, em vez de fazê-lo com o dinheiro dos seus pobres fiéis?

Martinho Lutero, *Oeuvres*, em L. Gauthier e A. Troux (dir.), "Recueil de Textes d'histoire", Tome III, *Les Temps Modernes*, 1967.

<sup>1</sup> Família rica da Roma republicana, que desempenhou funções políticas e militares.

<sup>174</sup> Maria Antónia Monterosso Rosas e Célia Pinto do Couto e Elisabete Jesus, *Entre Tempos – História A – 10º ano, Parte 3* (Porto: Porto Editora, 2022), 114.

**Anexo 39 - Distribuição das respostas dos alunos nos níveis de análise das fontes (2ª atividade)****Categorias utilizadas por Maria Gorete Moreira**

Níveis de elaboração da resposta	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Frequência total
1. Cópia	10	0	6	2	18
2. Reformulação da mensagem	3	4	2	4	13
3. Opinião emergente	1	7	3	1	12
4. Opinião fundamentada	1	2	4	6	13
Ignorou a fonte	3	7	4	3	17
Não respondeu	3	2	2	5	12
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>84</b>

**Anexo 40 - Distribuição das respostas dos alunos nos níveis de elaboração da interpretação de fontes escritas (2ª atividade)****Categorias utilizadas por Maria Isabel Bexiga Afonso**

Níveis de elaboração da resposta	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Frequência total
1. Interpretação incoerente ou fragmentada	9	2	9	4	24
2. Interpretação genérica da fonte	5	10	3	6	24
3. Interpretação objetiva da fonte	1	2	4	4	11
Ignorou a fonte	3	7	4	3	17
Não respondeu	3	2	2	5	12
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>84</b>

**Anexo 41 – Questão 5 do Questionário de Autoavaliação do trabalho “Páginas do Manual...”****Professores e alunos devem ou não participar na elaboração de manuais de História**

Devem ou não participar	Frequência de resposta	Justificativa apresentada	Frequência de resposta	O aluno participaria	Frequência de resposta
Sim	19	Tornar os manuais mais didáticos e mais compreensíveis pelos alunos	10	Sim	13
		Tornar os manuais mais interessantes	1		
		Os alunos utilizam o manual, logo devem opinar	2	Não	4
		Adicionar conteúdo relevante ao manual	1		
		Não justificou a resposta	5		
Não	1	Não gostaria de participar	1	Não	1
Apenas os professores	4	Os professores têm mais conhecimento, logo devem opinar	2	Não	3
		Não justificou a resposta	2		

Não respondeu	1	Não respondeu	1	Não respondeu	1
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>Total</b>	<b>25</b>

**Anexo 42 – Questão 6 do Questionário de Autoavaliação do trabalho “Páginas do Manual da Turma”**

**O que os alunos aprenderam com a atividade**

<b>Respostas</b>	<b>Frequência de resposta</b>
Sobre a sua temática	14
Sobre as outras temáticas	2
A recolher informação	4
A trabalhar em grupo	4
A trabalhar no Canva	2
A organizar informação	3
A sintetizar informação	1
A seleccionar documentos	1
Sobre a história da cidade de Coimbra (História Local)	1
Sobre a importância da diversidade de culturas	1
Que existem diversas perspectivas sobre como devem ser os manuais escolares	1
Que as perspectivas apresentadas pelo manual de História podem estar incompletas	1
Não aprendeu	1
Não sabe responder	1
Não respondeu	1